

ORGANIZADORES

ANDREZZA KARINE ARAÚJO DE MEDEIROS PEREIRA
PALMYRA SAYONARA DE GÓIS
PEDRO BERNARDINO DA COSTA JÚNIOR
RODRIGO JACOB MOREIRA DE FREITAS
ROZANE PEREIRA DE SOUSA
TALINA CARLA DA SILVA

EDUCAÇÃO

POPULAR

EM SAÚDE:

EXPERIÊNCIAS E PERSPECTIVAS

Primeira Edição
E-Book



EDUCAÇÃO

POPULAR

EM SAÚDE:

EXPERIÊNCIAS E PERSPECTIVAS



CAPA

Rickelme Dantas da Silva

COMISSÃO CIENTÍFICA

Andrezza Karine Araújo de Medeiros Pereira

Francisco Lucas Cardoso da Silva

Palmyra Sayonara de Góis

Pedro Bernardino da Costa Júnior

Rodrigo Jacob Moreira de Freitas

Rozane Pereira de Sousa

Talina Carla da Silva

COMISSÃO EDITORIAL

Dra. Sayonara Abrantes de Oliveira Uchôa

Dra. Symara Abrantes Albuquerque de Oliveira Cabral

Msc. Maria Carmem Batista de Alencar

EDITORAÇÃO

IDEIA – Inst. de Desen. Educ. Inter. e Aprendizagem



Reservados todos os direitos de publicação à
IDEIA – Inst. de Desen. Educ. Interd. e Aprendizagem
Rua Tenente Arsênio, 420 – Centro
Cajazeiras – PB CEP 58.900-000
www.editoraideiacz.com.br

É proibida a duplicação ou reprodução deste volume, no todo ou em parte, sob quaisquer formas ou por quaisquer meios (eletrônico, mecânico, gravação, fotocópia, distribuição na Web e outros), sem permissão expressa da Editora ou citação adequada da fonte.

O conteúdo e dados apresentados na obra são de inteira responsabilidade dos seus autores e orientadores.

E21

Educação popular em saúde: experiências e perspectivas [e-book]
/ organizadores: Andressa Karine Araújo de M. Pereira,
Palmyra Sayonara de Góis, Pedro Bernardino da Costa Junior,
Rodrigo Jacob Moreira de Freitas, Rozane Pereira de Sousa,
Talina Carla da Silva. – Cajazeiras, PB: Inst. Desenvol. Educ.
Interd. e Aprend. - IDEIA, 2022.

172 p.
Vários autores.
ISBN 978-65-88798-34-8

1. Educação em Saúde. 2. Educação popular. 3. Enfermagem. 4.
SUS. I. Pereira, Andressa Karine Araújo de M. II. Góis, Palmyra
Sayonara de. III. Costa Júnior, Pedro Bernardino da. IV. Freitas,
Rodrigo Jacob Moreira de. V. Sousa, Rozane Pereira de. VI. Silva,
Talina Carla da. VII. Título.

CDU – 37:614

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Perpétua Emília Lacerda Pereira - Bibliotecária- CRB15/555

ORGANIZADORES

ANDREZZA KARINE ARAÚJO DE MEDEIROS PEREIRA

PALMYRA SAYONARA DE GÓIS

PEDRO BERNARDINO DA COSTA JÚNIOR

RODRIGO JACOB MOREIRA DE FREITAS

ROZANE PEREIRA DE SOUSA

TALINA CARLA DA SILVA

AUTORES

ALBANIZA PAIVA DE MELO NETA

UERN- Universidade do Estado do Rio Grande do Norte
E-mail: albanizaneta@alu.uern.br
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7944658191381640>
Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-80292450>

ALESSANDRA GOMES DE OLIVEIRA

CAPF/UERN – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Campus Avançado de Pau dos Ferros. Departamento de Enfermagem
E-mail: alessandraoliveira@alu.uern.br
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5250289118768332>
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9929-6870>

ALYSSON HEMETÉRIO LIMA PESSOA

Acadêmica, UERN/CAPF/DEN - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Campus Avançado de Pau dos Ferros. Departamento de Enfermagem
Email: alyssonhemeterio@alu.uern.br
Lattes: <https://lattes.cnpq.br/1458466739815672>
Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8708-2632>

AMANDA CRÍZIA DUARTE DA SILVA

Acadêmica, UERN/CAPF/DEN - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Campus Avançado de Pau dos Ferros. Departamento de Enfermagem.
Email: amandacruzia@alu.uern.br, Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7196785450405302>, Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4380-5322>

AMANDA FERNANDES DOS SANTOS

Acadêmica, CAPF/UERN - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Campus Avançado de Pau dos Ferros, Departamento de Enfermagem
Email: fernandessantos@alu.uern.br
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2093121179723461>
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3346-6267>

ANA FLÁVIA PINHEIRO DIAS

Acadêmica, UERN/CAPF/DEN - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Campus Avançado de Pau dos Ferros. Departamento de Enfermagem.
Email: anadias@alu.uern.br
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8523916646867988>
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2074-2015>

ANA GABRIELA DA SILVA

UERN – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte,
Departamento de Enfermagem
E-mail: anagabriela@alu.com.br
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6187881316229596>
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1714-214X>

ANA LETÍCIA BARROS

UERN - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Departamento de enfermagem
E-mail: lleticiabarroso@gmail.com
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3514591119971675>

ANDREZZA KARINE ARAÚJO DE MEDEIROS PEREIRA

UERN - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Departamento de Enfermagem

E-mail: andrezzakarine@uern.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8538890642402300>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3817-5650>

ARTHUR SANTIAGO DE SOUZA LIMA

Acadêmico, CAPF/UERN - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Campus Avançado de Pau dos Ferros, Departamento de Enfermagem

Email: arthursantiago@alu.uern.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7140196444023319>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8500-7380>

DAÍSYS MARIA RODRIGUES MELO

UERN – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Departamento de Enfermagem

E-mail: daisysmaria@alu.com.br

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/8778993774295836>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4472-6199>

ELIANA BARRETO FIXINA

Docente, CAPF/UERN - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Campus Avançado de Pau dos Ferros, Departamento de Enfermagem

Email: elifixina@hotmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7022769319208873>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6450-9189>

EMILLY SOUZA LEITE

Acadêmica, CAPF/UERN - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte Campus Avançado de Pau dos Ferros, Departamento de Enfermagem

Email: emillysouza@alu.uern.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3058190051373418>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8682-8201>

EVA DA SILVA PAIVA

CAPF/UERN - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte Campus Avançado de Pau dos Ferros, departamento de enfermagem

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8604541881634732>

Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-6760-5747>

FERNANDA DAMASCENO SILVA

CAPF/UERN - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte Campus Avançado de Pau dos Ferros, departamento de enfermagem.

E-mail: damascenofernanda4@gmail.com, Lattes:

<http://lattes.cnpq.br/9893805884322751>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3720-7550>

FRANCISCA SUÊNIA ALVES SILVA

UERN - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Departamento de Enfermagem

sueniasilva723@gmail.com, Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6361070538640436> Orcid:

<https://orcid.org/0000-0002-9308-202X>

FRANCISCO LUCAS CARDOSO DA SILVA

UERN – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Departamento de Enfermagem

E-mail: franciscolucas@uern.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6369795223540953>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1522-8847?lang=pt>

GISELLE PEREIRA DA SILVA

CAPF/UERN – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Campus Avançado de Pau dos Ferros. Departamento de Enfermagem.

E-mail: gisellepereira@alu.uern.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0559044182914336>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8742-0697>

GRAÇA ROCHA PESSOA

CAPF/UERN - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte Campus Avançado de Pau dos Ferros, departamento de enfermagem.

E-mail: gracarocha@uern.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6314000394524535>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5772-8540>

HUGO LEONARDO DE QUEIRÓS SILVA

UERN - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Departamento de enfermagem

E-mail: hugoleo560@gmail.com

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/1342926315586865>

ISADORA JORDANA LOPES DE FREITAS

UERN – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Departamento de Enfermagem

E-mail: isadorajordana@alu.uern.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9637815740214966>

ISADORA MESQUITA NUNES

UERN - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Departamento de Enfermagem

E-mail: isadoramesq2013@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7397328132650859>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5252-4277>

JANAILDO JOSEMAR DAVINO

UERN - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Departamento de enfermagem

E-mail: Janaildodavino@alu.uern.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2552230115607081>

JOSÉ AMÉRICO SOBRINHO¹

Acadêmico, UERN/CAPF/DEN - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Campus Avançado de Pau dos Ferros. Departamento de Enfermagem

Email: josesobrinho@alu.uern.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7034201714212178>

JOÃO ANTÔNIO MAIA FREITAS

CAPF/UERN - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte Campus Avançado de Pau dos Ferros, departamento de enfermagem

E-mail: joaoantonio@alu.uern.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1312304812821426>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8137-974X>

JOÃO BATISTA DE ALMEIDA FILHO

UERN- Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

E-mail: batistaalmeida@alu.uern.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6984368876352117>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5955-7589>

JOSÉ HENRIQUE FRANÇA SOUZA

CAPF/UERN – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Campus Avançado de Pau dos Ferros. Departamento de Enfermagem.

E-mail: henriquefranca@alu.uern.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7978261088259402>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2725-8047>

JOSE PLYNIO DO REGO LEITE

UERN - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Departamento de enfermagem

E-mail: plyniorego@outlook.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7111298842118449>

KAISSA DE ALMEIDA SILVA

Acadêmica, CAPF/UERN - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Campus Avançado de Pau dos Ferros, Departamento de Enfermagem.

Email: kaissaalmeida@alu.uern.br

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/8493821725393190>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8932-9408>

LAURA ELYSE SOUZA DE QUEIROZ

Acadêmica, CAPF/UERN - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Campus Avançado de Pau dos Ferros, Departamento de Enfermagem.

Email: lauraelyse@alu.uern.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3705897126496126>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0342-6766>

LAURA PEREIRA DA SILVA DANTAS

CAPF/UERN - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte Campus Avançado de Pau dos Ferros, departamento de enfermagem.

E-mail: Laura.dantas12@hotmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3364542287752990>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0935-756X>

LUCAS SOUZA LEITE

CAPF/UERN - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte Campus Avançado de Pau dos Ferros, departamento de enfermagem.

E-mail: Lucassforn.1998a@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4130823441590217>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0312-5661>

LUCYLLA RAYANNE TORRES DE ALMEIDA

Acadêmica, CAPF/UERN - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Campus Avançado de Pau dos Ferros, Departamento de Enfermagem.

Email: lucyllarayanne@alu.uern.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0739775107436599>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1208-2555>

LUIZ FERNANDO BRITO DA COSTA

Acadêmico, UERN/CAPF/DEN - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Campus Avançado de Pau dos Ferros. Departamento de Enfermagem.

Email: fernandobrito@alu.uern.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0526794280422487>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8868-0850>

MARCELO MIRANDA DA SILVA

Acadêmico, CAPF/UERN - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Campus Avançado de Pau dos Ferros, Departamento de Enfermagem

Email: marcelomiranda@alu.uern.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8200203994569049>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1463-857X>

MARIA CECILIA FARIAS PAIVA

CAPF/UERN - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte Campus Avançado de Pau dos Ferros, departamento de enfermagem

E-mail: Evapaiva.ce@hotmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0320106279080611>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9942-7893>

MARIA MARLINDA DE ALMEIDA

UERN- Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

E-mail: mariamarlinda@alu.uern.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7225234026602153>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1616-6529>

MARIA EDUARDA SANTOS ANDRADE

Acadêmica, CAPF/UERN - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Campus Avançado de Pau dos Ferros, Departamento de Enfermagem

Email: eduardaandrade@alu.uern.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3714438775047949>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2961-3324>

MARLA SILVANEIDE PINTO DE SOUZA

CAPF/UERN – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Campus Avançado de Pau dos Ferros. Departamento de Enfermagem

E-mail: marlasilvaneide@alu.uern.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2169425578006708>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8462-8361>

MARIA LUIZA OLIVEIRA DA COSTA

UERN – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Departamento de Enfermagem

E-mail: oliveiracosta@alu.uern.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4383469246243356>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3013-5219>

MIRELLY ANNY DA SILVA

UERN- Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

E-mail: mirellysilva@alu.uern.br

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/3148338849162413>

Orcid: <https://orcid.org/000-0001-8264-8553>

PALMYRA SAYONARA DE GÓIS

UERN- Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

E-mail: palmyragois@uern.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7664037401712523>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8824-0532>

PAULA MICAEL OLIVEIRA DANTAS

Acadêmica, UERN/CAPF/DEN - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Campus Avançado de Pau dos Ferros. Departamento de Enfermagem

Email: pauladantas@alu.uern.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6522981482674400>

PEDRO BERNARDINO DA COSTA JÚNIOR

Docente, UERN/CAPF/DEN - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Campus Avançado de Pau dos Ferros. Departamento de Enfermagem.

Email: enfpedrojr@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5055167011531215>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1234-4006>

RAQUEL FONTES CAVALCANTI

UERN – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Departamento de Enfermagem

E-mail: raquelfontes@alu.uern.br

RAYANE DE FREITAS BESSA

Acadêmica, CAPF/UERN - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Campus Avançado de Pau dos Ferros, Departamento de Enfermagem

Email: rayanebessa@alu.uern.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2894179922972438>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1226-245X>

RAYLLA CLARA DE QUEIROZ OLIVEIRA

CAPF/UERN - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte Campus Avançado de Pau dos Ferros, departamento de enfermagem

E-mail: rayllaoliveira@alu.uern.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2463299086171004>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2093-7648>

RENYELLE MESQUITA MELLO

UERN - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Departamento de Enfermagem

E-mail: renyellemesquita2017@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8461691324566056>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3563-230X>

RICHELIEU LUCIANI DE OLIVEIRA

UERN – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Departamento de Enfermagem

E-mail: richelieuoliveira@alu.uern.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6106318537124140>

RICKELME DANTAS DA SILVA

CAPF/UERN – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Campus Avançado de Pau dos Ferros. Departamento de Enfermagem

E-mail: rickelmedantas@alu.uern.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5077275103147779>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4329-4032>.

RODRIGO JÁCOB MOREIRA DE FREITAS

CAPF/UERN – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Campus Avançado de Pau dos Ferros. Departamento de Enfermagem
E-mail: rodrigojacob@uern.br
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4519629228007618>
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5528-2995>

ROZANE PEREIRA DE SOUSA

Docente, CAPF/UERN - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Campus Avançado de Pau dos Ferros, Departamento de Enfermagem
Email: rozanepereira@uern.br
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9929423706690747>
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2619-8161>

SONNALY ALEXANDRE PINTO

CAPF/UERN - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte Campus Avançado de Pau dos Ferros, departamento de enfermagem
E-mail: sonnalyalexandre4@gmail.com
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4341639211374789>
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6711-3507>

STEFFANY HENRIQUE DE QUEIROZ¹

Acadêmica, CAPF/UERN - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Campus Avançado de Pau dos Ferros, Departamento de Enfermagem
Email: steffanyhenrique@alu.uern.br
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3978352753401706>
Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6450-9189>

TAIANE MILLENA COSTA NASCIMENTO

UERN- Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.
E-mail: taianemillena@alu.uern.br
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9294729046472809>
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6765-9921>

TALINA CARLA DA SILVA

CAPF/UERN - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte Campus Avançado de Pau dos Ferros, departamento de enfermagem
E-mail: talinacarla@uern.br
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1386411473907330>
Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8859-1738>

VANESSA CAROLINA MAIA BENTO

UERN- Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.
E-mail: vanessabento@alu.uern.br
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4044722562414645>
Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7494-4467>

PREFÁCIO

"Eu sou um intelectual que não tem medo de ser amoroso. Eu amo as gentes e amo o mundo. E é porque amo as pessoas e amo o mundo que eu brigo para que a justiça social se implante antes da caridade" – Paulo Freire, Patrono da Educação no Brasil.

Foi com alegria e esperança de dias melhores que recebi o convite para prefaciar o livro Educação popular em saúde: experiências e perspectivas, construído por professoras, professores, alunas e alunos do curso de Enfermagem da UERN/Campus Pau dos Ferros/RN. Tal obra, escrita a muitas mãos e representativa de um curso de Enfermagem que, de modo coletivo e colaborativo, tem trabalhado e contribuído para os estudos na área da saúde e da Educação popular em saúde no Alto Oeste Potiguar. Prefaciar um livro de tamanha envergadura é, sobretudo, motivo de gratidão e de me sentir parte da resistência das e dos profissionais e das/dos alunas/os da área de Enfermagem que sempre compreendi como de importância basilar para as ações de saúde coletiva e de acolhimento das populações mais carentes no país. É também acreditar que a ciência é força viva e pulsante, que se constrói coletivamente.

Os textos que compõem este livro foram escritos em um momento crítico em que estávamos mergulhadas/os em uma pandemia e em um momento político em que as políticas públicas no país, inclusive as de saúde, estavam relegadas ao engavetamento, ao retrocesso e ao atraso. Um momento de profunda desvalorização da ciência e dos profissionais da saúde e da educação. Logo, configura-se também em um coletivo de textos esperançoso, que conjuga o verbo esperar freireano...verbo que traz em si a luta pela sobrevivência das populações mais pobres do nosso país e, ao mesmo tempo, inscreve-se na resistência cotidiana contra uma necropolítica que se estabeleceu nos últimos quatro anos no Brasil.

É do meio do sertão que o livro faz a denúncia e o anúncio de dias melhores, de que primaveras são possíveis e que as estamos construindo diuturnamente. As produções apresentadas nesta obra, materializam a potência de produções na área da Enfermagem que procuram aliar pesquisa, formação e luta pelo direito humano mais fundamental: o direito à vida. E à vida com dignidade. Além disso, a meu ver, o livro que ora temos em mãos nos convoca para a luta, para a resistência e para o enfrentamento a todo e qualquer projeto antidemocrático e que desrespeite o nosso

direito de existir com dignidade, seja nas pesquisas ou nas práticas que ocorrem no interior e no exterior de nossas instituições educativas.

Sim, não queremos ser apenas representadas/os e representantes de um sertão da sequeidão, da dificuldade, do não ter e do conformismo...somos antes o sertão das secas e chuvas, dos saberes, da ciência, do mandacaru com espinhos e flores em toda a sua potência de vida. O SER TÃO dos paradoxos, das mudanças bruscas de estação, das quebras de paradigmas como são os textos que compõem este livro.

E é nessa perspectiva que a leitura deste coletivo de textos nos faz passear por um leque de possibilidades de compreender a educação popular em saúde, passando por questões de geração, questões que nascem ou são refletidas no chão da escola, nas unidades de saúde, na formação de profissionais de saúde que lidam diretamente com as populações mais carentes dos nossos municípios. Um novo jeito de pensar a saúde é requisitado a cada texto em que nos permitimos mergulhar...um novo jeito que é comprometido, decente e honesto, que pensa a saúde na multiplicidade de aspectos que a compõe e não apenas assentado no pragmatismo a que é viciado o nosso olhar quando se volta para a mesma.

Por fim, o livro que temos em mãos é uma comprovação da utopia possível de que vale a luta em defesa do Sistema Único de Saúde, das universidades públicas, gratuitas, laicas, de qualidade e socialmente referenciadas que produzem pesquisas e contribuem com a sociedade brasileira! Boa leitura!

Prof^a Dr^a Maria Roberta de Alencar Oliveira.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	18
EDUCAÇÃO EM SAÚDE COMO FERRAMENTA DE PROMOÇÃO À SAÚDE DE UM GRUPO DE IDOSOS: RELATO DE EXPERIÊNCIA	19
<i>Giselle Pereira da Silva</i>	
<i>José Henrique França Souza</i>	
<i>Rickelme Dantas da Silva</i>	
<i>Alessandra Gomes de Oliveira</i>	
<i>Marla Silvaneide Pinto de Souza</i>	
<i>Rodrigo Jacob Moreira de Freitas</i>	
EDUCAÇÃO EM SAÚDE NA ESCOLA COM ALUNOS DO SEGUNDO ANO DO ENSINO MÉDIO SOBRE ANSIEDADE: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA	31
<i>Amanda Crízia Duarte da Silva</i>	
<i>Ana Flávia Pinheiro Dias</i>	
<i>Luiz Fernando Brito da Costa</i>	
<i>Pedro Bernardino da Costa Júnior</i>	
EDUCAÇÃO POPULAR EM SAÚDE COM ESCOLARES SOBRE PRIMEIROS SOCORROS VOLTADO PARA O ENGASGO: RELATO DE EXPERIÊNCIA.....	43
<i>Albaniza Paiva de Melo Neta</i>	
<i>Mirelly Anny da Silva</i>	
<i>Palmyra Sayonara de Góis</i>	
<i>Taiane Millena Costa Nascimento</i>	
EDUCAÇÃO POPULAR EM SAÚDE COM ESTUDANTES: REPENSANDO O PRECONCEITO NA ESCOLA	51
<i>Andrezza Karine Araújo de Medeiros Pereira</i>	
<i>Francisca Suênia Alves Silva</i>	
<i>Isadora Mesquita Nunes</i>	
<i>Renyelle Mesquita Mello</i>	
EDUCAÇÃO POPULAR EM SAÚDE COM ESTUDANTES SOBRE ANSIEDADE: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA	66
<i>Andrezza Karine Araújo de Medeiros Pereira</i>	
<i>Ana Gabriela da Silva</i>	
<i>Dáisy Maria Rodrigues Melo</i>	
<i>Maria Luiza Oliveira da Costa</i>	
EDUCAÇÃO POPULAR EM SAÚDE SOBRE AUTOLESÃO NÃO SUICIDA ENTRE ADOLESCENTES: RELATO DE EXPERIÊNCIA.....	79
<i>Isadora Jordana Lopes de Freitas</i>	
<i>Raquel Fontes Cavalcanti</i>	
<i>Richelieu Luciani de Oliveira</i>	
<i>Francisco Lucas Cardoso da Silva</i>	

IMPLEMENTAÇÃO DE EDUCAÇÃO EM SAÚDE EM UNIDADES DE ENSINO
SOBRE A DOAÇÃO DE SANGUE: RELATO DE EXPERIÊNCIA 91

Kaissa de Almeida Silva
Laura Elyse Souza de Queiroz
Marcelo Miranda da Silva
Rayane de Freitas Bessa
Steffany Henrique de Queiroz
Eliana Barreto Fixina

O DESAFIO DE FAZER EDUCAÇÃO EM SAÚDE PARA AGENTES
COMUNITÁRIOS DE SAÚDE: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA..... 101

Lucas Souza Leite
Maria Cecília Farias Paiva
Eva da Silva Paiva
Talina Carla da Silva
Graça Rocha Pessoa

OS SENTIMENTOS DESENVOLVIDOS AO SE REALIZAR EDUCAÇÃO EM SAÚDE:
UM RELATO DE EXPERIÊNCIA112

Fernanda Damasceno Silva
João Antônio Maia Freitas
Laura Pereira da Silva Dantas
Raylla Clara de Queiroz Oliveira
Sonnaly Alexandre Pinto
Talina Carla da Silva

PRIMEIROS SOCORROS EM CRISE CONVULSIVA: UM RELATO DE
EXPERIÊNCIA DE EDUCAÇÃO POPULAR EM SAÚDE COM ESCOLARES 125

João Batista de Almeida Filho
Maria Marlinda de Almeida
Palmyra Sayonara de Góis
Vanessa Carolina Maia Bento

RELATO DE EXPERIÊNCIA: EDUCAÇÃO POPULAR EM SAÚDE EM UMA
MATERNIDADE DO SEMIÁRIDO NORTE-RIO-GRANDENSE..... 136

Amanda Fernandes dos Santos
Arthur Santiago de Souza Lima
Emilly Souza Leite
Lucylla Rayanne Torres de Almeida
Maria Eduarda Santos Andrade
Rozane Pereira de Sousa

RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE TABAGISMO E O USO DO CIGARRO
ELETRÔNICO COM ADOLESCENTE EM FASE ESCOLAR..... 150
Alysson Hemetério Lima Pessoa
José Américo Sobrinho
Paula Micaele Oliveira Dantas
Pedro Bernardino da Costa Júnior

SAÚDE MENTAL NA ESCOLA: TRABALHANDO SOBRE ANSIEDADE NO ENSINO
FUNDAMENTAL..... 162
Ana Letícia Barros
Hugo Leonardo de Queirós Silva
Janaildo Josemar Davino
Jose Plynio do Rego Leite
Francisco Lucas Cardoso da Silva

APRESENTAÇÃO

O livro “Educação Popular em saúde: experiências e perspectivas”, foi semeado ao longo da formação em enfermagem, no semiárido potiguar, por muitas mãos, pessoas esperanças e motivadas em apreender e trocar saberes com a comunidade, com os trabalhadores e as trabalhadoras de saúde, com a academia, com a sociedade, com os cidadãos e cidadãs.

A premissa da educação popular em saúde (EPS) é que o conhecimento é compartilhado, numa relação dialógica em que os participantes envolvidos possuem saberes, construídos ao longo da sua história de vida, no seu caminhar, através das suas relações sociais e culturais. Esses conhecimentos/saberes devem ser considerados, como um canal para novos conhecimentos, possibilitando a sua construção ou reconstrução a partir da reflexão do homem sobre o mundo, com o objetivo de problematizar sua realidade, por meio de uma aprendizagem crítica.

Nessa perspectiva, um coletivo de docentes e discentes de Estágio Curricular Supervisionado I e II, do Curso de Enfermagem de Pau dos Ferros, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), organizou a I Mostra de Educação em Saúde do CAPF no Semiárido Norte-Rio-Grandense, realizado em 20 de setembro de 2022.

Os objetivos da mostra foram fomentar o debate sobre a importância da Educação Popular na formação em saúde, fortalecer a articulação ensino-serviço-comunidade e socializar as experiências bem-sucedidas em EPS, realizadas nos serviços que se constituem campo de estágio e de práticas para os alunos em formação.

Como resultado dessa mostra, surgiu o presente livro com 20 capítulos, que trazem na sua essência experiências de práticas e vivências educativas popular, com metodologias diversas mas, com a finalidade em comum de contribuir com as realidades nas quais esses atores sociais se inserem, na perspectiva de caminhar em direção à promoção em saúde, minimizar agravos e potencializar vínculos entre formação e comunidade.

Nos acompanhem na leitura e no esperar!

As organizadoras e Os organizadores.

EDUCAÇÃO EM SAÚDE COMO FERRAMENTA DE PROMOÇÃO À SAÚDE DE UM GRUPO DE IDOSOS: RELATO DE EXPERIÊNCIA

*Giselle Pereira da Silva
José Henrique França Souza
Rickelme Dantas da Silva
Alessandra Gomes de Oliveira
Marla Silvaneide Pinto de Souza
Rodrigo Jacob Moreira de Freitas*

Resumo

Introdução: Os adequados modelos de atenção à saúde dos idosos são aqueles que têm como foco ações educativas, promoção da saúde, prevenção de doenças evitáveis, retardamento de patologias e um cuidado precoce. Assim, a educação popular em saúde torna-se ferramenta essencial para essa população. **Objetivo Geral:** Relatar ações de educação em saúde na UBS Dr. Pedro Diógenes Júnior, voltadas para a população idosa, à vista de uma reestruturação do grupo de idosos do bairro São Benedito. **Metodologia:** Trata-se de um relato de experiência acerca das ações de educação em saúde proporcionadas pelas intervenções propostas pelo componente curricular Estágio Supervisionado Obrigatório I. **Resultados Alcançados:** As ações foram desenvolvidas em seis momentos, sendo duas buscas ativas pelo público-alvo e quatro encontros com temáticas voltadas à prevenção e promoção da saúde, utilizando-se de metodologias ativas como rodas de conversa, jogos e dinâmicas. **Discussão:** Entre oscilações no número de participantes, foi possível identificar a necessidade que o público-alvo tem de uma maior atenção e estreitamento de vínculos com o serviço. **Conclusão:** A educação em saúde é uma importante ferramenta para se promover saúde e propiciar vínculos entre a população idosa e os serviços.

Palavras-chave: Educação Popular em Saúde; Saúde de Grupos Específicos; Idosos.

Abstract

Introduction: The appropriate models of health care for the elderly are those that focus on educational actions, health promotion, prevention of preventable diseases, delaying pathologies and early care. Thus, popular health education becomes an essential tool for this population. **General Objective:** Report health education actions at UBS Dr. Pedro Diógenes Júnior, aimed at the elderly population, in view of a restructuring of the elderly group in the São Benedito neighborhood. **Methodology:** This is an experience report about the health education actions provided by the interventions proposed by the curricular component Mandatory Supervised Internship I. **Results Achieved:** The actions were developed in six moments, with two active searches for the target audience and four meetings with themes focused on prevention and health promotion, using active methodologies such as conversation circles, games and dynamics. **Discussion:** Among fluctuations in the number of participants, it was possible to identify the need that the target audience has for greater attention and closer ties with the service. **Conclusion:** Health education is an important tool to promote health and provide links between the elderly population and services.

Keywords: Popular Health Education; Health of Specific Groups; Seniors.



1 INTRODUÇÃO

Uma das maiores conquistas da humanidade foi a ampliação do tempo de vida. Chegar à terceira idade, antes um privilégio de poucos, hoje tem se tornado regra até mesmo em países pouco desenvolvidos. No entanto, essa conquista é acompanhada por um grande desafio, tendo em vista que envelhecer, por si só, não é o bastante. Viver mais é significativo desde que seja possível garantir qualidade aos anos adicionais de vida da população (VERAS e OLIVEIRA, 2018).

Hodiernamente, o envelhecimento da população tem ocorrido de forma mais acentuada nos países em desenvolvimento, como é o caso do Brasil, onde a população idosa apresenta uma taxa de crescimento superior à da população total. O número de brasileiros com mais de 60 anos de idade passou de 3 milhões, em 1960, para 7 milhões em 1975, e 14 milhões em 2002, sendo que, até 2020, a estimativa era que esse número atingisse 32 milhões de idosos. Desse modo, é possível admitir que o Brasil está se tornando um país da terceira idade, se fazendo necessário voltar suas atenções para as demandas e peculiaridades desse público (SANTOS, ANDRADE e BUENO, 2009; VERAS e OLIVEIRA, 2018).

O organismo em envelhecimento sofre com modificações fisiológicas e perde de maneira contínua as suas competências. No passar de cada ano, essas alterações vão se tornando mais acentuadas e geram diversas doenças e problemas no sistema esquelético, cardiovascular, respiratório e nervoso. Dessa forma, o envelhecimento populacional rápido e intenso, atrelado à prevalência de doenças crônicas, devem ser motivo de atenção maior, e a incapacidade funcional da população idosa deve ser um assunto presente na saúde pública (VICTOR et al, 2007; GIACOMIN et al, 2008).

Por outro lado, o envelhecimento saudável é uma possibilidade, a partir de um estilo de vida marcado por alimentação adequada, prática de atividades físicas e mentais, envolvimento com a arte, comportamento esse que permite aos idosos envelhecer com saúde. Logo, a educação popular em saúde para o público da terceira idade constitui-se como um importante instrumento, pois além de propiciar o diálogo, permitindo a discussão de assuntos específicos voltados à saúde e qualidade de vida, também proporciona momentos para que os indivíduos explicitem suas histórias de vida, relatos e conhecimentos que colaborem na construção do saber (SANTOS, ANDRADE e BUENO, 2009; DE OLIVEIRA TEIXEIRA et al., 2016).

Nessa perspectiva, é importante destacar que os adequados modelos de atenção à saúde dos idosos são aqueles que têm como foco ações educativas, promoção da saúde, prevenção de doenças evitáveis, retardamento de patologias e um cuidado precoce, a fim de garantir um envelhecimento saudável e permitir que a população idosa alcance, concomitantemente, longevidade e saúde, contrariando a ideia de velhice atrelada ao adoecimento, bastante difundida no mundo contemporâneo (DE OLIVEIRA TEIXEIRA et al., 2016; VERAS e OLIVEIRA, 2018).

À vista disso, a partir de uma captação da realidade feita em uma Unidade Básica de Saúde (UBS), como um primeiro passo para a realização de atividades de educação popular em saúde, que identificou, dentre outras problemáticas, a suspensão de um grupo de idosos que existia na UBS, em decorrência do isolamento social provocado pela pandemia da COVID-19, resolvemos retomar a atividade do grupo e, com isso, desenvolver ações educativas envolvendo temas relevantes para esse público, a fim de promover uma reaproximação dos idosos com a UBS. Tal conjunção se mostra de grande relevância, considerando o aumento progressivo da população idosa e, por conseguinte, a premência de atender as necessidades de saúde das pessoas da terceira idade.

Desse modo, o estudo objetiva relatar ações de educação em saúde na UBS Dr. Pedro Diógenes Júnior, voltadas para a população idosa, à vista de uma reestruturação do grupo de idosos do bairro São Benedito. Como objetivos específicos, tivemos o de reestruturar o grupo de idosos do bairro São Benedito; fortalecer o vínculo comunidade/serviço; e propiciar momentos de atenção ao público idoso.

2 METODOLOGIA

Trata-se de um relato de experiência, cuja perspectiva metodológica é uma forma de estudo narrativa, de modo que o autor quando narra através da escrita está expressando um acontecimento vivido e os resultados provenientes da experiência, e busca compreender a vivência na sua maior totalidade. Logo, foi produzido a partir das experiências vivenciadas pelos discentes durante as práticas da disciplina Estágio Supervisionado Obrigatório I. Esse componente curricular é ofertado no 6º período do curso de Enfermagem e tem por ementa intervir na realidade da produção dos

serviços de saúde/enfermagem, com práticas de educação em saúde na rede de atenção básica e hospitalar de saúde.

A equipe de trabalho foi composta por cinco acadêmicos do curso de Enfermagem (CAPF/UERN) e, como orientador, um enfermeiro, professor da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O local de realização das intervenções foi a Unidade Básica de Saúde Dr. Pedro Diógenes Júnior, no bairro São Benedito, do município de Pau dos Ferros/Rio Grande do Norte. A cidade é considerada de porte médio interiorizado e possui um importante papel no desenvolvimento regional e estruturação do território na sua região de influência, principalmente em itens voltados para o comércio, educação (básica e superior), lazer, transporte e, sobretudo, saúde.

As atividades expostas neste relato referem-se às intervenções de educação em saúde voltadas para a atenção ao grupo de pessoas idosas, norteadas por metodologias ativas, que consistem em formas de desenvolver o processo de aprender, usando conhecimentos reais ou simulados e visando às situações de esclarecimento, com sucesso, desafios providos das atividades fundamentais da realidade social, em diversos contextos. Assim, busca proporcionar oportunidade para o aluno exercitar práticas educativas com a comunidade, bem como aprimorar seus conhecimentos (BERBEL, 2011).

As ações foram planejadas em seis momentos, sendo que dois deles foram de busca ativa pelo público-alvo e quatro deles foram encontros, onde buscamos, cada vez mais, enlaçar os vínculos comunidade/serviço, para a reformulação do grupo de idosos do respectivo bairro.

3 RESULTADOS

A experiência relatada neste estudo dispõe-se de acordo com o planejamento e organização da disciplina Estágio Supervisionado I da UERN e, para compreender melhor a articulação ensino-serviço, tivemos uma experiência de pré-inserção no campo de estágio, onde como primeiro passo foi realizada uma captação da realidade, na qual observamos a unidade, o espaço e realizamos uma entrevista com os profissionais, que propiciou um levantamento de necessidades que colaboraram para a realização do planejamento estratégico das intervenções. Assim, conseguimos

descrever o serviço ao qual estávamos sendo inseridos, a comunidade atendida pela UBS e identificar ali algumas problemáticas, que nortearam nossas intervenções.

Através desse processo, conseguimos escolher o público-alvo e desenvolver estratégias para contatá-los e convidá-los a participar dos nossos encontros. Os planejamentos foram realizados em reuniões entre a equipe de trabalho e os docentes da disciplina ESO I.

Ao observarmos o serviço, foi possível identificar importantes aspectos voltados ao seu funcionamento, como questões estruturais, rotinas, serviços e procedimentos ali realizados. Dentre eles, notou-se que os Agentes Comunitários de Saúde (ACS) são profissionais essenciais para o vínculo população-serviço. Logo, optamos por procurar firmar uma parceria com os ACS, e inseri-los em nosso planejamento.

Nessa conjuntura, como primeira intervenção e inserção direta no campo de estágio, a metodologia da busca ativa foi implementada, uma ferramenta muito utilizada no âmbito da saúde, que consiste em ir à procura de indivíduos. Durante a sua realização, foi possível interagir não só com os sujeitos, de maneira isolada, mas com o mundo que o cerca, seu espaço e território. Dessa forma, nos permitiu acessar o mundo dos usuários, além de conhecer e entender as relações que eles criam, bem como se aproximar das suas necessidades.

Em parceria com os ACS, saímos nas ruas do bairro localizado divulgando a nossa ideia principal, o objetivo e o que iríamos trabalhar no primeiro encontro. Para isso, foi elaborado um convite físico contendo as informações (data, horário, local e temática) e, ao abordar um possível participante, nos apresentávamos, falávamos sobre a nossa formação e destacávamos a importância de se criar um grupo de idosos na respectiva comunidade. Aos poucos, era possível observar um interesse na população e alguns, inclusive, nos dirigiram palavras de incentivo e relataram o quanto gostariam que a ideia fosse concretizada.

Nesse contexto, as temáticas e atividades desenvolvidas nos encontros, apresentadas no Quadro 1, foram escolhidas com o intuito de não só informar, mas prevenir e promover melhorias na saúde, além de desmistificar a ideia de idoso associado a doença.

Quadro 1 – Temáticas selecionadas para discutir no grupo de idosos.

TEMÁTICA	DATA DO ENCONTRO
Busca Ativa	21/07/2022
Envelhecimento Ativo	28/07/2022
Prevenção de Acidentes	04/08/2022
Busca Ativa	17/08/2022
Variola dos Macacos	18/08/2022
Prevenção da Demência	24/08/2022

Fonte: Autoria própria

No primeiro encontro, trabalhamos a temática do envelhecimento ativo e tivemos como objetivo principal discutir sobre envelhecimento ativo e quebrar os estigmas acerca do que é envelhecer. Foram utilizados materiais como recursos humanos e figuras ilustrativas, e como metodologia, optamos pela roda de conversa e algumas dinâmicas. Iniciamos com uma dinâmica de quebra-gelo, onde os participantes puderam se apresentar e dizer uma qualificação de si próprio. Após isso, realizamos a roda de conversa, onde foi possível proporcionar uma troca de conhecimentos e relatos de vida, pois à medida que íamos explicando aspectos relacionados ao envelhecimento ativo, os participantes conseguiam associar a hábitos de vida que eles mesmos praticavam. Ao final, fizemos uma dinâmica “ser idoso, ser livre”, onde criando uma história imaginária em grupo, buscamos estimular os aspectos do envelhecimento ativo: 1) cognitivos (memória, imaginação), 2) sociais (interação), 3) físicos (caminhada pela sala) e 4) aprendizagem (criatividade).

O encontro foi muito satisfatório, visto que conseguimos reunir um bom número de participantes, houve uma boa participação dos idosos e, na avaliação final, realizada através da expressão da opinião dos participantes em emoji feliz (gostei) ou triste (não gostei), alcançamos uma aprovação significativa, além de elogios e felicitações, onde aproveitamos o momento para comunicar sobre o próximo encontro realizado.

O segundo encontro teve como objetivo principal compreender quais são os tipos de acidentes prevalentes na terceira idade e como preveni-los. Com relação à metodologia, optamos por dinâmicas, palestra e um bingo de fixação. Em um primeiro momento, a dinâmica de apresentação foi realizada, onde os participantes puderam

cumprimentar uns aos outros, e, após isso, iniciamos a palestra, enfatizando principalmente os acidentes e a maioria das causas. Ao final, para fixação do conteúdo, foi realizado um bingo no qual cada número da cartela, confeccionada pela equipe de trabalho, correspondia a uma causa de acidente ou algum aspecto que compunha a sua prevenção. Apesar de uma redução no número de participantes, foi um momento divertido, dinâmico e conseguimos transpassar as informações necessárias.

Após o segundo encontro, houve uma pausa para o planejamento e organização das próximas intervenções, onde decidimos realizar uma nova busca ativa, reforçando a parceria com os ACS, com a finalidade de divulgar e convidar a comunidade para os encontros seguintes.

Assim, no terceiro encontro com o grupo de idosos, objetivou-se abordar a varíola dos macacos, com foco nos sinais e sintomas e as maneiras que estão sendo usadas para preveni-la. Para nortear o encontro e como material científico, foi produzido um panfleto de informações sobre a doença e outros aspectos relacionados, confeccionado pela equipe de trabalho. O encontro foi realizado na recepção da UBS, onde foi feita a entrega dos panfletos, além de uma pequena palestra sobre a doença, com espaço para os participantes apontarem suas dúvidas, colocações e conhecimentos. Em suma, o objetivo principal da intervenção foi alcançado.

No quarto encontro, a temática debatida foi a demência na terceira idade, que é caracterizada justamente pela diminuição de funções como a memória, linguagem, praxia, capacidade de reconhecer e identificar objetos, abstração, organização, capacidade de planejamento e sequenciamento, dentre outras.

Diante disso, o quarto encontro foi elaborado de modo a não somente explicar o lado biológico e fisiológico da demência, mas focado para além de definições. Assim, o enfoque principal foi o estímulo à prevenção da demência, embasado principalmente em jogos cognitivos de raciocínio, memória e concentração. Iniciamos novamente com uma dinâmica de quebra-gelo, onde pudemos nos apresentar e descrever nossos objetivos. Em seguida, foi realizado um pequeno momento para descrever o que é a demência e como ela atinge a população da terceira idade.

Com isso, realizamos o terceiro momento, marcado pelo desenvolvimento dos seguintes jogos: jogo da velha, que animal sou eu e, por fim, a corrida do tapete geométrico. O material utilizado foi produzido pelos discentes, com o uso de ferramentas simples como papel, cartolina, cola, papelão, entre outros. O objetivo

principal foi estimular a atenção, memória, raciocínio, funções executivas, além de tornar o encontro um momento leve e divertido. Os participantes foram bastante ativos, pois participaram de todas as atividades e, inclusive, alguns relataram que iriam aderir aos jogos em casa com a família, principalmente com os netos. Desse modo, é possível assumir que o objetivo da intervenção foi alcançado. Ao final do encontro, houve a avaliação, que foi bastante positiva, sendo evidenciado o desejo daquele público de continuar com o projeto do grupo de idosos do bairro.

4 DISCUSSÃO

As temáticas dos encontros foram escolhidas de maneira cuidadosa, pois a ação de promover educação em saúde em grupos de pessoas demanda uma garantia da presença de determinadas características que aproximam os participantes do tema em si, a exemplo de uma condição que esteja presente na realidade e que se encaixe a certa faixa etária. Essa condição foi aplicada com cuidado na nossa prática, desde o momento que decidimos retomar com o grupo de idosos para desenvolver atividades educativas voltadas a esse público (GOMES e MERHY, 2011).

Ao longo do processo de envelhecimento, é natural que ocorram modificações no corpo, assim, é comum encontrar em idosos esses parâmetros de funcionalidade reduzidos, principalmente no aspecto físico (massa muscular, ossos, força) e cognitivos (memória, lucidez, orientação). Nessa perspectiva, os incidentes relacionados ao segmento de idosos tornam-se mais prevalentes nos seus ambientes domiciliares, no desenvolvimento de tarefas do cotidiano, pois os domicílios acabam por tornar-se inseguros, principalmente se conterem tapetes avulsos, iluminação inadequada, pisos escorregadios, móveis instáveis, escadas, camas altas, prateleiras, influenciando também se o idoso dispõe de companhia ou não. Assim, a escolha dessa vertente se justifica pela essencialidade de se avaliar o ambiente onde o idoso reside, o qual deve ser um local seguro, funcional, confortável e compensador das limitações impostas pelo processo de envelhecimento, objetivando a prevenção de acidentes (D'ORSI; XAVIER; RAMOS, 2011).

Por outro lado, como se sabe, em meados de maio de 2022 começaram a surgir diversos casos de uma doença zoonótica, causada por um vírus, em diversos países, tratando-se da varíola dos macacos. Dois meses após os primeiros relatos, segundo a

OMS, mais de 9 mil casos de doença associada ao vírus Monkeypox foram reportados, em 63 países. No Brasil, de acordo com o Ministério da Saúde (MS), até o início de julho, mais de 100 casos de varíola causados por esse vírus já foram registrados, sendo São Paulo o estado com maior número de infecções (BRASIL, 2022; OMS, 2022).

Com relação à transmissão entre humanos, ela ocorre principalmente por meio de contato com lesões de pele ou mucosa de pessoas infectadas, fluidos corporais, secreções respiratórias ou objetos contaminados. Os sinais e sintomas incluem febre, cefaleia, mialgia, dores nas costas, adenomegalia, calafrios e exaustão. Também ocorre erupção cutânea, que evolui entre os estágios de mácula, pápula, vesícula, pústula e crosta. Nesse contexto, é importante destacar que atualmente não existem tratamentos específicos comprovados para a varíola dos macacos, mas os sintomas clínicos podem ser controlados e existem medidas de prevenção, que incluem o uso de máscara, o distanciamento e a higienização das mãos. Além disso, ainda não há uma vacina específica para a doença, mas estudos indicam que vacinas contra a varíola humana também são efetivas contra a varíola dos macacos (MOORE e ZAHRA, 2022; OMS, 2022).

Nessa perspectiva, é de extrema relevância que essa temática seja repassada aos idosos, tendo em vista que o sistema imunológico desse público é fragilizado, o que os coloca como grupo de risco para doenças infecciosas.

Com relação à demência, estudos apontam que, até o momento, não há qualquer tratamento capaz de reverter ou estabilizar a doença. As evidências atuais indicam que as medidas preventivas não medicamentosas terão certamente maior impacto que o tratamento destas doenças já instaladas. Assim, essas pesquisas evidenciam um grande lado benéfico, voltado a atividades estimulantes do ponto de vista cognitivo e afetivo. Nesse contexto, trabalhar a demência foi um dos encontros mais significativos e importantes da experiência (RAMB, 2004; MORAES, 2008).

A participação da população idosa nos encontros educativos oscilou bastante. Enquanto algumas intervenções foram satisfatórias, ao contar com o envolvimento de um público numeroso, outras foram realizadas com poucos idosos, haja vista que muitos deixaram de comparecer. Essa oscilação nos faz questionar a intensidade do vínculo que estava sendo criado entre os idosos e a UBS, uma vez que, quanto mais os idosos se envolvessem com o grupo, mais estariam se conectando à unidade de saúde. Além disso, observa-se uma carência de atenção para o público idoso, além de déficit

na implementação das políticas de saúde para essa população, previstas pelo Ministério da Saúde.

Em contrapartida, independentemente de uma participação maior ou menor nos encontros, os idosos se mostraram, reiteradamente, muito satisfeitos com as intervenções realizadas. Ao abrirmos espaço para que eles contribuíssem com a discussão sobre os temas trabalhados e estimularmos o envolvimento, com a utilização de dinâmicas e jogos, os sujeitos da terceira idade manifestaram contentamento com as ações educativas, sempre avaliando bem os momentos proporcionados. Essa atitude de estimular a participação do público é um traço forte da educação popular em saúde, que visa consolidar a criação de vínculos entre as ações de saúde e o pensar e fazer cotidiano da população (PINHEIRO E BITTAR, 2016).

Além disso, é importante evidenciar que as intervenções educativas se caracterizaram como momentos ricos em conhecimento, que propiciaram aprendizado acerca de questões pertinentes à população idosa. Nesse sentido, os encontros proporcionaram discussões sobre envelhecimento ativo, prevenção de acidentes, bem como o cuidado frente à varíola dos macacos, doença emergente, e o retardamento da demência. Tais ações educativas colaboram para uma atenção à saúde com enfoque na promoção e prevenção, a mais adequada às necessidades e singularidades das pessoas da terceira idade, ao contribuir para que esses indivíduos envelheçam com saúde e qualidade de vida (VERAS e OLIVEIRA, 2018).

Em contrapartida, existiram algumas limitações na experiência, como a dificuldade de envolvimento por parte da equipe da unidade de saúde nas atividades, haja vista que, além dos agentes comunitários de saúde, nenhum outro profissional, seja ele enfermeiro, técnico ou diretor da UBS, participou dos nossos encontros. Reconhecemos que a demanda de serviço em uma unidade de saúde é grande e consome tempo, porém deve-se enfatizar que a agregação de membros da equipe, principalmente o enfermeiro, ao projeto, poderia ser de grande colaboração para o fortalecimento da relação ensino-serviço-comunidade.

5 CONCLUSÃO

No contexto geral, as intervenções de educação em saúde foram fundamentais para a experiência acadêmica vivida pelos discentes, proporcionando encontros ricos

em conhecimentos e trocas de informações sobre a promoção, prevenção e proteção à saúde do idoso, e, assim, promovendo vínculo do grupo de idosos com os discentes e a unidade de saúde, o que contribuiu significativamente para a nossa formação pessoal e profissional.

Destacamos também o importante papel da disciplina Estágio Supervisionado I, que propicia aos discentes inúmeros benefícios para o processo formativo em enfermagem, com a possibilidade de aprimoramento dos aspectos pessoais e profissionais no campo da saúde, bem como o amadurecimento intelectual, principalmente com relação a tornar-se um profissional ético, empático e, acima de tudo, reflexivo com as demandas desempenhadas durante esse processo de ensino e aprendizagem. Com isso, favorece o compartilhamento de saberes, experiências e conhecimento científico entre as áreas englobadas na enfermagem.

Além disso, considerando que o intuito da educação em saúde é ajudar os indivíduos a conhecer e compreender sua identidade individual e social, objetivando despertar neles habilidades necessárias para lidar com situações voltadas à promoção e prevenção de sua saúde, assim como o objetivo inicial das ações escolhidas pelo grupo de estagiários, evidencia-se que a educação em saúde é uma importante ferramenta para se promover saúde e propiciar vínculos entre a população idosa e os serviços.

Por fim, buscamos, através desse relato, despertar nos estudantes, profissionais e gestores de saúde, um sentimento de sensibilização e interesse maior em promover ações que visem a inserção e autonomia do idoso em cuidar de si e da própria saúde, por meio de informações e conhecimentos propiciados pela educação em saúde, principalmente envolvendo prevenção, inovações e hodiernos acontecimentos relacionados à saúde da população idosa.

REFERÊNCIAS

BERBEL, Neusi. As metodologias ativas e a promoção da autonomia dos estudantes. **Semina: Ciências Sociais e Humanas**, 2011.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Informe Número 45- Sala de Situação Monkeypox**. Brasília, 2022.

DE OLIVEIRA TEIXEIRA, Selena Mesquita et al. Da velhice estigmatizada à dignidade na existência madura: novas perspectivas do envelhecer na contemporaneidade. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 16, n. 2, 2016.

D'ORSI, Eleonora. XAVIER, André Junqueira. RAMOS, Luís Roberto. Trabalho, suporte social e lazer protegem idosos da perda funcional: estudo epidioso. **Revista Saúde Pública**, 2011.

GIACOMIN, Karla C et. al. Estudo de base populacional dos fatores associados à incapacidade funcional entre idosos na Região Metropolitana de Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, 2008.

GOMES, Luciano Bezerra; MERHY, Emerson Elias. Compreendendo a educação popular em saúde: um estudo na literatura brasileira. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 27, 2011.

MOORE, Marlyn; ZAHRA, Farah. Monkeypox. **In: StatPearls [Internet]. StatPearls Publishing**, 2022.

MORAES, Edgar Nunes de. Princípios básicos de geriatria e gerontologia. 1a ed. Belo Horizonte: **Coopmed**; 2008.

OMS - Organização Mundial da Saúde. **Surto de Monkeypox**. 2022. Disponível em: <https://www.who.int/emergencies/situations/monkeypox-oubreak-2022>. Acesso em: 25 de agosto de 2022.

PINHEIRO, Bruna Cardoso; BITTAR, Cléria Maria Lobo. Práticas de educação popular em saúde na atenção primária: uma revisão integrativa. **Cinergis**, 2016.

RAMB. Revista da Associação Médica Brasileira. **Preservação cognitiva: uma agenda para o século XXI**. 2004.

SANTOS, Flávia Heloísa dos; ANDRADE, Vivian Maria; BUENO, Orlando Francisco Amodeo. Envelhecimento: um processo multifatorial. **Psicologia em estudo**, v. 14, p. 3-10, 2009.

VERAS, Renato Peixoto; OLIVEIRA, Martha. Envelhecer no Brasil: a construção de um modelo de cuidado. **Ciência & saúde coletiva**, v. 23, p. 1929-1936, 2018.

VICTOR, Janaina Fonseca et al. Grupo Feliz Idade: cuidado de enfermagem para a promoção da saúde na terceira idade. **Revista Escola de Enfermagem**, 2007.

EDUCAÇÃO EM SAÚDE NA ESCOLA COM ALUNOS DO SEGUNDO ANO DO ENSINO MÉDIO SOBRE ANSIEDADE: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

*Amanda Crízia Duarte da Silva
Ana Flávia Pinheiro Dias
Luiz Fernando Brito da Costa
Pedro Bernardino da Costa Júnior*

Resumo

A saúde mental trata-se de um conceito que abrange a capacidade individual de administrar a própria vida e as emoções dentro de um espectro de variações sem que se perca o valor do que é real e precioso. Pensando nisso, esse trabalho tem com o objetivo relatar a experiência de educação em saúde de acadêmicos de enfermagem em uma escola de ensino médio e integral, localizada em uma cidade do alto oeste potiguar. Trata-se de um estudo descritivo, do tipo relato de experiência, com abordagem qualitativa. Os participantes deste estudo foram os alunos regularmente matriculados no ensino médio, mais especificamente, numa turma de segundo ano. A coleta dos dados referentes ao estudo elaborado se deu por meio da percepção dos alunos sobre a ansiedade, assim como, no diálogo sobre os tipos de ansiedade (fisiológica e patológica), sinais e sintomas e formas de enfrentamento. Como forma de análise, foram realizadas afirmações sobre a temática desenvolvida, com as respectivas respostas dos alunos, como forma de aprendizado e compreensão. Pôde-se notar a participação efetiva dos participantes na explanação da temática. Mediante a isso, entende-se que os objetivos propostos para a ação de educação apresentada, foram atingidos em sua totalidade e de forma satisfatória.

Palavras-chave: Saúde Mental. Ansiedade. Saúde na Escola.

Abstract

Mental health is a concept that covers the individual's ability to manage his own life and emotions within a spectrum of variations without losing the value of what is real and precious. With this in mind, this paper aims to report the experience of health education of nursing students in a high school, located in a city in the western part of the state of potiguar. This is a descriptive study, of the experience report type, with a qualitative approach. The participants of this study were students regularly enrolled in high school, more specifically, in a second-year class. The collection of data related to the study occurred through the students' perception of anxiety, as well as in the dialogue about the types of anxiety (physiological and pathological), signs and symptoms and ways of coping. As a form of analysis, statements were made about the developed theme, with the respective answers from the students, as a form of learning and understanding. It was possible to notice the effective participation of the participants in the explanation of the theme. Therefore, it is understood that the objectives proposed for the educational action presented were reached in their totality and in a satisfactory way.

Keywords: Mental Health. Anxiety. Health at School



1 INTRODUÇÃO

A saúde mental compreende a capacidade individual de administrar a própria vida e as emoções dentro de um espectro de variações sem que se perca o valor do que é real e precioso. Assim sendo, admite-se que corresponde a algo além da ausência de transtornos psicológicos (PINTO et al., 2014).

A ansiedade é um sintoma psíquico comum, experienciado por todas as pessoas em determinado momento de suas vidas. É um estado emocional de qualidade subjetiva que representa o medo do futuro ou uma emoção muito próxima, desagradável, negativa e exagerada que implica em manifestações e sintomas corporais. Geralmente ocorre em decorrência do desconforto causado pela antecipação de perigo ou do desconhecido, incerteza e ambiguidade das informações disponíveis (ROUXINOL, 2018).

Esse estado permite a adaptação e mobilização de recursos físicos e psicológicos para enfrentar uma suposta ameaça, protegendo o indivíduo ao favorecer atitudes de defesa e tomando um papel motivador na vida diária. Porém, quando esses aspectos se tornam um verdadeiro sofrimento, influenciando nos processos de atribuição de sentidos e causando distorções nas perspectivas e processamento das informações, ou seja, uma resposta exagerada aos estímulos e interferindo na qualidade de vida, conforto emocional e/ou desempenho, implica em uma patologia (ROUXINOL, 2018).

As problemáticas de saúde refletem sobre a condição mental dos indivíduos, haja vista, que os problemas de saúde mental atribuídos aos jovens advêm dos fatores sociais mais comuns na sociedade como o desemprego, drogas, comportamentos de risco, vida sexual e reprodutiva, automutilação e cuidados inapropriados para os adolescentes. Além disso, os fatores de risco como violência sexual e física, violência na família, na escola e na comunidade, bem como fatores sociais, econômicos e culturais, colaboram para com o desenvolvimento de transtornos mentais (PINTO *et al.*, 2021).

Tendo em vista as informações trazidas acima e fazendo associação com a complexidade do período da adolescência, torna-se de suma importância entender que o período de adolescência equivale à transição entre a infância e a fase adulta, é marcado por mudanças físicas, cognitivas, emocionais e sociais em que se vivenciam estímulos estressantes que se referem aos desafios e mudanças que atribuem

significado à vida. É um caminho repleto de dúvidas e inseguranças que geram angústias e agitações, possibilitando o aumento de distúrbios ansiosos (ALVES et al., 2021).

Com isso, é de suma importância a articulação de programas públicos de saúde e educação para o desenvolvimento do processo educativo, bem como melhorar a qualidade de vida, prevenção e promoção da saúde dos estudantes. Com o objetivo de proporcionar um ambiente escolar saudável, assim como buscar a autonomia do cuidado, o Ministério da Saúde e da Educação em 2007, lança mão do Programa Saúde na Escola (PSE), cujo propósito é atender de modo integral a formação dos estudantes em meio a parcerias entre as escolas e as Unidades Básicas de Saúde que visem a promoção à saúde (LOPES; NOGUEIRA; ROCHA, 2018).

O PSE é um programa que contempla estratégias voltadas para a execução da Política Nacional de Promoção da Saúde (PNPS), vista dentro do governo como um grande destaque enquanto política pública para o público infantil e adolescente no país, que por meio de ações de prevenção e promoção à saúde, compactua com as reais necessidades entre as unidades de saúde e as instituições de educação (SILVA et al., 2021).

O programa conta com o objetivo de ampliar e contribuir com o processo formativo dos estudantes de escolas da rede pública através da implementação de ações preventivas e de promoção em saúde, uma vez que, é a partir das estratégias que se torna possível construir espaços para que as equipes de saúde atuem, de forma a promover melhor qualidade de vida, bem como prever agravos à saúde, impactando positivamente aos alunos e seus familiares (BRASIL, 2009).

Nessa perspectiva, este trabalho tem como objetivo relatar a experiência vivenciada por acadêmicos de Enfermagem ao desenvolver atividade de educação em saúde com adolescentes de uma escola de ensino médio e integral, localizada em uma cidade do alto oeste potiguar.

2 METODOLOGIA

Trata-se de um estudo descritivo, do tipo relato de experiência, com abordagem qualitativa. O estudo do tipo descritivo tem como objetivo descrever as características a serem estudadas a partir de uma população, fenômeno ou variáveis, com o intuito de

ampliar a visão descrita sob o objeto em estudo (GIL, 2008). A pesquisa com abordagem qualitativa compreende a um universo de significados, desde a motivos, aspirações ou crenças e valores, em busca de abranger profundamente as relações ou processos não reduzíveis a operacionalização das variáveis quantificáveis (MINAYO, 2002).

O presente estudo foi elaborado por acadêmicos do 7º período do curso de Bacharelado e Licenciatura em Enfermagem da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), como requisito avaliativo do componente curricular Estágio Supervisionado II. A atividade foi realizada em uma escola estadual de tempo integral, localizada no município de Pau dos Ferros/RN, no Alto Oeste Potiguar. A instituição atende mais de 400 alunos, matriculados no ensino médio, da 1ª a 3ª série. O seu funcionamento se dá das 7:30 às 17:00 h, de segunda à sexta-feira.

O público-alvo foram os alunos do ensino médio, mais especificamente, alunos de uma turma de segundo ano, realizada no dia 14/07/2022, das 09:30 às 10:20 da manhã, tendo como objetivos compreender a percepção dos alunos sobre a ansiedade e dialogar sobre os tipos de ansiedade (fisiológica e patológica), sinais e sintomas e as formas de enfrentamento.

Diante o contexto, a intervenção elaborada proporcionou, a partir de sua execução, a coleta dos dados referentes ao estudo elaborado. Esta, por sua vez, se deu por meio da percepção dos alunos sobre a ansiedade, assim como, no diálogo sobre os tipos de ansiedade (fisiológica e patológica), sinais e sintomas e as formas de enfrentamento, compreendidas mediante a participação dos estudantes durante a discussão envolta das metodologias ativas postas em prática. Como forma de análise, partiu-se acerca da avaliação proposta pelos acadêmicos de enfermagem aos participantes, na qual foram realizadas afirmações sobre a temática desenvolvida, com as respectivas respostas dos alunos, como forma de aprendizado e compreensão.

Este estudo respeita os princípios propostos pela ética, uma vez que garante a segurança dos direitos aos participantes do estudo, o sigilo das informações pessoais, anonimato e privacidade dos participantes, visto que é dever respeitar os direitos dos indivíduos, assim como proteger e não causar possíveis prejuízos.

3 RESULTADOS

Para fins de identificação das necessidades da escola, foi realizada uma captação da realidade, que, segundo Egry (1996), permite a associação da teoria com a prática, por meio de uma aproximação e definição do que é importante conhecer na realidade durante a visita. Com isso, foi feita a contatação com a instituição e no dia 10/06/2022 os alunos foram realizar a captação. Esse momento foi dividido em duas etapas, em que a primeira consistiu numa conversa com a coordenação e a segunda numa conversa com os alunos.

Durante a conversa com a coordenação, foi apresentado a realidade da instituição, os dados sobre a escola e as necessidades, mediante suas interpretações. Assim, a maior demanda relatada foi a ansiedade e os diversos casos de crises com que a escola estava lidando diariamente; com base nisso, a própria coordenação selecionou as turmas mais necessitadas. Após isso, os discentes se dirigiram para as turmas-alvo e lá, como forma de coletar dados, levaram-se papéis contendo sugestões de temas que eles achassem interessante e necessário trabalhar.

Os temas levados correspondiam a saúde mental, educação sexual, hábitos de vida, gênero e sexualidade, primeiros socorros, imunização (vacina), drogas e bullying. Além disso, houve um momento para que falassem sobre as fragilidades encontradas e sugerissem temas, caso quisessem, que não estavam nas opções levadas.

Assim sendo, a escolha da temática se deu por ser a maior demanda apresentada tanto pelos alunos, quanto pela gestão escolar. E, assim, o tema trabalhado foi a ansiedade.

Para que fosse possível realizar a ação, tornou-se necessário lançar mão de uma proposta de intervenção, com o intuito de disseminar o conhecimento em proposição. As metodologias ativas utilizadas se concentraram em dinâmicas descritas a seguir:

a) Dinâmica do quebra-gelo: consistiu na realização de uma roda de conversa, onde cada aluno se apresentou, falando o nome e a idade.

b) Dinâmica do painel: para iniciar a discussão, a turma foi dividida em 2 grupos, cada um recebeu um papel madeira e canetas. O papel dividia-se em três colunas com os respectivos tópicos: (1) o que é ansiedade, (2) sinais e sintomas, e (3) medidas de enfrentamento. Assim, determinou-se um tempo para que cada grupo preenchesse as colunas de acordo com a percepção deles sobre cada tópico. Após isso, foi discutida a elaboração dos painéis dos grupos de modo coletivo. Segue demonstração e detalhamento do painel:

<i>PAINEL SOBRE ANSIEDADE</i>	
<i>Subtópicos</i>	<i>Descrição</i>
O que é ansiedade	Foi pedido que definissem o que é ansiedade, sem utilizar qualquer meio de pesquisa, tendo como base apenas os conhecimentos empíricos.
Quais os sinais e sintomas	Pediu-se para que descrevessem os sinais e sintomas que achassem ser característicos da ansiedade, com base no que já conheciam sobre o quadro.
Métodos de enfrentamento	No último subtópico, foi pedido para que relatassem possíveis formas de lidar com o quadro, bem como métodos utilizados por eles.

Fonte: autoria própria

Assim, determinou-se um tempo para que cada grupo preenchesse as colunas de acordo com a percepção deles sobre cada tópico.

c) Dinâmica das bexigas: esta metodologia foi utilizada para abordar as medidas de enfrentamento utilizando bexigas. As bexigas continham papéis em seu interior, cada um contendo uma medida de enfrentamento. Conforme os alunos foram estourando, realizava-se a discussão acerca da medida e como executá-la, de modo prático. A intenção dos acadêmicos foi demonstrar como realizar a medida de enfrentamento, juntamente com os adolescentes. Os mesmos papéis foram colados na última coluna do quadro, “medidas de enfrentamento”.

d) Avaliação: técnica do verdadeiro ou falso, na qual os acadêmicos faziam afirmações sobre a temática e a turma julgava sua veracidade, classificando-as como verdadeiras ou falsas.

A partir da implementação da ação, notou-se a participação efetiva dos participantes, visto que se mantiveram o tempo todo atentos à explanação da temática. A temática foi apresentada de forma clara e objetiva, proporcionando a compreensão da linguagem utilizada pelos acadêmicos e do tema abordado.

4 DISCUSSÃO

Em março de 2020, a Organização Mundial da Saúde classifica a disseminação do vírus SARS-CoV-2 como pandemia. Com alto poder de transmissibilidade foi-se necessário tomar medidas de combate, como o distanciamento social, a fim de evitar o contágio por aglomerações. Como consequência desse afastamento e do isolamento das pessoas em suas residências, ocorreu o surgimento e/ou agravamento de transtornos comportamentais e mentais, como a ansiedade e depressão, oriundas do adoecimento psíquico, vistos através de sentimentos como inseguranças, medos, angústias, assim por diante (PEREIRA et al., 2020).

Nesse sentido, a pandemia colaborou para com as alterações comportamentais, principalmente no que diz respeito aos estudantes, pela capacidade de gerar estresse mental. Maia e Dias (202), ressaltam que a covid-19 trouxe impactos que afetaram diretamente a saúde mental dos estudantes, aumentando consideravelmente os níveis de ansiedade, depressão e estresse. E isso é comprovado na fala dos estudantes durante o momento de implementação da ação, visto que foi relatado que a pandemia, o isolamento social e a ausência de interações sociais de forma presencial favorecem o aumento do estresse, sensação de desgaste mental e medo de interagir com outras pessoas de modo não virtual.

Sabendo disso e levando em consideração que a fase da adolescência é um período marcado por transformações, que permeiam desde a infância à vida adulta, é necessário entender que diante o processo educativo, o adolescente percorre por longos anos um caminho escolar para a sua construção enquanto homem na sociedade, o que exige muito dos estudantes. Isso favorece o aumento dos níveis de ansiedade, além dos fatores que possam desestabilizar a capacidade de concentração e memória, o que pode afetar diretamente o rendimento escolar (SILVEIRA *et al.*, 2020).

Outrossim, ao se abordar a interferência na vida escolar, a presença da ansiedade na escola foi bastante relatada, sendo bem mais frequente durante as atividades avaliativas ou momentos de utilização de metodologias ativas, e esse quadro acaba por afetar seus desempenhos acadêmicos, resultando em desempenho dificultado.

Além disso, foi percebido que a identificação e diferenciação de ansiedade fisiológica e patológica não era sabida. E, por vezes, relataram acabar confundindo uma crise com alguma outra doença. Dado esse fato e tendo em vista que o processo de desenvolvimento e maturação do adolescente envolve diversas mudanças e requer adaptações e descobertas que podem levar ao desenvolvimento da ansiedade patológica, trabalhar temas que abordem a saúde mental com os jovens em processo de desenvolvimento se torna imprescindível, pois, com isso, pode-se desenvolver um plano terapêutico singular de tratamento, bem como evitar ou amenizar as possíveis intercorrências do comportamento físico, emocional, social e estudantil (LOPES;SANTOS, 2018).

Durante a explanação da temática foram surgindo relatos de experiências próprias de alguns alunos, de vivência familiar e/ou pessoais, como a forma como se sentiam ansiosos quando, por exemplo, apresentavam um trabalho em sala de aula, antes, durante ou depois de uma prova, ou até mesmo a descrição de que faziam acompanhamento psicológico. Um dos alunos corroborou quando disse que entendia a ansiedade fisiológica como um processo natural, citando o exemplo de si mesmo de que se sentia ansioso diante apresentações de seminários. Por outro lado, não muito diferente da realidade dos acadêmicos de enfermagem que, por muitas vezes, se sentem ansiosos com provas, trabalhos e até mesmo com procedimentos práticos, visto que os relatos se assemelham com a realidade vivida dentro da universidade.

Com base nisso, torna-se importante definir e diferenciar o que é ansiedade fisiológica do que é ansiedade patológica. Sendo assim, a ansiedade em sua forma fisiológica, se caracteriza por sentimentos experimentados quando se é colocado frente a fatores que fogem de sua rotina. Trata-se de uma característica biológica que pode ser manifestada por meio de sintomas psíquicos e corporais, sendo percebida a melhora dos seus sinais logo após o fim do fator estressante. Contudo, quando acontece a prevalência dessas sintomatologias, pode-se ter a presença do quadro de ansiedade patológica (LIRA *et al.*, 2021).

Mediante isso, a ansiedade patológica pode ser classificada, também, em consonância com seus aspectos clínicos, tendo-se como mais recorrentes o Transtorno de Ansiedade Generalizada (TAG), Transtorno de Pânico e o Transtorno de Ansiedade Social. A TAG corresponde à excessiva preocupação ou apreensão com questões cotidianas, sendo manifestadas por meio de sintomas somáticos, como cefaleia,

palpitações, irritabilidade, dificuldades de concentração, entre outras, e alterações psicológicas (FROTA *et al.*, 2022).

O transtorno do pânico tem como acontecimento característico os ataques de pânico recorrentes, que podem ou não estar associados a situações específicas, surgindo de forma inesperada. As suas ocorrências não possuem frequências e gravidades já estabelecidas, visto que podem acontecer várias vezes ao ano, semanalmente, diariamente ou em episódios esporádicos. Por fim, o transtorno de ansiedade social pode se desenvolver após alguma experiência negativa no convívio em sociedade, podendo ser de forma rápida ou lenta. Apresentam como característica mais frequente o temor ou a ansiedade mediante exposições ao convívio social (FROTA *et al.*, 2022).

Quando tratado sobre a sintomatologia, muitos disseram sentir isso de forma constante e que acaba, por vezes, atrapalhando suas interações sociais, além do constante medo do julgamento ao falar o que sentem e, até mesmo, interagir. No entanto, a ansiedade deve ser contraposta ao medo, vista como um fator primário e central, diferente do medo que pode ser compreendido como relativo ou casual. Muitas vezes, o adolescente refere o medo quanto ao seu papel na sociedade como, por exemplo, questões relacionadas a independência financeira. Assim, o jovem carrega consigo possíveis conflitos e aflições que possam sobrecarregar o psicológico em decorrência das mudanças físicas e psíquicas, conseqüentemente, afetar o desempenho escolar ou até mesmo querer agir antecipadamente por necessidade, desencadeando o sentimento de ansiedade (SILVEIRA *et al.*, 2020).

Assim, por meio da implementação da ação educativa, foi perceptível a curiosidade e interesse dos alunos acerca do que estaria por vir a ser desenvolvido, com indícios de inquietações em seus comportamentos, posterior a colaboração deles com o que foi proposto pelos acadêmicos. A partir disso, foi observada a interação dos alunos entre si, divididos em grupos, em busca de respostas pessoais e até mesmo de convívio coletivo para contemplar com o objetivo elencado pela dinâmica.

Claudino e Cordeiro (2016) corroboram com a linha de pensamento quando dizem que o indivíduo é um ser biopsicossocial que pode ter o seu psicológico afetado, visto que as alterações físicas e psicológicas podem provocar mudanças nos mais diferentes níveis, sejam sociais e/ou cognitivos. Faz-se mister salientar que a fase da

adolescência lida com a pressão em desempenhar responsabilidades com o futuro próximo, bem como, a capacidade de gerenciar seus próprios recursos.

Foi interessante perceber que, quando pedidos para trazerem formas de enfrentamento para a ansiedade, foram trazidas, em prevalência, formas alternativas, como atividade física, musicoterapia, aromaterapia, meditação, banhos relaxantes, assistir filmes e séries, dentre outros. Esses métodos apresentados contemplam as Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS), oferecido por intermédio do Sistema Único de Saúde, que integram métodos de referência como os utilizados na medicina tradicional chinesa, a homeopatia, métodos terapêuticos como a fitoterapia, corporais e meditativas. Para tanto, os mecanismos utilizados correspondem a um conjunto de técnicas naturais como, por exemplo, a acupuntura e o uso de plantas medicinais, que visam a prevenção e recuperação da saúde, além do foco em integrar o indivíduo com o meio natural (PINTO *et al.*, 2014).

Assim, medidas preventivas podem ajudar a evitar o seu desenvolvimento e progressão, reduzindo sua gravidade (PINTO *et al.*, 2014). Em se tratando de práticas alternativas, as PICs oferecem ações humanizadas e naturais voltadas à prevenção de doenças, equilíbrio de energias e saúde física e mental. São técnicas eficazes e seguras que buscam construir uma compreensão mais ampla do indivíduo, levando em consideração suas particularidades e peculiaridades (PAULINO; YOEM, 2022).

5 CONCLUSÃO

Trabalhar a saúde mental é de suma importância no processo de desenvolvimento e amadurecimento dos jovens, uma vez que o número de jovens diagnosticados com ansiedade cresce a cada dia. Com isso, quando se intervém desde cedo e oferece uma escuta ativa, com ações de educação sobre o que é a ansiedade e suas particularidades, além de buscar sanar as dúvidas existentes, proporciona ao indivíduo melhor subsídio para lidar com o processo. Diante disso, entende-se que os objetivos propostos para a ação de educação realizada e descrita, foram atingidos em sua totalidade, de forma satisfatória.

Outrossim, o desenvolver da atividade e a construção do relato proporcionaram um maior aprofundamento teórico, bem como maior compreensão acerca da temática e de suas particularidades. Além de oportunizar a implementação e maior

aproximação do papel do enfermeiro como educador, visto que o curso de graduação consta com a modalidade de licenciatura. Por fim, e mediante todo o exposto, é imprescindível que as ações de educação em saúde nas escolas continuem sendo realizadas; que a saúde mental continue sendo trabalhada nas instituições de ensino, visto que além de ofertar ao outro conhecimento, favorece a quebra de tabus acerca da ansiedade e a disseminação de fatos verídicos sobre a temática.

REFERÊNCIAS

ALVES, M. I. et al. Efeito da Terapia Comunitária Integrativa sobre os sintomas de ansiedade em adolescentes no contexto escolar. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 3, p. e5010312986-e5010312986, 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Saúde na escola / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica. – Brasília: Ministério da Saúde, 2009.

CLAUDINO, J; CORDEIRO, R. Níveis de ansiedade e depressão nos alunos do curso de licenciatura em enfermagem. O caso particular dos alunos da Escola Superior de Saúde de Portalegre. **Millenium-Journal of Education, Technologies, and Health**, n. 32, p. 197-210, 2016.

EGRY, Emiko Yoshikawa. Saúde coletiva: um novo método em enfermagem. In: **Saúde coletiva: um novo método em enfermagem**. 1996. pág. 144-144.

FROTA, I. J. et al. Transtornos de ansiedade: histórico, aspectos clínicos e classificações atuais. **J. Health Biol Sci**, v. 10, n. 1, p. 1-8, 2022. Disponível em: doi: 10.12662/2317-3206jhbs.v10i1.3971.p1-8.2022.

GIL, A. C. Métodos e Técnicas de Pesquisa Social. 6a ed. São Paulo: **Editora Atlas**, 2008.

LIRA, L. F. B. L. C. et al. FISIOPATOLOGIA DO TRANSTORNO DE ANSIEDADE. **SEMPESq - Semana de Pesquisa da Unit - Alagoas**, [S. l.], n. 9, 2021. Disponível em: https://eventos.set.edu.br/al_sempesq/article/view/15165. Acesso em: 7 set. 2022.

LOPES, I. E; NOGUEIRA, J. A. D; ROCHA, D. G. Eixos de ação do Programa Saúde na Escola e Promoção da Saúde: revisão integrativa. **Saúde em Debate**, v. 42, p. 773-789, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-1104201811819>.

MAIA, B. R; DIAS, P. C. Ansiedade, depressão e estresse em estudantes universitários: o impacto da COVID-19. **Estudos de Psicologia (Campinas) [online]**. 2020, v. 37 e200067. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-0275202037e200067>.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. Pesquisa Social: teoria, método, criatividade. 28a ed. São Paulo: **Editora Vozes**, 2009.

PAULINO, B; YOEM, R. H. C. Práticas Integrativas no tratamento da ansiedade. 2022.

PEREIRA, M. D. et al. Pandemia de COVID-19, isolamento social, consequências na saúde mental e estratégias de enfrentamento: uma revisão integrativa. **Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento**, [S. l.] v. 9, n. 7, pág. e652974548, 2020. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/4548>.

PINTO, A. C. S. et al. Fatores de risco associados a problemas de saúde mental em adolescentes: revisão integrativa. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 48, p. 555-564, 2014.

PISCHETOLA, M; DE MIRANDA, L. T. Metodologias ativas, uma solução simples para um problema complexo. **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, v. 16, n. 43, p. 30-56, 2019.

ROUXINOL, F. Ansiedade e psicopatologia do desenvolvimento: a fobia social na adolescência. 2018.

SILVA, A. A. et al. Ações de promoção da saúde no Programa Saúde na Escola no Ceará: contribuições da enfermagem. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 74, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2019-0769>.

SILVEIRA, J. A. et al. Ansiedade em alunos do Ensino Médio: um estudo de revisão. **Psicologia PT**, São Paulo, ISSN, p. 1646-6977, 2020.

EDUCAÇÃO POPULAR EM SAÚDE COM ESCOLARES SOBRE PRIMEIROS SOCORROS VOLTADO PARA O ENGASGO: RELATO DE EXPERIÊNCIA

*Albaniza Paiva de Melo Neta
Mirelly Anny da Silva
Palmyra Sayonara de Góis
Taiane Millena Costa Nascimento*

RESUMO

Esse artigo tem como objetivo relatar a experiência vivenciada na realização de uma Educação Popular em Saúde (EPS), fazendo-se o uso do Programa Saúde na Escola (PSE) como referência teórica. A temática debatida referiu-se aos primeiros socorros com ênfase no engasgamento, com os alunos do segundo ano do ensino médio pertencente a uma Instituição Federal do Rio Grande do Norte, sendo eles o público-alvo da intervenção. Trata-se de um estudo descritivo de abordagem qualitativa, na modalidade relato de experiência. O presente trabalho foi proposto pelo componente de Estágio Curricular Supervisionado II, do curso de graduação em enfermagem da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Com o uso de metodologias ativas, reforçou o nosso desempenho, já que apresenta um importante papel na aprendizagem do público-alvo, fator que influenciou na conclusão da atividade de forma exitosa. Além disso, a atividade possibilitou o desenvolvimento de habilidades do grupo, como a desenvoltura de falar em público, de escutar o saber do outro, de trazer o escolar para o centro do debate, além de incentivar o trabalho em grupo, habilidades que são essenciais para a prática profissional da enfermagem. Assim possibilitou o diálogo sobre o assunto proposto e a disseminação de sua importância.

Descritores: Educação em Saúde; Saúde na Escola; Primeiros Socorros; Enfermagem.

ABSTRACT

This article aims to report an experience in carrying out a Popular Health Education (EPS), using the School Health Program (PSE) as a theoretical reference. The theme discussed referred to first aid with an emphasis on choking, with second-year high school students belonging to a Federal Institution in Rio Grande do Norte, being the target audience of the intervention. This is a descriptive study with a qualitative approach, in the form of experience reporting. The work was proposed by the Supervised Curriculum Internship II component of the nursing course at the State University of Rio Grande do Norte. With the use of active methodologies, it reinforced our performance, as it plays an important role in the learning of the target audience, a factor that influenced the successful completion of the activity. In addition, the activity enables the development of group skills, such as the ability to speak in public, to listen to the knowledge of others, to bring the student to the center of the debate, in addition to encouraging group work, skills that are essential for professional nursing practice. Thus, it is possible to dialogue on the proposed subject and the dissemination of its importance.

Descriptors: Health Education; Health at School; First aid; Nursing.



1 INTRODUÇÃO

Esse estudo relata uma experiência que os graduandos do curso de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio grande do Norte vivenciaram, que teve como finalidade elaborar e desenvolver atividades de Educação Popular em Saúde (EPS), através do Programa Saúde nas Escolas (PSE), no qual tivemos a chance de partilhar experiências bem como debater ideias, conceitos dispondo-se a construir novos conhecimentos, com contribuições do saber teórico dos universitários e do saber prático dos estudantes.

A realização da promoção da saúde (PS) no âmbito escolar vai estar ancorada através do PSE que é uma política intersetorial brasileira, instituída em 2007, resultante da parceria entre o Ministério da Saúde e o Ministério da Educação, tendo como objetivo a melhoria da saúde dos estudantes da rede pública de ensino, com ações de promoção, prevenção e atenção à saúde (OLIVEIRA et al., 2018).

O PSE surge com o benefício de promover a saúde e a cultura de paz nas escolas. O espaço escolar não deve ser pensado como unidade de medicalização e, sim, como espaço de colocar em prática a cultura de prevenção a diferentes agravos à saúde, bem como aproveitar esse espaço, ainda subutilizado, para incentivar a convivência harmoniosa entre seus frequentadores, um dos pontos bastante relevante que o PS oferta é a parceria das escolas com as unidade básica de saúde, possibilitando uma convivência social que possibilita a implantação de relações favoráveis à PS (CAROLINO, 2022).

A EPS constitui um campo de conhecimentos, saberes e práticas, permeado pela escuta, pelo diálogo e pela ação, práticas essas que são desenvolvidas dentro do contexto do Sistema Único de Saúde (SUS). Ressaltando sempre que é impossível executar PS sem fazer EPS, visto que ambas andam lado a lado, posto que suas ações são direcionadas para a população em geral, o que abrange as escolas e seus estudantes (LIMA et al., 2010).

Por conseguinte, a escola é um ambiente favorável à ocorrência de acidentes em virtude da grande parcela de crianças e adolescentes nesse mesmo espaço físico e por passar a maioria do seu tempo nesses ambientes, levando em consideração as suas descobertas e atividades recreativas. Desse modo, é fundamental discutir sobre primeiros socorros nesses espaços de formação, em especial envolvendo os

profissionais da educação (CAROLINO, 2022).

O conhecimento sobre primeiros socorros é fundamental para amenizar danos e para o enriquecimento no aprendizado desses adolescentes, diante disso Brito et al (2020) trazem que os primeiros socorros são condutas iniciais, que podem ser realizadas por um espectador, não necessariamente profissional de saúde, com o objetivo de ajudar pessoas com risco de morte para manter as funções vitais e evitar o agravamento da condição de saúde.

Por isso é imprescindível que tenhamos conhecimentos prévios sobre primeiros socorros, e ao correlacionar com o engasgo que ocorre devido a uma obstrução parcial ou total das vias aéreas, assim tende a comprometer a passagem de ar até os pulmões. No qual o bloqueio pode ser provocado por objetos, ingestão de alimentos, líquidos ou traumas, chegando a ocasionar uma asfixia ou até mesmo progredir a uma parada cardiorrespiratória e conseqüentemente levando à morte. Por isso, observa-se a importância de conhecermos sobre essa temática e nos atentarmos aos riscos a que estamos expostos, e podemos desenvolver habilidades para auxiliar no momento (MACIEL; OLIVEIRA, 2020).

Essa condição pode ser classificada em leve e moderada, leve quando o ar mesmo com dificuldade ainda é possível fazer a passagem e consegue realizar o ato de tossir, em contrapartida a forma grave, o ar não consegue fazer seu curso e o sujeito não consegue tossir ou falar. Essa situação de urgência, sem intervenção adequada, pode ocasionar sérios danos à vida, principalmente quanto ao funcionamento do cérebro, coração e demais órgãos do corpo, devido à falta de oxigênio (SANTOS; SOUSA; FIGUEREDO, 2019).

Portanto, o objetivo deste artigo é relatar a experiência vivenciada durante a EPS desenvolvida no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN) – no semiárido do nordeste brasileiro, ancorada nos princípios do PSE, sobre a temática de Primeros Socorros em Engasgo.

2 METODOLOGIA

Trata-se de um artigo descritivo e qualitativo, na modalidade de relato de experiência.

O presente descreve as ações de EPS, ancoradas no PSE, realizadas pelos

alunos no Estágio Curricular Supervisionado II, do curso de graduação em enfermagem da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Campus Pau dos Ferros.

Para coleta de dados e informações foi realizada uma captação de realidade objetiva da instituição, com uso de roteiro norteador. Utilizou-se de dois instrumentos - entrevista e questionário, que possibilitaram a identificação das principais temáticas tidas como relevantes para o público-alvo. Foram entrevistados os que compõem a Coordenação pedagógica de um Instituto Federal (IF) e os professores que estavam na sala dos docentes. Aos alunos aplicou-se os questionários, que traziam temas pré-estabelecidos e espaço para acréscimo de outras necessidades de educação em saúde por eles elencadas.

Assim, tem-se o elenco da temática de Primeiros Socorros com ênfase no engasgamento. Após seleção do tema, ocorreu a pactuação com a escola do dia, o horário e discentes participantes.

Para a realização da EPS em si, foi necessária a utilização de recursos materiais - para a construção de estudo de casos; recursos audiovisuais – que foram os vídeos e; simulação realística e encenação com os escolares.

Os autores construíram ainda uma produção técnica, em formato de álbum seriado, que foi entregue e deixado à disposição da escola após a realização da EPS. O álbum seriado foi intitulado de – Primeiros Socorros em caso de engasgo.

3 RESULTADOS

A escolha do ambiente, e de que tipo de público abordaríamos, se deu pelas propostas que são formuladas dentro do componente de Estágio Curricular Supervisionado II, assim direcionamos nossa atividade para alunos do ensino médio de um IFRN, o qual discutimos a importância da educação popular em saúde para o ambiente escolar, e fortalecendo os objetivos do PSE. Já a escolha de se discutir sobre primeiros socorros ocorreu diante das necessidades evidenciadas pela coordenação, professores e alunos, e levantando a questão por ser um tema de grande importância, principalmente no ambiente escolar.

Assim, tem-se o elenco da temática de Primeiros Socorros com ênfase no engasgamento e, posteriormente, a pactuação com a escola do dia, o horário e a

discentes participantes.

A atividade de educação em saúde foi dividida em três momentos:

No primeiro momento, no qual chamamos de Quebra-gelo, foi realizada uma dinâmica de apresentação de todos os escolares presentes e, ao longo das apresentações, eles iam dialogando sobre o que entendiam sobre primeiros socorros e, ainda, se já havia vivenciado algum episódio de engasgo.

No segundo momento, o qual chamamos de Discussão e debate, utilizamos vídeos. Eles traziam episódios de engasgo tanto em adulto, como em crianças. Com isso íamos discutimos o que deve ser feito em cada caso, e simulando a manobra de heimlich, no engasgo em crianças usamos uma boneca. Também exibimos o símbolo universal do engasgo.

No entanto, para que a atividade pudesse ser desenvolvida com êxito, procuramos promover um momento inicial para que os alunos pudessem relatar alguma experiência vivenciada diante do tema, ou falar algo que abrangesse o significado do tema exposto. Sendo assim, tínhamos o intuito de alcançar o objetivo da atividade almejado, com isso planejamos e desenvolvemos estratégias para que a nossa intervenção fosse efetuada de forma satisfatória.

E no terceiro e último momento, que denominamos de avaliação, convidamos os escolares, e a professora presente a realizarem uma simulação realística, com o propósito de os alunos desenvolver habilidades sobre primeiros socorros direcionados ao engasgo tanto para adultos, como para crianças, no qual os alunos realizaram a técnica entre si, e com uma boneca poderão demonstrar a técnica que repassamos. Obtivemos uma boa parte do envolvimento da turma nesta tarefa e consideramos satisfatório a nossa apresentação.

Diante disso, confeccionamos uma produção técnica em forma de álbum seriado, que aborda o tema que expomos (primeiros socorros voltados para o engasgo), e deixamos em exposição na instituição para que os outros alunos possam visualizar. Vale ressaltar que este foi uma produção técnica, construída com base nas referências estudadas pelos responsáveis da ação educativa, sob supervisão das docentes que nos acompanharam durante a realização da EPS.

Para a realização da EPS foi necessária a utilização de recursos materiais (construção de casos e construção de álbum seriado), audiovisuais (vídeos) e simulação realística/encenação com os escolares.

4 DISCUSSÃO

Elaboramos nossa ação da forma mais dinâmica possível, para obter uma interação entre os escolares presentes e nós discentes, com isso utilizamos as metodologias ativas, que no qual proporcionou um diálogo, e os motivou a participação deles.

Cabe destacar que as metodologias ativas são consideradas inovadoras e possibilitam o aprender a aprender, na medida em que estão centradas nos princípios da pedagogia crítica, interativa e reflexiva e que além disso, ao se aplicar estratégias inovadoras (FREITAS; BESSA; GÓIS, 2020).

Diante disso observamos o quanto os escolares, e a professora presente tiveram uma participação significativa diante do tema primeiros socorros, notou-se também o quanto é importante executar ações sobre esse tema, e que eles já apresentam um conhecimento prévio.

Acidentes na infância são comuns e acontecem em ambiente escolar, havendo a necessidade de conhecimentos prévios sobre primeiros socorros pelos professores, e pelos alunos. Destaca-se que as ações educativas em saúde devem estar incorporadas no processo de cuidar da enfermagem e ir além do ambiente assistencialista, chegando também no ambiente escolar. Acredita-se que a enfermagem tem muito a contribuir no ensino da saúde em ambiente escolar (CABRAL; et al., 2019).

Através desta citação compreendemos que é de grande relevância o papel do PSE, e nós enquanto acadêmicos de enfermagem podemos construir conhecimento para/com as escolas, pois sabemos que em algum momento.

5 CONCLUSÃO

Desenvolver a EPS não é fácil, pois além de fugir do tradicionalismo, da transmissão depositária de informações e saberes. Nesse modelo hegemônico de educação em saúde, muitas vezes não há uma participação por grande parte do público, por não se identificaram com essas falas de via única onde, um fala e outro escuta. Faz-se assim, necessário a utilização teórico-metodológica de uma educação em saúde que transformem essas práticas de saúde, com o intuito de fortalecer a junção dos saberes, através de uma dialogia, reconhecendo as vivências do outro para

promover um diálogo enriquecedor.

Uma das facilidades que encontramos, diante do tema exposto para a realização da ação, foi que os componentes do grupo já tinham um conhecimento prévio e, além disso nos deparamos com um grande interesse dos alunos acerca da temática escolhida, isso sem dúvidas facilitou durante a realização da atividade.

Mas para que isso fosse possível, houve uma construção de vínculo com a escola ao longo de toda a construção da ação, desde a realização da captação, da conversação com professores e alunos, e da própria coordenação que facilitou essa aproximação, assim pudemos realizar um planejamento mais direcionado, para ser bem-sucedido. Vale ressaltar que esse vínculo é muito importante pois a prática do PSE se torna mais efetiva, a educação popular em saúde se torna mais evidente, que resultará de forma satisfatória tantos benefícios que venhamos a dispor para a população.

Ademais, a atividade fortaleceu a importância dos vínculos entre a EPS e o PSE, promovendo ao grupo uma experiência entre ambos, mais que isso, nos permitiu o desenvolvimento de habilidades do grupo, como a habilidade e desenvoltura de falar em público, além de incentivar o trabalho em grupo, habilidades essas que são essenciais para a prática profissional da enfermagem. Além de tudo, a educação em saúde sobre a temática apresentada, deve ser mais discutida, pois é de grande relevância para a escola, para a comunidade e para a sociedade.

O objetivo da nossa ação foi alcançado, além de ter sido relatado pelos alunos o quando a nossa ação foi de grande importância para a construção do saber deles. A experiência vivenciada nos instrumentalizou para compreender os princípios da EPS, através da troca de diálogos, valorização de saberes, o escolar como centro do processo de construção de conhecimento, a importância da escuta, na perspectiva de construir habilidades e competências como futuro trabalhador em saúde.

Além disso essa temática pode sim ser reproduzidas em diversos cenários, desde que haja metodologias inovadoras, e compatíveis com o público que está presente, assim abrangendo as realidades de cada realidade.

6 REFERÊNCIAS

BRITO, Jackeline Gonçalves et al. Efeito do treinamento de primeiros socorros em equipes de escolas de educação especial. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 73, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0034-7167-2018-0288>>.

CABRAL, Elaine Viana et al. Primeiros socorros na escola: conhecimento dos professores. **Revista Práxis**, v. 11, n. 22, 2019. Disponível em: <<https://revistas.unifoa.edu.br/praxis/article/view/712>>.

CAROLINO, Roseli. **Ação educativa sobre prevenção e primeiros socorros de acidentes de engasgo na educação infantil**. 2022. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/235511/carolino_r_dr_m ar.pdf?sequence=3&isAllowed=y. Acesso em 29 de agosto de 2022.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2008

LIMA, Luanda de Oliveira et al. Perspectivas da educação popular em saúde e de seu grupo temático na Associação Brasileira de Saúde Coletiva (ABRASCO). **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 25, p. 2737, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1413-81232020257.26122020>>.

SANTOS, Layenna Lopes; SOUSA, Lethycia Hellen Carneiro; DE FIGUEREDO, Rogério Carvalho. Percepção de pais sobre primeiros socorros relacionados a OVACE. **Revista Remecs-Revista Multidisciplinar de Estudos Científicos em Saúde**, p. 9-9, 2019. Disponível em: <https://www.revistaremece.com.br/index.php/remecs/article/view/276>. Acesso em: 29 ago. 2022.

MACIEL, Aline Oliveira; ROSENO, Bárbara Rodrigues. **Avaliação do conhecimento a respeito de parada cardiorrespiratória e engasgo entre professores e estudantes de uma escola pública do Distrito Federal**. 2020. Disponível em: <https://dspace.uniceplac.edu.br/bitstream/123456789/269/1/Aline%20Maciel_0002600_B%3%a1rbara%20Roseno_0002461.pdf>. acesso em 27 de agosto de 2022.

DE FREITAS, Cilas Viana; BESSA, Marcelino Maia; DE GÓIS, Palmyra Sayonara. EDUCAÇÃO POPULAR EM SAÚDE SOBRE ANSIEDADE COM ESTUDANTES: RELATO DE EXPERIÊNCIA. **REDFOCO**, v. 7, n. 1, p. 33-43, 2020. Disponível em: <<http://periodicos.apps.uern.br/index.php/RDF/article/view/2398>>.

Oliveira, Fernanda Piana Santos Lima de et al. **Percepção de escolares do ensino fundamental sobre o Programa Saúde na Escola: um estudo de caso em Belo Horizonte, Brasil**. *Ciência & Saúde Coletiva* [online]. 2018, v. 23, n. 9 Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1413-81232018239.16582018>>.

EDUCAÇÃO POPULAR EM SAÚDE COM ESTUDANTES: REPENSANDO O PRECONCEITO NA ESCOLA

*Andrezza Karine Araújo de Medeiros Pereira
Francisca Suênia Alves Silva
Isadora Mesquita Nunes
Renyelle Mesquita Mello*

Resumo

A educação popular vem colaborando com a reorientação de diversas políticas públicas e com a construção de práticas sociais potentes que conseguem alcançar êxito na constituição de vivências e experiências em espaços diversos. Este estudo tem como objetivo relatar a experiência vivenciada na realização de ações de Educação Popular em Saúde em uma escola pública de educação básica de uma cidade do Alto Oeste Potiguar sobre a temática de preconceito. Trata-se de estudo qualitativo, descritivo, do tipo relato experiência, abordando as vivências de atividades de educação em saúde implementadas em escola estadual de ensino básico. A elaboração e implementação das atividades, foram realizadas após captação da realidade, onde foi identificadas necessidades, seguida de planejamento e implementação de educação popular em saúde sobre a temática preconceito na turma do 8º ano do ensino fundamental, tendo como público adolescentes de 13 a 15 anos. Para a realização da atividade, utilizou-se de 3 metodologias ativas, que tinham como intuito refletir sobre o preconceito e possibilidades para a sua desconstrução. A experiência permitiu vivenciar a atuação do enfermeiro no Programa Saúde na Escola, e possibilitou exercício prático e reflexivo do papel da enfermagem na efetivação da Educação Popular em Saúde.

Palavras-chave: Educação Popular em Saúde; Saúde na Escola; Adolescentes; Enfermagem; Preconceito.

Abstract

Popular education has been collaborating with the reorientation of several public policies and with the construction of powerful social practices that manage to achieve success in the constitution of experiences in different spaces. This study aims to report the experience in carrying out actions of Popular Education in Health in a public school of basic education in a city in Alto Oeste Potiguar on the theme of prejudice. This is a qualitative, descriptive study, of the experience report type, approaching the experiences of health education activities implemented in a state school of basic education. The elaboration and implementation of the activities were carried out after capturing the reality, where needs were identified, followed by the planning and implementation of popular health education on the theme of prejudice in the 8th grade class of elementary school, with adolescents aged 13 to 15 as the audience. years old. To carry out the activity, 3 active methodologies were used, which were intended to reflect on prejudice and possibilities for its deconstruction. The experience made it possible to experience the role of nurses in the Health at School Program, and enabled a practical and reflective exercise of the role of nursing in the implementation of Popular Education in Health.

Keywords: Popular Education in Health; Health at School; Adolescents; Nursing; Prejudice.



1 INTRODUÇÃO

O Programa Saúde na Escola (PSE) foi desenvolvido em 2007 como uma ferramenta de integração e articulação entre as políticas de educação e de saúde. Seu objetivo é justamente ampliar as ações de saúde direcionadas aos discentes da rede pública de ensino básico, colaborando para a formação integral dos estudantes e desenvolvimento de atividades de prevenção, promoção e assistência à saúde (BRASIL et al., 2017).

Nesta perspectiva, o PSE surge como um espaço potente e diferencial em aproximar os adolescentes da Educação Popular em Saúde (EPS), potencializando suas intervenções e garantindo a integralidade das ações e a continuidade do cuidado. O PSE busca também promover a educação permanente dos trabalhadores envolvidos no programa, trazendo, portanto, possibilidade de melhorar a formação em uma perspectiva problematizadora e crítica, tendo em vista que, as ações não podem se resumir em ações pontuais sem associá-los a um contexto sociocultural dos discentes e seu desenvolvimento crítico da realidade (BRASIL et al., 2017).

Ressalta-se que a educação popular vem colaborando com a reorientação de diversas políticas públicas e com a construção de práticas sociais potentes que conseguem alcançar êxito na constituição de vivências e experiências em espaços diversos desde a atenção básica até a atenção terciária à saúde, bem como nos territórios e escolas, possibilitando a construção de um agir em saúde que seja crítico, humanizado, participativo e inclusivo (SALVADOR; SILVA, 2018).

Outrossim, a EPS pode ser compreendida como uma ferramenta que possibilita a troca entre o conhecimento científico e o popular, onde essa junção de saberes oportuniza uma prática social centrada nos empasses do cotidiano, valorizando as experiências singulares dos indivíduos nas diferentes realidades. Nesse contexto, a escola configura-se como espaço potente para EPS, permitindo que problemáticas diversas sejam discutidas entre educadores e educandos, e novas formas de enfrentamento sejam debatidas e elencadas. Destaca-se a temática “preconceito” enquanto problemática que necessita ser discutida na rede básica de ensino, haja vista que seu debate e reflexão, contribui para a construção de uma sociedade mais justa e tolerante, tornando as crianças e adolescentes capazes de lidar com as diferenças de maneira equânime e respeitosa (FREITAS; BESSA; GÓIS, 2020).

O Preconceito corresponde a atitude hostil que pode ser voltada a um grupo como um todo ou a uma pessoa em função da sua pertença a um grupo social. A partir dessa definição, fica evidente que o preconceito está ligado a grupos sociais, principalmente aos grupos socialmente desvalorizados. As manifestações discriminatórias dentro das escolas da rede básica de ensino têm ocasionado uma série de agressões físicas e simbólicas que resultam no sofrimento do cotidiano dos estudantes, especialmente pessoas negras e LGBTQIA+. A escola, que é um dos lugares essenciais para a construção da identidade do indivíduo, acaba funcionando como mais um dos lugares onde o preconceito e a discriminação são desenvolvidos e alimentados (DA SILVA CARVALHO, 2019).

Pensando nisso, foi observada a necessidade de realizar intervenções voltadas à EPS em escolas públicas da educação básica, promovendo o incentivo, orientação e, principalmente, o diálogo entre acadêmicos de enfermagem, gestores da instituição e adolescentes que ali estudam. Acredita-se que as práticas educativas devem ser planejadas pelos profissionais de saúde juntamente com os educadores e introduzidas no Projeto Político Pedagógico da Escola. Para isso, os conteúdos da saúde devem estar presentes nos currículos de formação de crianças e adolescentes de forma transversal e interdisciplinar, em todas as séries escolares (SALVADOR; SILVA, 2018).

Diante do exposto, este estudo tem como objetivo relatar a experiência vivenciada na realização de ações de Educação Popular em Saúde em uma escola pública de educação básica de uma cidade do Alto Oeste Potiguar sobre a temática de preconceito.

2 METODOLOGIA

Trata-se de um estudo qualitativo e descritivo que, de acordo com Godoy (1995), se preocupa em entender a realidade da sociedade de forma mais profunda, contando com a participação de pessoas envolvidas nesse contexto, portanto, proporciona dados confiáveis e de qualidade. Além disso, pertence também à modalidade de relato de experiência, permitindo que o grupo exponha suas experiências e vivências durante a realização da atividade, associando-as com o saber científico (GIL, 2008).

Fundamentou-se nas ações desenvolvidas numa escola estadual de médio porte da rede básica de ensino de uma cidade do Alto Oeste Potiguar. O público-alvo da intervenção foram os estudantes do Ensino Fundamental II (8º ano). O exercício foi proposto pelo componente curricular Estágio Curricular Supervisionado II, necessário para a conclusão do curso de graduação em enfermagem da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte/UERN.

Foi realizada uma visita prévia à instituição de ensino que possibilitou a observação das principais necessidades e dificuldades presentes no local. Por meio de conversas com os profissionais da educação e os estudantes, foi elencado de forma expressiva a temática a respeito do preconceito. A atividade de EPS foi desenvolvida em agosto de 2022, no turno matutino.

O desenvolvimento da ação foi organizado em três momentos, ambos com diferentes estratégias metodológicas. O primeiro a ser trabalhado foi a dinâmica de “quebra-gelo”, onde acadêmicos e estudantes do 8º ano se apresentaram. Em sequência, os estudantes se dividiram em cinco grupos e foi lançado um questionamento: “Somos todos iguais?”, buscando saber se eles já ouviram falar sobre preconceito, se é algo comum e recorrente na vida deles, contribuindo assim, para que os discentes pudessem identificar algum conhecimento preliminar.

Em seguida, deu-se início a discussão, ocasião essa que visava instigar a interação entre as participantes. Foi utilizado um “dado” onde em cada parte do mesmo tinha um tópico sobre determinado tipo de preconceito. Por fim, na terceira etapa, atividade de avaliação, foi trabalhado a “âncora dos sentimentos”, onde foi distribuído para cada aluno um pequeno papel em branco para que eles elaborassem mensagens que ajudassem a lidar com o preconceito.

O estudo, portanto, pautou-se nas observações e vivências e possibilitou a abertura de espaços para o diálogo e a troca de conhecimentos entre os envolvidos, sobre diversos aspectos situacionais em que cada sujeito havia vivenciado. Este estudo não requer aprovação do comitê de ética, uma vez que as informações apresentadas são experiências pessoais vivenciadas pelos acadêmicos de enfermagem. Contudo, ressalta-se que todos os princípios éticos foram seguidos conforme a resolução 466/2012.

3 RESULTADOS

A realização das atividades de educação popular em saúde em escolas foi proposta pelo componente curricular Estágio Curricular Supervisionado II, do curso de graduação em enfermagem da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte/UERN, que tem dentre seus objetivos construir e implementar planos de intervenção de educação popular em saúde junto à estudantes da rede de ensino básico, mais precisamente estudantes do ensino fundamental II e ensino médio de escolas públicas.

A elaboração e implementação destas atividades, foram realizadas após uma visita à instituição para captação da realidade, tendo em vista a importância de conhecer os locais das ações para captar e interpretar as necessidades e dificuldades evidenciadas pela coordenação pedagógica, professores e estudantes, para então serem planejadas as ações. As ações aconteceram com os estudantes do 8º ano, participando aproximadamente 30 estudantes com idades entre 13 e 15 anos, onde foi desenvolvido um plano estratégico para implementação da EPS com eixo temático de preconceito.

Para a realização da atividade, utilizou-se de 3 metodologias ativas, que tinham como intuito refletir sobre o preconceito e possibilidades para a sua desconstrução. Ao final desta ação, foi apresentado e discutido uma produção técnica, panfletos, falando sobre preconceito, como enfrentá-lo e denunciar, sendo o mesmo elaborado e produzido pelo grupo de acadêmicos deste estudo. O período de realização das ações foi entre os meses de julho a agosto de 2022, tendo as intervenções planejadas em consonância com os docentes da disciplina de Estágio Curricular Supervisionado II.

Neste aspecto, para o desenvolvimento das intervenções, foi necessário planejamento sobre quais temáticas seriam mais necessárias mediante as problemáticas identificadas na instituição. Ademais, houve a necessidade de se articular com a escola, para pactuar sobre a realização e as finalidades da ação. Desse modo, foram desenvolvidas estratégias, que tinha como objetivo compreender qual melhor metodologia se aplicaria àquele local, assim como os instrumentos para realização da atividade, após isso, fizemos a divisão da intervenção em três momentos, apresentação, discussão e avaliação, sendo estes, elementos base para a realização da prática.

Foram priorizadas atividades de cunho dialógica e participativa, tendo em vista que, era necessário trazer metodologias ativas para que os alunos participassem ativamente das discussões, assumindo o papel de sujeitos. Outrossim, iniciamos o momento da intervenção, com a apresentação de todos os sujeitos envolvidos, abrindo o momento para que cada um falasse um pouco de si. Em seguida, reforçamos qual temática seria discutida e qual finalidade daquela ação, em geral foi distribuído 1 hora e 10 min para intervenção.

No primeiro momento da ação utilizamos como quebra gelo a “Dinâmica do somos todos iguais?” que de início pedia para que os estudantes formassem um grupo de cinco pessoas. Após isso, perguntamos se eles já ouviram falar sobre preconceito e o que eles acham que seria. Na segunda parte distribuimos imagens que continham uma frase relacionada a algum tipo de preconceito, algumas das frases escolhidas tinham as seguintes descrições “isso é coisa de mulherzinha”, “eu não tenho preconceito, desde que não se beijem na minha frente”, “eu não sou racista, até tenho amigos negros”. Após a divisão dos grupos, cada membro lia e os demais falavam sobre entendimentos e vivências relacionadas às frases e se concordavam ou não e de que maneira aquele texto poderia ser compreendido como preconceituoso.

A posteriori, foi dado continuidade com a metodologia que se utilizou o dado, para a realização da discussão central do tema. O dado continha tópicos, em cada parte, relacionados a algum tipo de preconceito, dentre eles estavam preconceito social, racial, gênero, gordofobia, xenofobia e quanto à orientação sexual. Em seguida, cada membro do grupo jogava o dado, e no tópico que caía, eles dialogavam sobre o tipo de preconceito, como se sentem em relação a ele, seus entendimentos, se já havia sofrido ou presenciado alguém sofrendo, ou praticado.

Como forma de avaliação da atividade, utilizou-se a metodologia da Âncora dos Sentimentos, que tinha como objetivo desenvolver mensagens que pudessem ajudar a lidar com preconceito e formas de vencê-lo. Debateu-se a ideia de que as âncoras devem ser buscadas em momentos de crise ou quando as pessoas se sentem desanimadas. A ideia foi criar âncoras que sejam mensagens de apoio para lidar com preconceitos, seja ele social, racial, de gênero ou quanto a orientação sexual, para serem lidas em momentos de desânimo, ou seja, frases motivacionais. Cada grupo ficou com algum tipo de preconceito, cada um deles montaram frases ou mensagens, relacionadas a seu tema e após isso colaram na cartolina.

Ao final da ação chamamos cada representante dos pequenos grupos para ir até à Âncora e escolher uma frase que mais achou impactante e interessante para ler para turma e explicar a importância dela. Reforçamos a importância de ajudar quem esteja passando por essa situação, e questionamos se a temática foi agregadora para cada participante.

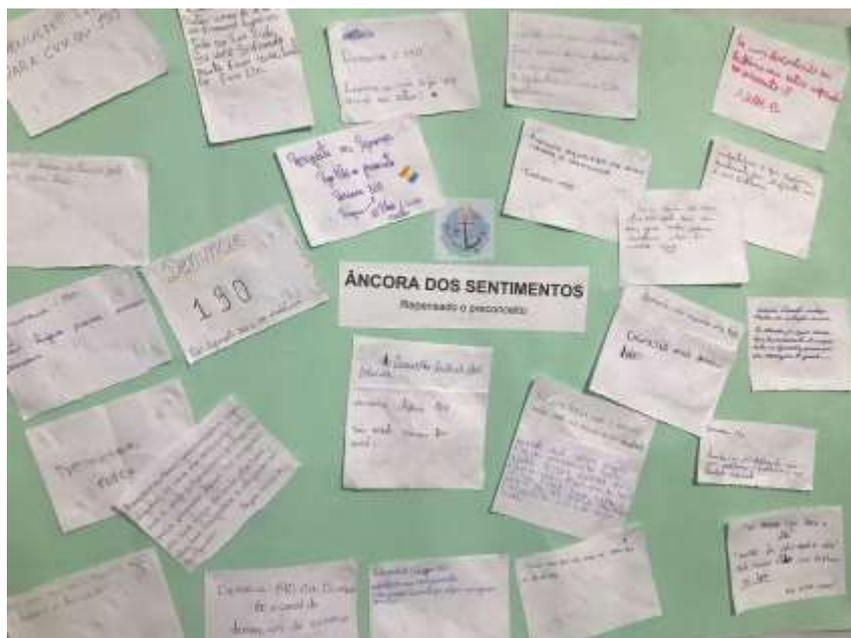
A atividade foi finalizada com grande participação e interação entre todos os envolvidos, as metodologias lúdicas e o interesse pelo tema em questão proporcionaram uma alta participação e integração dos discentes. A metodologia final trouxe esperanças e satisfação dos estudantes, pois foi possível compartilhar os aprendizados com os adolescentes e acadêmicas.

Figura 1 – Participantes



Fonte: Autoria própria, 2022.

Figura 2 – Material utilizado Âncora



Fonte: Autoria própria, 2022.

Figura 3 – Discentes mediadoras da ação



Fonte: Autoria própria, 2022.

4 DISCUSSÃO

A escolha da intervenção se deu, pela proposta e característica própria do componente curricular Estágio Curricular Supervisionado II, no qual discute a

importância do compartilhamento de saberes através da educação popular em saúde para o ambiente escolar, proporcionado o encontro entre futuros trabalhadores da saúde e usuários, entre as equipes de saúde e os espaços das práticas populares de cuidado (FREITAS; BESSA; GÓIS, 2020).

Desse modo, a forma como foi identificada a temática discutida está de acordo com as realidades e necessidades descritas pelos adolescentes da escola, onde os alunos receberam papéis em branco escrevendo as temáticas que achavam mais necessárias para discutir juntos em sala de aula. À intervenção teve como temática "Repensando o preconceito" onde buscamos debater e refletir sobre alguns tabus que à sociedade criticam, como preconceitos sociais, raciais, gênero, xenofobia, gordofobia e orientação sexual, bem como à discriminação deles.

Assim, o preconceito e as ações para combatê-lo, é um tema bastante assíduo em diversos meios. A discussão do tema fundamenta-se na necessidade de pensar sobre os traços fascistas que ainda se escondem nas atitudes que se espalham rotineiramente nas escolas e fora delas. Um processo dinâmico no qual as características do sujeito potencialmente preconceituoso são adquiridas durante o seu processo de socialização e, portanto, não são inatas, são construídas socialmente e atuam na formação e sustentação das representações psicológicas e no comportamento etnocêntrico do sujeito, cooperando com a formação complexa das características e diversidade nas estruturas autoritárias da personalidade (DA SILVA, 2019).

Durante a intervenção surgiram alguns relatos vindo dos estudantes residentes de um determinado bairro. Eles relataram sofrer preconceito, discriminação e inúmeras vezes serem acusados por alguns acontecimentos na instituição de ensino pelo fato de residirem em um bairro carente, visto como periferia. Diante disso, pode-se afirmar que existem diversos tipos de sujeitos autoritários, na proporção da prevalência de uma ou mais destas estruturas. As características fascistas, transvestidas pela violência escolar é resultado de uma violência social, quando se apresenta em suas especificidades, e diretamente social, quando traz problemas sociais de variadas naturezas para dentro dos muros escolares (DA SILVA, 2019).

Nesse sentido, segundo Silva (2005) o preconceito é resultado de aspectos psíquicos próprios e da construção do indivíduo em relação ao meio social e cultura em que vivem. Assim, o homem não nasce preconceituoso, todo esse contexto é

apreendido de acordo com a negação da dignidade humana, partindo de conceito e/ou característica de acordo com cada indivíduo, tornando atitudes negadas a uma pessoa ou grupo social. Assim a discriminação refere-se a ações de discriminar, tratar diferente, excluir e marginalizar um indivíduo ou ação (RODRIGUES et al., 2014).

Dentro dessa perspectiva o PSE tem dentre suas finalidades desenvolver ações de educação em saúde com a comunidade escolar, representando um espaço de diálogo e encontro entre profissionais de saúde e alunos, pais, demais comunidade escolar e sociedade geral. Orientadas pelos princípios da educação popular, as ações educativas desenvolvidas pelo PSE, podem impulsionar a articulação entre diferentes saberes, onde a partir das experiências acumuladas ao longo da vida, todos são instigados a participar e dialogar sobre as mais variadas temáticas/problemáticas, sendo uma importante estratégia para promover saúde e educação, e para fortalecer a cidadania, a participação social e a autonomia os sujeitos (VASCONCELOS, 2004)

As ações do PSE trabalham à promoção, prevenção e atenção à saúde com público de crianças e adolescentes de acordo com as necessidades e vulnerabilidades sociais, assim como amplia a troca de informações sobre as condições de saúde, fortalecendo à participação comunitária, de forma que venham a contribuir para melhorar as condições de adoecimento e melhoria do processo saúde doença dos indivíduos (DE SOUZA et al., 2015).

A adolescência é à fase de desenvolvimento onde se estabelecem o caráter, comportamentos, personalidade e estilos de vida, com isso, as ações de promoção à saúde têm enorme potencial para provocar transformações nos sujeitos, promovendo saúde na escola e contribuindo para o exercício da cidadania, fortalecendo valores e atitudes que venham melhorar as condições de vida e saúde (CARVALHO, 2015).

À EPS tem como mola propulsora o saber técnico dos profissionais de saúde e saber popular dos indivíduos e coletividade, baseado nas experiências de vida dos sujeitos. Portanto, a comunicação e o diálogo com os movimentos sociais são importantes aspectos que fortalecem a autonomia, criticidade dos sujeitos, participação social, ressaltando a singularidade sobre os direitos, cidadania e representações sociais relacionadas a saúde e doença (Silva & Pereira, 2020; BRASIL, 2007).

Partindo do referencial teórico da EPS, realizamos as intervenções a partir da realidade descrita pelos próprios alunos, havendo à troca de conhecimentos e

experiências vivenciadas, trazendo relatos de discussões sempre com articulação entre os mediadores das intervenções e os estudantes participantes da ação. A metodologia utilizada pelos mediadores foi de grande importância e êxito, capaz de proporcionar a troca de saberes, o aprendizado mútuo e participação ativa de todos os envolvidos. O público-alvo foram os adolescentes, partindo do viés que os conhecimentos prévios são desafiadores para melhor articular o tema e desmistificar de maneira que não impacte nas contribuições descritas por eles.

As metodologias utilizadas foram lúdicas, participativas e inclusivas. Foram discutidos aspectos ligados à orientação sexual, onde à sociedade até os dias atuais ainda discriminam esse público. Foram trazidas discussões como LGBTQIA+, alguns adolescentes até se emocionaram quando falaram sobre a temática, relatando o que já sofreram e trazendo conhecimentos para os demais colegas sobre o que seria, qual o real sentido e como as pessoas deveriam respeitar e deixar o preconceito de lado, tendo atitudes inclusivas, sem discriminá-los.

Sabemos que, a adolescência é uma fase de múltiplas mudanças biopsicossociais, portanto o papel da família faz parte desse processo de construção, representando na sua maioria os valores éticos e morais que servem para formação do indivíduo para fase adulta. Para tanto é necessário um equilíbrio para que haja uma formação de indivíduos saudáveis, respeitando as diferenças sociais, contudo o enfermeiro enquanto profissional crítico conhecedor da realidade, deve se responsabilizar pelas ações de prevenção de doenças e promoção da saúde, partindo das necessidades do indivíduo e/ou comunidade. Nesse sentido, deve realizar EPS nos mais diversos cenários, oportunizando a construção compartilhada de conhecimentos, respeitando a cultura e os saberes populares e fortalecendo a capacidade de análise e criticidade dos sujeitos, e por conseguinte, fortalecendo a capacidade política dos indivíduos e coletivos (ANDRADE; SILVA, 1994; SILVA; PEREIRA, 2020).

Ficou evidente, a importância dos conhecimentos prévios trazidos e compartilhados por cada aluno e os problemas que eles estão vivenciando. Durante toda a intervenção era discutido o que os discentes compreendiam sobre o tema, trazendo uma discussão rica sob diferentes perspectivas. Esses aspectos fortalecem a compreensão de que a EPS é uma estratégia que rompe com a lógica da educação tradicional, pautando-se na troca e no compartilhamento de saberes e não na mera

transmissão de conteúdo, possibilitando assim uma aprendizagem real e significativa (SANTOS; FRANÇA, 2018).

Os participantes relataram que temas como esse são muitas vezes negligenciados, mas que são essenciais para superação do problema. Foi relatado que as ações trouxeram uma nova perspectiva sobre estes problemas, já que foi possível não só discutir o tema, mas também escutar as necessidades, experiências e angústias de diferentes pessoas, mostrando estratégias de respeito mútuo às diferenças, haja vista que a escola constitui o lugar de destaque para a superação do preconceito, fazendo uso de um trabalho sistemático e crítico na formação de valores de cada aluno.

Ressalta-se que muitas das atividades vinculadas no PSE, ainda se apoiam numa abordagem biomédica, sendo efetivadas por meio de palestras ou distribuição de algum material informativo, sem muitas vezes dialogar sobre ele. Tais práticas enfraquecem a ação do PSE, haja vista que é necessária uma abordagem que permita a interação, respeito e valorização dos diferentes saberes e não a sua transmissão, assim como levando em consideração as dimensões sociais e emocionais dos indivíduos (SZINVELSKI et al., 2020).

Em relação às dificuldades durante à ação, pontua-se que estas merecem ser repensadas, com o propósito de superação sobre como devemos abordar e trazer temáticas e assuntos do dia a dia com mais cautela, por se tratar de adolescente, que é um público de difícil comunicação. As dinâmicas utilizadas foram de grande sucesso e importância para cada um discutir e trazer um pouco sobre a realidade, porém apesar de envolvê-los na ação, muitos ainda levam na brincadeira e não consideram como algo importante e tão impactante para o futuro.

A principal dificuldade encontrada foi referente ao uso de metodologias ativas que promovessem o engajamento e interação dos estudantes na discussão e participação na EPS. A aprendizagem por meio de metodologias ativas transcorre através da interação do aluno com a temática e/ou problemática discutida, ouvindo, falando, perguntando, discutindo, aprendendo e ensinando, sendo estimulado a construir o conhecimento ao invés de recebê-lo de maneira passiva. Promover o aprendizado em contextos diferentes daqueles em que foram obtidos exigirá mais do que decorar ou trazer solução mecânica de exercícios. Necessitará o domínio de conceitos, flexibilidade de raciocínio e capacidades de análise e abstração. Ao realizar

tamanhas reflexões, o aluno desfruta de uma maior clareza sobre o que está sendo debatido (LOVATO; MICHELOTTI; DA SILVA LORETO, 2018).

Assim, como os adolescentes estão ainda em processo de amadurecimento isso dificulta o seu envolvimento e atenção, havendo uma dificuldade de envolvê-los mais e fazendo com que demonstrasse maior interesse e aproveitar o máximo possível das dinâmicas e temáticas que são trabalhadas.

Como aspecto facilitador, destaca-se a relação e o envolvimento dos professores da escola em participarem das ações de EPS no PSE, tendo em vista que são de grande aprendizado e construção de conhecimentos entre professor, aluno e profissionais de saúde, ocorrendo assim o envolvimento de todos e facilitando o diálogo, a problematização da temática discutida e a construção coletiva de estratégias de enfrentamento e melhoria das condições de saúde.

5 CONCLUSÃO

A experiência vivenciada, possibilitou oportunidades e aprendizados ímpares, na construção e troca dos saberes, oportunizando crescimento profissional e pessoal de todos. Esta experiência permitiu um conhecimento mais profundo sobre a atuação do enfermeiro no PSE, e possibilitou a aproximação com os estudantes do ensino básico num contexto de atuação real da Enfermagem, sendo um importante exercício prático e reflexivo do papel da enfermagem na efetivação da EPS.

Sabemos que a pandemia dificultou a continuidade das ações de EPS como também do PSE. Os adolescentes por mais de dois anos se distanciaram do debate presencial e de práticas de educação em saúde dialógicas e interativas, o que pode ter contribuído para diminuir o interesse e as buscas por soluções coletivas para o enfrentamento de problemáticas ligadas à saúde. Outro aspecto foi a limitação dos adolescentes ao uso de meios tecnológicos de interação, o que pode dificultar a comunicação e envolvimento deles em se expor em atividades coletivas presenciais, deixando-os mais restritivos.

Ressalta-se também a dificuldade de inserção das Universidades e das equipes de Estratégia de Saúde da Família dentro das escolas em virtude da pandemia, o que resultou na descontinuidade das ações de educação em saúde que eram realizadas pelos acadêmicos e profissionais de saúde. Esse trabalho realizado em conjunto

fortalece a intersectorialidade e qualidade da atenção à saúde, e conseqüentemente, fortalece a relação escola-aluno.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Luciane C.; SILVA, Roberta Porto. A enfermagem trabalhando o processo educativo em saúde com adolescentes escolares. 1994.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. **Caderno de educação popular e saúde**/ Ministério da Saúde, Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa, Departamento de Apoio à Gestão Participativa. - Brasília: Ministério da Saúde, 2007.

BRASIL, Eysler Gonçalves Maia et al. Promoção da saúde de adolescentes e Programa Saúde na Escola: complexidade na articulação saúde e educação. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v 51, 2017.

CARVALHO, Fabio Fortunato Brasil de. A saúde vai à escola: a promoção da saúde em práticas pedagógicas. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 25, p. 1207-1227, 2015.

DA SILVA CARVALHO, Daniela Melo; DE FRANÇA, Dalila Xavier. Estratégias de enfrentamento do racismo na escola: uma revisão integrativa. **Revista Educação & Formação**, v. 4, n. 3, p. 148-168, 2019.

DA SILVA, Anilde Tombolato Tavares; DE CARVALHO BITTENCOURT, Cândida Alayde. Os traços fascistas por trás do preconceito, violência e bullying na escola. **Devir Educação**, v. 3, n. 1, p. 116-126, 2019.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2008
GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**. São Paulo, v. 35, n.3. p. 20-29, 1995.

RODRIGUES, Anelise Lopes et al. Percepção de preconceito e autoestima entre adolescentes em contexto familiar e em situação de acolhimento institucional. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 14, n. 2, p. 389-407, 2014.

SALVADOR, Marli; SILVA, Eliete Maria. Programa Saúde na Escola: saberes e diálogos na promoção da educação sexual de adolescentes. **Tempus—Actas de Saúde Coletiva**, v. 12, n. 1, p. ág. 73-82, 2018.

SILVA, Divino José; LIBÓRIO, Renata Maria Coimbra. **Valores, preconceito e práticas educativas**. Casa do Psicólogo, 2005.

SILVA, Flávia Maraísa de Paiva; PEREIRA, Andrezza Karine Araújo de Medeiros Pereira. O processo de formação para a prática de educação popular em saúde:

concepções teóricas e metodológicas dos egressos de enfermagem. **Rev. Ed. Popular**, Uberlândia, Edição Especial, p. 123-143, jul. 2020.

SZINVELSKI, Clecio Antonio et al. A inserção do programa saúde na escola em instituições públicas de ensino do nordeste do estado do Rio Grande do Sul. **Salão do Conhecimento**, v. 6, n. 6, 2020.

DE SOUZA, Francisca Lopes et al. Formação dos monitores do PRÓ-PET-SAÚDE a partir das necessidades de aprendizagem vivenciadas no PSE. **Tempus–Actas de Saúde Coletiva**, v. 9, n. 1, p. ág. 79-89, 2015.

LOVATO, Fabricio Luís; MICHELOTTI, Angela; DA SILVA LORETO, Elgion Lucio. Metodologias ativas de aprendizagem: uma breve revisão. **Acta Scientiae**, v. 20, n. 2, 2018.

VASCONCELOS, Eymard Mourão. Educação popular: de uma prática alternativa à uma estratégia de gestão participativa das políticas de saúde. **Physis: revista de saúde coletiva**, v. 14, p. 67-83, 2004.

EDUCAÇÃO POPULAR EM SAÚDE COM ESTUDANTES SOBRE ANSIEDADE: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

*Andrezza Karine Araújo de Medeiros Pereira
Ana Gabriela da Silva
Dáisy Maria Rodrigues Melo
Maria Luiza Oliveira da Costa*

Resumo

O relato objetiva apresentar atividades desenvolvidas em uma Educação Popular em Saúde (EPS) com alunos do 1º ano do ensino médio de uma escola pública do RN. Trata-se de relato de experiência do tipo descritivo com abordagem qualitativa, realizado por acadêmicos do curso de graduação em enfermagem da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) junto a adolescentes do ensino médio. A escolha da temática se deu a partir de solicitações de alunos e profissionais da escola que apontavam necessidades por discutir o tema, devido a exacerbação do nível de ansiedade entre alunos e professores. Visando obter êxito na ação, foram planejadas e elaboradas estratégias dinâmicas e participativas, através do uso de metodologias ativas. A experiência demonstrou resultado satisfatório uma vez que os alunos demonstraram interesse pela temática e participaram ativamente. Utilizou-se metodologias do tipo dinâmica de quebra gelo com o potinho das emoções, a roleta da ansiedade para subsidiar a discussão do tema e a construção de painéis como avaliação ao final da intervenção. Conclui-se que a realização de EPS com recursos didáticos pedagógicos dialógicos em ambiente escolar, contribui para a autonomia do aluno na percepção e enfrentamento do seu processo saúde/doença.

PALAVRAS-CHAVE: Ansiedade; Escola; Educação em saúde; Intervenção.

Abstract

The report aims to present activities developed in a Popular Health Education (EPS) with students from the 1st year of high school at a public school in RN. This is a descriptive experience report with a qualitative approach, carried out by undergraduate nursing students at the State University of Rio Grande do Norte (UERN) with high school adolescents. The choice of theme was based on requests from students and school professionals who pointed out the need to discuss the topic, due to the exacerbation of the level of anxiety among students and teachers. In order to achieve success in the action, dynamic and participatory strategies were planned and elaborated, through the use of active methodologies. The experience showed a satisfactory result since the students showed interest in the theme and actively participated. Dynamic ice-breaking methodologies were used with the pot of emotions, the anxiety roulette to support the discussion of the theme and the construction of panels as an evaluation at the end of the intervention. It is concluded that carrying out EPS with dialogical pedagogical didactic resources in a school environment contributes to the student's autonomy in the perception and coping of their health/disease process.

KEYWORDS: Anxiety; School; Health education; Intervention.



1 INTRODUÇÃO

A Educação em Saúde (ES) caracteriza-se como um instrumento de intervenção para reorganização dos serviços de saúde, tendo como base processos e técnicas pedagógicas que buscam construir estratégias individuais e coletivas para melhorar as condições de vida e saúde da população. No âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS) proporciona a articulação entre todos os níveis de atenção do sistema, assim como a execução de ações que acontecem a partir da articulação entre profissionais e usuários dos serviços de saúde (BRASIL, 2007).

A ES é uma ferramenta de grande importância, caracterizando-se como um campo multifacetado que se aproxima de concepções relativas à área da saúde e da educação (SCHALL; STRUNCHINER, 1999). Define-se como uma temática complexa que envolve diversas dimensões, dentre as quais a política, social, religiosa, educativa e cultural, representando uma ferramenta capaz de aprimorar capacidades práticas e teóricas do indivíduo, de um grupo ou de uma comunidade (SALSI *et al.*, 2013).

Fazendo um recorte para a Educação Popular em Saúde (EPS), ressalta-se que ela é compreendida como um modo particular de reconhecimento e enfrentamento dos problemas de saúde por meio do diálogo com as classes populares, respeitando as suas culturas, e reconhecendo os seus saberes. Além da formação de uma consciência sanitária capaz de reverter o quadro de saúde da população, também intensifica a participação popular, contribuindo assim para a promoção da saúde e prevenção de agravos (AMARAL *et al.*, 2014). Assim reconhece-se que a EPS consiste em uma forma de fazer Educação em Saúde orientada pelo referencial da educação popular de Paulo Freire (BRASIL, 2007).

A EPS possibilita o debate, reflexão e a construção de diversos saberes e práticas a partir do diálogo entre o saber científico e o saber popular, contribuindo para autonomia dos sujeitos e participação ativa no cuidado com a sua saúde, representando um potente instrumento de intervenção em saúde coletiva (PEREIRA, 2014; SILVA *et al.*, 2014).

A EPS tem sido desenvolvida em diversos espaços, como unidades de saúde da família, rádios comunitárias, igrejas e territórios e com os mais diferentes sujeitos, como idosos, mulheres, sendo o ambiente escolar e os adolescentes, um público potente e que necessita de fortalecimento de espaços para debater e refletir sobre o

cuidado em saúde (PINHEIRO; BITTAR, 2016). Nesse cenário o Programa Saúde na Escola (PSE) busca desenvolver estratégias de ações que tem como objetivo melhorar a qualidade de vida dos alunos e de toda a comunidade escolar, implementando as avaliações das condições de saúde de crianças, adolescentes e jovens de escolas públicas (LUCENA; CAVALCANTI; LUCENA, 2015).

Dessa forma, nota-se que o PSE possui caráter assistencial nas ações, com trabalhos direcionados à promoção de saúde e prevenção de doenças. O programa tem como proposta um novo paradigma de saúde, baseado numa visão integral a fim de estimular o desenvolvimento de ações na escola que objetivem à prática e a melhoria da saúde e seus determinantes e identificar e prevenir problemas e riscos para a saúde que dificultam o processo de aprendizagem. Nessa perspectiva busca contribuir para que a escola e a comunidade em geral estejam inseridas em ambientes que colaborem para o desenvolvimento físico, mental e social dos estudantes (COSTA, 2013).

Pensando nisso, é importante elencar que a EPS em espaços escolares pode trabalhar diversas temáticas e dentre elas a ansiedade, considerada um problema de saúde pública. A ansiedade está associada a diferentes fatores biológicos, sociais ou psicológicos, podendo afetar cada indivíduo de diferentes maneiras. Dessa forma, pode haver diferenças nos sintomas de acordo com o gênero ou a faixa etária. A adolescência, por exemplo, é uma etapa do desenvolvimento humano marcada por inúmeras transformações, representando um momento em que podem se manifestar diversos transtornos, tornando-se importante a sua adequada identificação (GROLLI *et al.*, 2017).

As mudanças profundas que acompanham a adolescência, atreladas aos contextos determinados pela pandemia de covid-19, como o isolamento social, quarentena, luto, desemprego dos pais e/ou responsáveis, conflitos familiares e maior uso de redes sociais, contribuíram para o aumento das vulnerabilidades dos adolescentes a transtornos mentais como ansiedade (SILVA *et al.*, 2022; BIONOTTO; GOULART; PUREZA, 2021). Estes problemas podem se exacerbar ainda mais com os adolescentes mais velhos, que já se encontram no ensino fundamental II e têm maiores experiências de vida e sobrecarga de atividades escolares e emocionais (SILVA *et al.*, 2022).

Portanto, é de extrema importância que sejam desenvolvidas ações de EPS no ambiente escolar, haja visto que é nesse ambiente que se concentra a maior parte desse

público, sendo um terreno fértil para o debate de informações relativas à ansiedade, depressão e diversos outros assuntos. Assim, o objetivo deste relato é: Apresentar a experiência desenvolvida em uma intervenção de EPS com estudantes do 1º ano do ensino médio de uma escola pública do RN acerca da temática ansiedade.

2 METODOLOGIA

Trata - se de um relato de experiência dos acadêmicos do curso de graduação em enfermagem da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) que utilizaram práticas de educação popular em saúde junto a adolescentes do ensino médio. O relato de experiência descreve a experiência vivida de forma precisa, através dele o autor descreve a vivência profissional e contribui com a discussão e a troca de ideias para melhorias da saúde e bem-estar dos envolvidos no estudo em questão, traz as metodologias para as ações tomadas na situação e indica novas propostas (DA SILVA, 2021).

O presente relato de experiência é do tipo descritivo com abordagem qualitativa. Foi elaborado no contexto do componente curricular Estágio Curricular Supervisionado II, ministrado no sétimo período do curso de graduação em enfermagem do Campus Avançado de Pau dos Ferros - CAPF/UERN. Todas as atividades e experiências foram vivenciadas em uma escola da rede estadual de ensino básico de uma cidade do Alto Oeste Potiguar. Na referida escola, foram implementadas ações abordando diversos temas como, alimentação saudável, combate ao COVID-19, gravidez na adolescência, métodos contraceptivos e ansiedade, sendo este último o que será debatido nesse relato.

Antes das atividades serem implementadas foi realizada uma captação da realidade na instituição com participação ativa da comunidade escolar, visando conhecer e identificar as reais e principais necessidades a partir das falas dos alunos, professores, coordenação pedagógica, diretor e vice-diretor da escola, de modo a subsidiar o planejamento das ações. A captação foi orientada por um roteiro norteador contendo perguntas relacionadas a aspectos diversos, desde a caracterização da escola, à aspectos ligados a atuação do PSE, a como são trabalhadas temáticas ligadas a saúde/enfermagem, meio ambiente, gênero, bem como as necessidades e problemáticas enfrentadas, a fim de subsidiar a escolha de prioridades a serem

trabalhadas pelo grupo. Dessa forma, com base nas demandas trazidas por eles, surgiu a temática sobre ansiedade, seus sintomas e estratégias de controle.

O público-alvo da intervenção relatada foram os alunos da 1ª série do ensino médio da referida unidade e os objetivos dela eram promover conhecimento sobre o que é ansiedade, contribuir para que os alunos pudessem identificar os sintomas e incentivar a busca por ajuda e tratamento. Durante a realização da atividade, foram utilizadas três metodologias a fim de instigar a interação e participação do público-alvo: primeiro, a atividade de quebra gelo nomeado potinho das emoções momento de conhecer os participantes e gerar uma interação entre todos, em seguida utilizou-se a roleta da ansiedade, confeccionado pelos acadêmicos, para subsidiar a discussão e por último a construção de painéis para avaliar o conhecimento construído a partir da intervenção.

Este estudo não requer aprovação do comitê de ética, uma vez que as informações apresentadas são experiências pessoais vivenciadas pelos acadêmicos de enfermagem. Contudo, ressalta-se que todos os princípios éticos foram seguidos conforme a resolução 466/2012.

3 RESULTADOS

A escolha da temática se deu em virtude das solicitações pelo tema tanto pelos alunos, como pelos profissionais da escola que apontavam necessidades por discutir o tema, trazendo como justificativa que o nível de ansiedade tinha se exacerbado tanto entre os alunos, como entre os professores. Para tal e visando obter êxito na realização da ação, foram planejadas e elaboradas estratégias dinâmicas e participativas, através do uso de metodologias ativas, que instigasse os indivíduos a participarem da ação, fosse por meio do diálogo e/ou exposição de dúvidas e vivências pessoais de vida. Tais metodologias tinham como principal objetivo não apenas instigar a participação ativa dos adolescentes, mas acima de tudo se aproximar dos conhecimentos e experiências prévias que eles tinham acerca da temática, problematizando-os e instigando a reflexividade.

A primeira metodologia utilizada foi a dinâmica “quebra gelo”, essa atividade teve como objetivo captar conhecimentos prévios e sentimentos dos alunos sobre a ansiedade. Foi usado um pote intitulado como “Potinho das Emoções”, onde cada

aluno escreveu em um papel o primeiro pensamento/sentimento que veio à mente e depositou no potinho. Ao final dessa primeira dinâmica foram lidos os papéis e houve um diálogo acerca dos diversos sentimentos ali trazidos, relacionando-os ao cotidiano de vida das pessoas e à própria ansiedade. Em seguida, deu-se início a discussão, essa que por sua vez abordou pontos como: o que é ansiedade, sintomas, tratamento, como conviver com a ansiedade e métodos de controle/enfrentamento.

A discussão foi disparada pelo uso de uma dinâmica denominada “Roleta da Ansiedade”, em que de forma aleatória, usando uma garrafinha no centro da roleta, os alunos giravam a garrafa que ao parar estava apontando para uma informação relacionada a ansiedade. Dessa forma foi desencadeada a discussão e cada aluno comentava sobre o que a informação representava, se era um sintoma ou forma de controle/tratamento para ansiedade, traziam suas experiências, curiosidades, dúvidas e assim seguiu até que fosse possível contemplar os objetivos previstos. Toda a discussão deu-se de forma dialógica, interativa e participativa, onde na medida que o tempo ia passando os alunos se sentiam mais à vontade para se colarem.

Para finalizar como método de avaliação foi proposto a construção de painéis interativos. Com a sala dividida em dois grupos foram distribuídas plaquinhas onde tinham escritos exemplos de sinais, sintomas e métodos de controle da ansiedade. Os painéis eram respectivamente um sobre a sintomatologia e outro sobre os métodos para controle e enfrentamento, cada grupo se responsabilizou pelo seu, apresentando-o após a construção.

Quando implementada a ação, pode-se notar que a princípio alguns alunos demonstraram mais engajamento que outros, entretanto, no decorrer da ação a participação foi se tornando mais ampla visto que mais alunos foram se sentindo motivados e à vontade para expor suas dúvidas e relatar fatos e sentimentos vividos. Pode-se notar que a maioria dos alunos relataram já terem vivido momentos e crises de ansiedade, o que mostra que a ansiedade sentida por muitos já pode ser considerada patológica.

Ainda no decorrer da intervenção foram observadas ações que caracterizavam ansiedade em alguns membros como timidez, medo de falar, isolamento e tristeza. Além do mais, alguns alunos se emocionaram ao expor e compartilhar relatos de vida e dificuldades enfrentadas conseqüentes da ansiedade. Também houve relatos de estratégias que eles já tinham usado para tratar a ansiedade e que haviam sido

Figura 2 – Alguns participantes da ação



Fonte: Autoria própria, 2022.

4 DISCUSSÃO

A elaboração da ação partindo da captação da realidade permitiu intervir diretamente nos anseios e problemáticas mais evidentes na comunidade escolar. Em janeiro de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) anunciou o surto de um novo Coronavírus, a COVID-19, e em março do mesmo ano classificou a COVID -19 como uma pandemia, com isso foi decretado medidas de isolamento social e quarentena como forma de enfrentamento da doença. Além dos danos à saúde física, essa doença tem afetado também a saúde mental da população mundial (DE CASTRO, 2020).

Os adolescentes tornam-se ainda mais suscetíveis ao sofrimento psíquico, visto que essa fase corresponde à transição da infância para a vida adulta, resultando em mudanças biológicas e inúmeras transformações nas relações interpessoais e com o ambiente ao seu redor. Com a onipresença das redes sociais, a falta de convivência em grupo, relações parentais por vezes conflituosas e crises mundiais pode-se desencadear sofrimentos, angústias e até transtornos psicológicos (DE CASTRO, 2020).

A pandemia contribuiu de forma significativa para aumentar os índices de ansiedade e depressão entre os adolescentes, isso ocorreu devido a necessidade do

isolamento social, as restrições de mobilidade e a impossibilidade de estar com os colegas, desencadeando irritação, comportamentos agressivos e tensões nos relacionamentos interpessoais (OLIVEIRA *et al.*, 2020).

Mediante esses aspectos é importante que sejam utilizadas metodologias que permitam a expressão dos sentimentos, como o potinho das emoções. É sabido que as emoções são reflexo da evolução humana e funcionam como respostas às adaptações ao ambiente (MIGUEL, 2015), assim, as emoções são um objeto interdisciplinar e, a depender das circunstâncias, influenciam as relações sociais (TOASSA, 2019).

Para facilitar o desenvolvimento da didática e a socialização do conhecimento, faz-se necessário o desenvolvimento de tecnologias educacionais, a metodologia utilizada para subsidiar a discussão foi o jogo da roleta da ansiedade. Os jogos educacionais consistem em formas de metodologias lúdicas que funcionam como meios de transformar a linguagem científica para formas de fácil compreensão, são capazes de divertir e entreter os estudantes tornando possível estudar conceitos motivando-os com desafios e curiosidade (ANTUNES, 2010).

Cabe destacar ainda que o PSE é uma estratégia que se desenvolve dentro da escola, logo trabalha com o público adolescente os quais são repletos de peculiaridades e especificidades. O público adolescente é hoje um desafio para os profissionais de saúde, pois são um grupo que raramente buscam as unidades de saúde e que, muitas vezes, não possuem um diálogo aberto com a família a respeito de suas dúvidas e medos, ademais, os adolescentes costumam possuir um ânimo negativo, o qual pode desencadear ações como o isolamento e a depressão (AMARAL *et al.*, 2020).

O isolamento é percebido principalmente quando os alunos não se dispõem a falar de um determinado assunto que possivelmente lhe traga alguma lembrança negativa, desse modo, o profissional deve agir de forma a promover o acolhimento, incentivar a realização de hobbies, o exercício físico e o convívio social (MILIAUSKAS; FAUS, 2020).

Assim, o PSE atua como um meio para promover a aproximação desses jovens com o serviço de saúde, tendo como prática a discussão e compartilhamento de informações com o público adolescente, se distanciando do modelo medicalizante e buscando horizontalizar o cuidado e as relações saúde/educação, estratégia saúde da família/escola e profissionais de saúde/adolescentes (MEDEIROS *et al.*, 2021). Diante disso, o PSE busca desenvolver articulações de ações que favoreçam a

intersetorialidade, que com o surgimento da pandemia fez com que ocorresse o afastamento dos alunos nas escolas, afastando e cancelando as atividades de educação em saúde desenvolvidas pelos serviços de saúde, havendo muitos desafios e necessidades de articulações da equipe de saúde, necessitando de uma nova adaptação metodológica da escola, para que prosseguisse com o processo ensino/aprendizagem dos alunos (REIS *et al.*, 2022).

Dessa forma, durante a pandemia de covid-19, o PSE ficou limitado e inexistente, visto que muitas atividades foram suspensas. Ademais, pode-se declarar que o programa encontra algumas limitações, dentre elas a dificuldade de articulação entre escola e estabelecimentos de saúde, setores do governo e profissionais, burocratização do serviço e falta de recursos financeiros (JUNIOR, 2014).

Outro ponto a ser lembrado é o fato de que o PSE ainda encontra um grande desafio, o rompimento como o modelo tradicional de fazer educação em saúde nas escolas, de caráter impositivo e focado na transmissão de conteúdos e memorização em forma de palestras, inviabilizando uma discussão onde o aluno é o centro da construção do conhecimento e colabora com seus saberes (LOPES; NOGUEIRA; ROCHA, 2018). É necessário superar o modelo de educação em saúde centrado na educação bancária e o paradigma medicalizante.

Por último, cabe destacar que alguns desafios foram encontrados como a necessidade de mudar a agenda de atividades de ensino-aprendizagem planejadas pelos professores da escola, o fato de tomar um pouco do tempo das aulas, a necessidade da produção de materiais para trabalhar metodologias ativas e dialógicas, como a confecção de jogos, a falta de recursos financeiros para custear os materiais produzidos e a necessidade do incentivo à participação dos alunos, pois no início muitos demonstravam timidez em participar.

5 CONCLUSÃO

A realização da EPS na referida escola buscou atender as necessidades elencadas pelo público. Por meio da realização do potinho das emoções foi possível identificar as percepções prévias que os alunos tinham com relação a ansiedade e por meio dessas percepções foi possível incentivar uma discussão visando aprofundar os conhecimentos em torno da temática. A roleta da ansiedade foi uma atividade que

contribuiu para a discussão e problematização de informações referentes ao tema, contribuindo para dialogar sobre métodos/estratégias de enfrentamento da ansiedade e onde buscar ajuda. Já a atividade de avaliação permitiu avaliar as estratégias metodológicas utilizadas, bem como serviu para perceber as informações que alunos captaram ao longo da atividade.

Assim, conclui-se que a EPS no ambiente escolar é uma importante ferramenta para a dialogar e discutir informações ligadas a saúde/enfermagem e para construção de saberes e práticas por todos os atores envolvidos. Ademais, a EPS no ambiente escolar é uma forma de possibilitar que o aluno adquira autonomia e compreenda de maneira mais ampla o seu processo saúde/doença, conhecendo estratégias para diminuir os sintomas da doença, bem como meios para buscar ajuda.

REFERÊNCIAS

AMARAL, A. P. **Depressão e ideação suicida na adolescência: implementação e avaliação de um programa de intervenção.** *Enfermería Global*, n.59, 2020.

AMARAL, Maria Carmélia Sales do; PONTES, Andrezza Graziella Veríssimo; SILVA, Jennifer do Vale. O ensino de Educação Popular em Saúde para o SUS: experiência de articulação entre graduandos de enfermagem e Agentes Comunitários de Saúde. *Interface-Comunicação, Saúde, Educação*, v. 18, p. 1547-1558, 2014.

ANTUNES, Adriana Maria; SABÓIA-MORAIS, Simone Maria Teixeira. O jogo educação e saúde: uma proposta de mediação pedagógica no ensino de ciências. **Experiências em Ensino de Ciências**, v. 5, n. 2, p. 52-68, 2010.

BINOTTO, Bruna Taís; GOULART, Claudia Maria Teixeira; DA ROSA PUREZA, Juliana. **PANDEMIA DA COVID-19: indicadores do impacto na saúde mental de adolescentes.** *Psicologia e Saúde em debate*, v. 7, n. 2, p. 195-213, 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Caderno de Educação Popular e Saúde.** Ministério da Saúde, 2007. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/caderno_educacao_popular_saude_p1.pdf. Acesso em: 27 ago. 2022.

COSTA, Gilberto Martins; FIGUEREDO, Rogério Carvalho de; RIBEIRO, Mirelly da Silva. A importância do enfermeiro junto ao PSE nas ações de educação em saúde em uma escola municipal de Gurupi–TO. **Revista Científica do ITPAC**, v. 6, n. 2, p. 1-12, 2013.

DA SILVA, Antônio Lucas Farias et al. **Educação popular na unidade básica de saúde: relato de experiência.** Research, Society and Development, v. 10, n. 17, p. e12101724120-e12101724120, 2021.

DE CASTRO, Carine Jardim; DA SILVA JUNQUEIRA, Sonia Maria; CICUTO, Camila Aparecida Tolentino. **Ansiedade, Depressão e Estresse em tempos de pandemia: um estudo com alunos da terceira série do Ensino Médio.** Research, Society and Development, v. 9, n. 10, p. e8649109349-e8649109349, 2020.

GROLLI, Verônica; WAGNER, Marcia Fortes; DALBOSCO, Simone Nenê Portela. **Sintomas depressivos e de ansiedade em adolescentes do ensino médio.** Revista de Psicologia da IMED, v. 9, n. 1, p. 87-103, 2017.

JUNIOR, A. J. S. Programa saúde na escola: limites e possibilidades intersetoriais. **Interface**, v.18, n.51, 2014.

LOPES, I. E.; NOGUEIRA, J. A. D.; ROCHA, D. G. Eixos de ação do Programa Saúde na Escola e Promoção da Saúde: revisão integrativa. **Saúde debate**, v.42, n.118, 2018.

LUCENA, Pablo Leonid Carneiro; CAVALCANTI, Patricia Barreto; LUCENA, Carla Mousinho Ferreira. **Programa Saúde na Escola: interpelações sobre ações de educação e saúde no Brasil.** Textos & Contextos (Porto Alegre), v. 14, n. 2, p. 387-402, 2015.

MEDEIROS, E. R. et al. Ações executadas no Programa Saúde na Escola e seus fatores associados. **av. enferm.** vol.39 no.2, 2021.

MIGUEL, F. K. **Psicologia das emoções: uma proposta integrativa para compreender a expressão emocional.** Psico-USF, v.20, n.1, 2015.

MILIAUSKAS, C. R.; FAUS, D. P. **Saúde mental de adolescentes em tempos de Covid-19: desafios e possibilidades de enfrentamento.** Physis, v.30, n.04, 2020.

OLIVEIRA, W. A. **A saúde do adolescente em tempos da COVID-19: scoping review.** Cad. Saúde Pública, v.36, n.8, 2020.

PINHEIRO, Bruna Cardoso; BITTAR, Cléria Maria Lobo. Práticas de educação popular em saúde na atenção primária: uma revisão integrativa. **Cinergis**, v. 18, n. 1, p. 77-82, 2017.

SALCI, M. P *et al.* **Educação em saúde e suas perspectivas teóricas: algumas reflexões.** Texto Contexto Enferm, v.22, n.1, p. 224-30, 2013.

SCHALL V. T; STRUNCHINER, M. **Educação em saúde: novas perspectivas.** Cad Saude Publica, v.15, n.2, p.10, 1999.

SILVA, K. L *et al.* **Promoção da saúde no programa saúde na escola e a inserção da enfermagem.** Rev Min Enferm. n.3, v.18, p.614-622, 2014.

SILVA, Tania Maria Gomes et al. **Afeto, satisfação com a vida e ansiedade de escolares durante a pandemia do COVID-19.** Saúde (Santa Maria), 2022.

STROHER, Júlia Nilsson et al. **Estratégias pedagógicas inovadoras compreendidas como metodologias ativas.** Revista Thema, v. 15, n. 2, p. 734-747, 2018.

REIS, Eduarda Taine et al. **PROGRAMA SAÚDE NA ESCOLA EM TEMPOS DE PANDEMIA DA COVID-19: UM RELATO DE EXPERIÊNCIAS SOBRE AS POSSIBILIDADES E OS DESAFIOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL.** Práticas e Cuidado: Revista de Saúde Coletiva, v. 3, p. e13246-e13246, 2022.

TOASSA, G. **Muito além dos padrões: as emoções como objeto interdisciplinar.** In: ALVES, M.A., ed. *Cognição, emoções e ação* [online]. São Paulo: Cultura Acadêmica; UNICAMP; Centro de Logica, Epistemologia e História da Ciencia, 2019.

EDUCAÇÃO POPULAR EM SAÚDE SOBRE AUTOLESÃO NÃO SUICIDA ENTRE ADOLESCENTES: RELATO DE EXPERIÊNCIA

*Isadora Jordana Lopes de Freitas
Raquel Fontes Cavalcanti
Richélieu Luciani de Oliveira
Francisco Lucas Cardoso da Silva*

Resumo

A autolesão é um ato intencional de causar agressões ao corpo sem a intenção de provocar a morte. Esse estudo tem como objetivo relatar a experiência vivenciada ao realizar a atividade de Educação Popular em Saúde (EPS) sobre a temática da autolesão. Trata-se de um estudo descritivo, do tipo relato de experiência, com abordagem qualitativa. Este foi proposto pelo componente curricular Estágio Supervisionado II, do curso de graduação em enfermagem da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. A experiência foi vivenciada em uma escola estadual da rede pública de ensino do Alto Oeste Potiguar, tendo como público-alvo os alunos da turma do oitavo ano do ensino fundamental da referida instituição. Para a atividade fez-se o uso de metodologias ativas, dividida em três momentos, de modo que contribuísse no processo de aprendizagem. Outrossim, ressalta-se a satisfação do grupo e da direção da instituição com a execução da ação educativa, pois proporcionou o estreitamento de vínculos entre a escola e a saúde, agregando mais uma experiência, onde contribuiu para a formação acadêmica, profissional e pessoal dos estudantes. Além disso, foi possível conhecer de forma mais profunda sobre o Programa Saúde na Escola e debater a importância da EPS.

Palavras-chaves: Autolesão; Adolescentes; Proteção; Saúde.

Abstract

Self-injury is an intentional act of causing aggression to the body without the intention of causing death. This study aims to report the experience of performing the Popular Education in Health (EPS) activity on the topic of self-injury. This is a descriptive study, of the experience report type, with a qualitative approach. This was proposed by the curricular component Supervised Internship II of the undergraduate nursing course of the State University of Rio Grande do Norte. The experience was lived in a state school of the public school system of the Potiguar High West, having as target audience the students of the eighth grade class of the elementary school of that institution. For the activity, active methodologies were used, divided into three moments, in order to contribute to the learning process. Furthermore, we emphasize the satisfaction of the group and the direction of the institution with the implementation of the educational action, as it provided the strengthening of ties between school and health, adding another experience, which contributed to the academic, professional, and personal development of students. In addition, it was possible to learn more about the School Health Program and discuss the importance of HPS.

Keywords: Self-injury; Adolescents; Protection; Health.



1 INTRODUÇÃO

A autolesão, caracterizada pelo ato intencional de provocar agressão ao corpo, não necessariamente significa um comportamento suicida, porém, é considerada um dos sinais iniciais de um indivíduo com ideação ao suicídio. Na maioria dos casos, esse comportamento é desencadeado por fatores diversos, como problemas familiares, sociais, psicológicos, enfrentamento de emoções, bem como para aliviar estresse causado por determinado problema, dessa maneira, a autolesão se relaciona com pensamentos negativos e de alto grau de sofrimento pessoal (FONSECA *et al.*, 2018).

Dentre os comportamentos mais expressivos realizados por indivíduos que praticam autolesão, estão os cortes sobre a pele; superficiais e profundos, queimaduras, puxões de cabelo, arranhões, colidir com as partes do corpo sob algum objeto ou contra parede e provocar dor de forma intencional. Embora ocorra em faixas etárias diversas, o ato de se auto lesionar está mais presente na população jovem, uma vez que é nessa idade em que há mudanças complexas, como alterações corporais, hormonais e maior vulnerabilidade à essas condutas, manifestadas por características emocionais e fases de adaptação (FONSECA *et al.*, 2018).

Consoante ao tema, o Programa de Saúde na Escola (PSE), revela-se como um instrumento essencial para prevenção, promoção e atenção à saúde em ambiente escolar, contribuindo, através de suas ações, na melhoria das vulnerabilidades dos jovens, ajudando a formação da reflexão, criticidade e adoção de novas perspectivas/olhar sobre diversos assuntos de cunho social, cultural, de autocuidado e responsabilidade pessoal. Esse programa, de caráter multidisciplinar e multiprofissional, além disso, possibilita a ampliação de laços entre família, aluno e escola, e conseqüentemente, promove melhores níveis de educação e autonomia dos sujeitos (LOPES *et al.*, 2018).

Diante disso, a escola, considerada como uma instituição capaz de desenvolver habilidades e formar pessoas, se mostra como um ambiente no qual se encontra realidades e problemas sociais diversos, principalmente àquelas que possuem o ciclo fundamental menor e maior, com muitos adolescentes, onde muitos deles realizam atos autolesivos em resposta à algum transtorno, seja ele de ordem pessoal ou social, sobrepostos entre a transição da infância à maturidade (COSTA *et al.*, 2020).

Nesse viés, o enfermeiro, se mostra como profissional essencial para promover educação em saúde, uma vez que este possui competências para realizar, dentro de diversos campos, ações que estimulem a qualidade e melhoria de vida através da educação. Enquanto educador, o enfermeiro tem seu papel transformador na vida dos sujeitos, uma vez que oportuniza a promoção da saúde levando em consideração o contexto, a formação, a realidade e a necessidade de grupos populacionais distintos, favorecendo assim, assistência em saúde de forma direcionada (DE CARVALHO *et al.*, 2020).

Diante do exposto, a justificativa do trabalho é evidenciada pela necessidade de abordar esse tema no ambiente escolar estudado, uma vez que a direção da instituição de ensino relatou que há casos de alunos com comportamentos de autolesão. Além disso, é de muita relevância tratar assuntos desse cunho em ambientes de disseminação de informações, como o contexto escolar, além de possibilitar a ampliação dos conhecimentos sobre o tema e oportunizar a troca de experiências/reflexões entre acadêmicos de enfermagem e estudantes.

Nessa perspectiva o objetivo desse trabalho é relatar como se desenvolveu uma ação de educação em saúde sobre o tema de autolesão entre alunos do 8º ano de uma Escola Estadual no município de Pau dos Ferros/RN, elaborada e realizada por acadêmicos de enfermagem da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte dos alunos do 8º período, através da disciplina Estágio Curricular Supervisionado.

2 METODOLOGIA

Trata-se de um estudo descritivo, do tipo relato de experiência, com abordagem qualitativa. Segundo Richardson *et al.* (1999), o estudo descritivo busca explorar as características de um determinado fenômeno, atribuindo ao indivíduo ou grupo como objeto de estudo, de modo que aborde informações amplas da sociedade. Dessa forma, o relato de experiência permite a assimilação ao saber científico das experiências que foram vivenciadas, de modo que haja uma contribuição para a área de atuação do pesquisador (GIL, 2008). A pesquisa qualitativa está dentro das ciências sociais e tem como objetivo entender os fenômenos de acordo com os sentidos que os indivíduos atribuem, ou seja, valores, crenças e motivos (FLICK, 2009).

Este estudo se desenvolveu no componente curricular Estágio Supervisionado II, ministrada no oitavo período do curso de graduação em enfermagem da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).

As experiências e atividades foram vivenciadas em uma escola da rede de ensino público de uma cidade do Alto Oeste Potiguar. Antes da implementação das atividades realizou-se uma captação da realidade na instituição de ensino, com objetivo de observar e conhecer as principais necessidades encontradas na escola de acordo com o relato dos profissionais e dos alunos, bem como pactuar os dias e horários para a realização, que ocorreu no mês de agosto. De acordo com Egry (1996), a captação da realidade é uma das etapas fundamentais para se conhecer sobre a realidade, tendo em vista que possibilita a identificação do que de fato é fundamental perceber naquele momento. Além disso, permite a correlação da teoria com a prática.

Tendo como base a demanda sugerida, houve a necessidade de abordar sobre a autolesão. Dessa forma, o público-alvo da atividade foram os alunos do 8º ano. Para a realização da atividade, foram usados alguns recursos materiais como um plano de gestão de crises, que foi utilizado para nortear a discussão, bem como métodos visuais, como quadros de classificação de risco para estimular a participação e o aprendizado dos alunos sobre a temática discutida. Ao final da atividade, foi entregue à escola uma produção técnica em forma de banner, elaborada pelo grupo de acadêmicos participante da atividade, sobre a temática trabalhada com os alunos.

Ao decorrer realização, a atividade teve três momentos principais para que contribuísse para a interação dos alunos. No primeiro momento, foi realizada a dinâmica “quebra gelo” sobre autoestima, onde tinha como objetivo gerar uma breve discussão com base nas qualidades individuais de cada aluno destacadas pelo grupo de alunos. No segundo momento, foi realizada a segunda dinâmica, intitulada como “plano de gestão de crises”, onde conduziu a discussão da temática. Por fim, o terceiro momento foi utilizado como forma de avaliação para identificar a classificação de risco das situações que eram descritas, classificando-as em leve, moderada e grave.

3 RESULTADOS

Os estudantes do oitavo ano do ensino fundamental foram definidos como público-alvo com base na proposta metodológica característica do componente

curricular ESO II, que destaca a importância em contribuir com o ambiente escolar a partir da implementação de ações de educação popular em saúde, por meio do PSE. A opção em discutir autolesão não suicida resulta das demandas apresentadas pela coordenação da escola, buscando colaborar com o processo de maturação e proteção diante dos riscos e desafios específicos dos adolescentes.

Referente ao desenvolvimento das ações, considerando as necessidades destacadas, realizou-se uma discussão inicial entre os acadêmicos para elaboração da implantação da temática e aferir seu impacto no público em questão. Para tal, se estabeleceu um plano de ação, estratégias de ensino-aprendizagem por meio de metodologias ativas para execução de dinâmicas interativas e motivacionais com o objetivo de dialogar, atrair a atenção e a participação dos alunos. Foram definidos como eixos de trabalho: entender o comportamento autolesivo; abordar sobre fatores de risco e proteção; e compreender sentimentos, experiências e necessidades.

No que tange a atividade de abertura, classificada de “quebra-gelo”, denominada como autoestima, destacou a qualidade pessoal de cada aluno e a maneira como os demais o identifica positivamente. Os acadêmicos no papel de facilitadores, distribuíram entre os estudantes um papel em branco, explicando que deveriam descrever apenas uma qualidade pessoal no papel, dobrá-lo e devolvê-lo anonimamente. Recolhidos todos os papéis, os facilitadores apresentaram as qualidades descritas, cabendo à turma identificar o aluno correspondente. O discente em questão não poderia se identificar.

Iniciado a atividade, houve um silêncio entre os alunos, um momento de ponderação particular, identificados pelos acadêmicos como insegurança do aluno em descrever a si mesmo, revelando a forma peculiar como se percebe. Um misto de sentimentos como receio, nervosismo e medo era notório entre os estudantes. Porém, passado o momento inicial, com a leitura, essa angústia dissolveu-se diante da alegria visível na expressão facial do indivíduo ao passo que sua identidade era revelada a partir de suas qualidades, elencadas na tabela 1. Não demorou para risos e gargalhadas eclodirem pela sala a cada identidade reconhecida, ou não.

Tabela 1 – qualidades descritas pelos estudantes

Qualidades	%
Amigável	21,2%
Lealdade	12,1%
Humildade	9,1%
Gentileza	9,1%
Companheirismo	6,1%
Carinhosa	6,1%
Simpatia	6,1%
Paciência	3%
Sinceridade	3%
Honestidade	3%
Engraçada	3%
Confiável	3%
Legal	3%
Feliz	3%
Sorridente	3%
Educado	3%
Bonito	3%

Fonte: autoria própria

Com duração de 10 minutos, esta dinâmica contribuiu no fortalecimento da autoestima dos adolescentes, transformando a tensão inicial em uma atmosfera mais leve e descontraída, favorável à imersão em um conteúdo considerado “pesado”.

A segunda atividade, denominada plano de gestão de crises (PGC), considerada o cerne da implementação, viabilizou a discussão da temática. Para isso, os facilitadores disponibilizaram um PGC para cada aluno, que deveria responder anonimamente as seguintes perguntas objetivas: 1) Quais são os sinais que não estou bem? 2) O que pode me ajudar a recuperar o meu bem-estar?; 3) O que acontece comigo quando uma crise mais grave se aproxima?; e 4) O que fazer quando uma crise parece se aproximar? Após todos os alunos terem respondido, teve início o diálogo entre acadêmicos e adolescentes, em que se discutiu sobre o autoconhecimento, promoção do bem-estar, a importância da busca por ajuda de profissionais da saúde e promoção de cuidado e segurança. O tempo médio da atividade foi de 20 minutos.

No decorrer da discussão foi possível explorar as experiências individuais e coletivas com a autolesão dos adolescentes, através das narrativas pessoais espontâneas, ao passo que o PGC era recolhido. Os alunos descreviam seus relatos, demonstrando se tratar de um fenômeno recorrente no contexto estudantil. Notou-se

o predomínio de sentimentos como ansiedade, medo, angústia, e revolta como gatilhos para a automutilação. A aplicação da dinâmica desencadeou o extravasamento de algumas revelações até então desconhecidas pelos professores e coordenadores da instituição.

Dessa forma, decidiu-se fornecer todos os planos de gestão de crises, com as respectivas respostas, à direção da escola, permitindo aos educadores a visualização desses sentimentos e eventos estressores responsáveis por desencadear o comportamento autolesivo nos estudantes. De posse dessas informações, é possível a coordenação elaborar um mapa de risco para prevenção e redução dos impactos da automutilação.

Em relação à terceira atividade, a metodologia avaliativa estava intrínseca ao plano de gestão de crises, pois ao apresentar aos alunos as principais respostas da questão 1, “quais são os sinais que não estou?”, contendo os sentimentos: “pessimismo”, “ansiedade”, “angústia”, “tristeza”, “desânimo”, “culpa”, “raiva”, “frustração” e etc., à cada estudante solicitou-se que classificasse o risco como leve, moderado e grave, e justificasse a resposta compartilhando com a turma sua percepção sobre o risco classificado. Esta avaliação durou cerca de 15 minutos.

Ao cabo dessa atividade, percebeu-se o êxito da implementação da temática, haja vista o alcance do objetivo proposto, visualizado na participação e interesse dos alunos com a discussão, o que corroborou para o desenvolvimento do debate e construção de novos conhecimentos. Esses alunos, que no princípio demonstravam-se tímidos e indiferentes, a partir do “quebra-gelo”, mudaram suas posturas frente a dinâmica, assumindo uma atitude mais positiva, interessada e participativa, potencializando a continuidade da ação educativa e resultando em uma experiência enriquecedora para todos.

Reunidos com a direção, coordenadores e docentes, os profissionais nos deram um *feedback* positivo, no que tange a importante do tema e a metodologia adotada pelos futuros enfermeiros, bem como a condução das dinâmicas e interação com esse público, considerado “difícil” pelos educadores.

Ao final da implementação, os acadêmicos produziram e entregaram um banner ilustrado intitulado “Autolesão – Guia Prático de Ajuda”, baseado na cartilha homônima de Scavacini *et al.* (2021), contendo informações essenciais à prevenção e cuidado ao adolescente frente aos riscos da autolesão não suicida. Esse informativo

com forte apelo visual foi exposto em área de grande circulação dos alunos, em um painel no corredor de acesso as salas de aula. A Figura 1 é o resultado técnico confeccionado pelos graduandos de enfermagem para difusão do conhecimento sobre a temática trabalhada no ambiente escolar.

Figura 1 - Autolesão - Guia Prático de Ajuda.

UERN UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE
 CAMPUS AVANÇADO DE PALMARES FERREIS
 CURSO DE ENFERMAGEM
 ESTADO CURRICULAR SUPERVIZORADO II
 DISCIPLINA: Prevenção de Lesões em Saúde de Crianças e Adolescentes
 DOCENTES: Tarciso Jordano Lopes de Freitas, Rosalva Farias Cavalcanti e Rêhela Luciani de Oliveira

AUTOLESÃO

GUIA PRÁTICO DE AJUDA

O QUE É AUTOLESÃO

Autolesão é intencionalmente machucado a si mesmo, sem qualquer razão causada a partir de qualquer intenção, seja conscientemente, espontânea e involuntária. É um ato voluntário de comportamento autodestrutivo, visando aliviar a dor física, emocional, social ou pagar o corpo como castigo.

À medida que está dentro das dimensões das dimensões do sistema adaptativo, que incluem a maioria dos comportamentos suicidas.

OS COMPORTAMENTOS DE AUTOLESÃO PODEM OCORRER POR DIVERSOS MOTIVOS

QUATRO MOTIVOS:

- Autolesão ou seja auto machucado por algum motivo
- Regulação emocional
- Autolesão para aliviar a dor emocional, social e física
- Autolesão para se punir

SINAIS DE ALERTA

- Truques e tentativas de esconder
- Alterações no desempenho escolar
- Mudanças bruscas de comportamento
- Mudanças de rotina escolar
- Isolamento
- Reguladores que estimulam a autolesão
- Tratativas de feridas
- Comportamentos de risco e tentativas repetidas e autolesão recorrente

O QUE FAZER PARA AJUDAR

- Atender de forma empática
- Agir de forma tranquila e compreensiva
- Deixar claro que se importa e que quer ajudar, mesmo não concordando ou não entendendo
- Mostrar respeito, preocupação e disposição para ouvir
- Identificar se o adolescente está pensando em situações de suicídio como bullying, cyberbullying
- Recomendar profissionais de saúde de sua confiança, de um profissional de saúde mental que pode ser um psicólogo ou um psiquiatra

E O QUE A ESCOLA PODE FAZER

- 01 Promover a educação socioemocional desde os primeiros anos escolares
- 02 Fazer testes educacionais em sala de aula, com o intuito de identificar o bullying
- 03 Promover a educação socioemocional desde os primeiros anos escolares
- 04 Promover a educação socioemocional desde os primeiros anos escolares
- 05 Encorajar os alunos a serem responsáveis, com o intuito de identificar o bullying
- 06 Promover a educação socioemocional desde os primeiros anos escolares
- 07 Promover a educação socioemocional desde os primeiros anos escolares

QUAIS SÃO OS PRINCIPAIS FATORES DE RISCO QUE PODEM LEVAR ALGUÉM A SE MACHUCAR VOLUNTARIAMENTE

Fatores de risco são situações ou condições que podem levar a um comportamento de autolesão.

FATORES DE RISCO:

- Bullying, Cyberbullying
- Abuso físico ou sexual
- Abuso de álcool e drogas
- Questões de ordem psicológica (transições de fase, transições de personalidade, transições de vida, ansiedade, etc)
- Questões relativas à ansiedade
- Vulnerabilidade social e emocional
- Exclusão social e isolamento social
- Distúrbios de adaptação
- Impulsividade
- Ruínas de pensamento
- Psicopatologias
- Historicamente associadas com o próprio ato de autolesão

DIFERENÇA ENTRE AUTOLESÃO E COMPORTAMENTO SUICIDA

Tanto a autolesão quanto o comportamento suicida são atos de autolesão, mas a diferença é a INTENÇÃO. No caso da autolesão, a intenção é aliviar a dor emocional, social e física. No caso do comportamento suicida, a intenção é causar dano a si mesmo.

Quando mais é o tempo que alguém se autolesão e risco maior de desenvolver comportamento suicida.

REFERÊNCIAS:

BRASIL. Ministério da Saúde. (2014). Guia Prático de Ajuda. Disponível em: www.saude.gov.br

Fonte: autoria própria

Facilidades podem ser destacadas para a realização da intervenção, como a autonomia do grupo de graduandos na busca de literaturas norteadoras para a construção da ação, como resultado do progresso acadêmico vivenciado no curso de enfermagem, que nos molda como sujeitos aptos para intervir na realidade social a

partir do saber científico. Essa maturidade crítico-reflexiva, nos permitiu ao adentrar na sala de aula como agentes da saúde, estabelecer boa conexão com a turma, conquistando o reconhecimento dos estudantes e professor, que respeitaram nossa fala e consideraram as orientações sugeridas.

Todavia, dificuldades também foram detectadas, como a rotulação dos alunos como “difíceis”, pela direção da escola, demonstrando que interagir com esses estudantes não é uma tarefa acessível. Mesmo assim, sem preconceitos, mas com humildade e destemor, paulatinamente fomos conquistando a atenção e o respeito dos estudantes, permitindo alcançarmos os objetivos enumerados.

Um elemento difícil de administrar foi o tempo, haja vista que a duração programada da intervenção seria de 50 minutos, porém, devido alguns imprevistos, iniciamos a atividade alguns minutos atrasados, por falta de orientação da direção escolar. Apesar desse contratempo, adequamos a ação para não ultrapassarmos o limite de horário, reduzindo as dinâmicas e buscando sempre otimizar as ações para não perdemos a foco da atividade.

Diante disso, pode-se afirmar que a aprovação da atividade pelos estudantes e profissionais da instituição escolar, é muito significativa. Lidar com a complexidade de uma sala de aula, composta por adolescentes oriundo da periferia, afetados diretamente por problemas socioeconômicos, familiares e de saúde, foi um enorme desafio para os graduandos, porém com estudo, determinação e superação, o resultado foi satisfatório.

4 DISCUSSÃO

Consideramos como fator preponderante para o sucesso da atividade o uso da metodologia ativa, considerada por Borges e Alencar (2014), como meio dinâmico de construção do aprendizado, recurso que contribui com o professor na orientação do desenvolvimento crítico do estudante. Para além disso, a metodologia ativa é considerada como um método somático ao ensino, facilitador da realização de ações educativas que potencializam a interação do estudante com o docente no transcurso da aula, reconfigurando a sala de aula tradicional para um ambiente propício ao ensino lúdico e dinâmico, com recursos didáticos que influenciam positivamente para a aprendizagem dos alunos (MORÁN, 2015).

Para Scavacini *et al.* (2021), promover a educação socioemocional favorece a criação de vínculos essenciais para o relacionamento entre os discentes, como amizade e respeito, prevenindo ativamente a prática de bullying, considerado como um dos principais fatores de riscos que podem levar alguém a se automutilar voluntariamente.

Nessa perspectiva, considerar a complexidade do comportamento autolesivo e seus riscos à saúde física e mental dos adolescentes, sendo necessário atentar à integridade da saúde física e mental desse público, desenvolvendo fatores de proteção para minimizar os estressores sociais, colaborar com ações preventivas e de promoção a saúde (SILVA; DOS SANTOS; VEDANA, 2022).

Para tal, é essencial enfatizar os principais fatores de proteção: educação emocional, resiliência, autoestima, autoeficácia e gestão de crises. Esses recursos são cuidados pertinentes a psicoeducação, que possibilitam desenvolver ações eficazes de prevenção visando o autoconhecimento do paciente sobre as situações da vida, da forma como enfrentar os desafios e aflições de maneiras positiva, e melhorar o autocontrole dos impulsos emocionais (SCAVACINI *et al.*, 2021).

Assim, baseado no modelo de avaliação de Silva, dos Santos e Vedana (2022), adaptamos a ferramenta de autoconhecimento para o contexto pessoal e social desses estudantes, no intuito de fornecer um instrumento capaz de auxiliar na identificação dos momentos de crises a partir da observação antecipada de alguns sinais de alerta da autolesão.

Diante disso, a experiência foi positiva em todos os aspectos, de grande valia para o desenvolvimento acadêmico dos futuros enfermeiros, em sua rotina de cuidado em diferentes cenários de saúde.

5 CONCLUSÃO

A intervenção foi de grande relevância para os que participaram, uma vez que possibilitou a correlação e construção de novos saberes, bem como proporcionou uma rica experiência para os acadêmicos. Entretanto, ao decorrer da realização, encontramos alguns desafios, como a dispersão dos alunos, a dificuldade de concentração e interação com o grupo ao longo da atividade.

Todavia, de modo geral, a atividade seguiu conforme o planejado, os objetivos traçados foram alcançados, e o grupo sentiu-se contemplado e realizado ao longo da ação realizada. Tendo em vista que trouxe contribuições para a formação acadêmica, profissional e pessoal, permitindo conhecer de forma mais profunda sobre o Programa Saúde na Escola e debater a importância da Educação Popular em Saúde, assim como foi possível ampliar a visão sobre as principais problemáticas e necessidades encontradas nesses espaços.

Além disso, a ação proporcionou o estreitamento de vínculos entre a escola e a saúde, reforçando a importância de manter esse vínculo e da necessidade de um trabalho multiprofissional, uma vez que possibilita a realização das ações mais efetivas, trazendo resultados satisfatórios para a população.

REFERÊNCIAS

BORGES, T. S.; ALENCAR, G. Metodologias ativas na promoção da formação crítica do estudante: o uso das metodologias ativas como recurso didático na formação crítica do estudante do ensino superior. **Cairu em revista**, v. 3, n. 4, p. 119-143, 2014. Disponível em:

https://cairu.br/revista/arquivos/artigos/2014_2/08%20METODOLOGIAS%20ATIVAS%20NA%20PROMOCAO%20DA%20FORMACAO%20CRITICA%20DO%20ESTUDANTE.pdf. Acesso em 11 set. 2022.

COSTA, L. C. R. *et al.* Autolesão não suicida e contexto escolar: perspectivas de adolescentes e profissionais da educação. SMAD, **Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas** (Edição em português), v. 16, n. 4, p. 39-48, 2020.

DE CARVALHO, K. N.; ZANIN, L.; FLÓRIO, F. M. Percepção de escolares e enfermeiros quanto às práticas educativas do programa saúde na escola. **Revista Brasileira de Medicina de Família e Comunidade**, v. 15, n. 42, p. 2325-2325, 2020.

EGRY, E. Y. Saúde coletiva: um novo método em enfermagem. In: Saúde coletiva: um novo método em enfermagem. 1996. pág. 144-144

FLICK, U. Desenho da pesquisa qualitativa. Desenho da pesquisa qualitativa. Porto Alegre: Artmed, 2009. 164 p.

FONSECA, P. H. N. da *et al.* Autolesão sem intenção suicida entre adolescentes. **Arquivos brasileiros de psicologia**, v. 70, n. 3, p. 246-258, 2018.

GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

LOPES, I. E.; NOGUEIRA, J. A. D.; ROCHA, D. G. Eixos de ação do Programa Saúde na Escola e Promoção da Saúde: revisão integrativa. **Saúde em Debate**, v. 42, p. 773-789, 2018.

MORÁN, J. Mudando a educação com metodologias ativas. **Coleção mídias contemporâneas**. Convergências midiáticas, educação e cidadania: aproximações jovens, v. 2, n. 1, p. 15-33, 2015. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4941832/mod_resource/content/1/Artigo-Moran.pdf. Acesso em 11 set. 2022.

RICHARDSON, R. J. *et al.* Pesquisa social: métodos e técnicas. 3 ed. Revisada e ampliada. São Paulo: Atlas, 1999.

SCAVACINI, K. *et al.* Autolesão: guia prático de ajuda. São Paulo: Instituto Vita Alere. 2021.

SILVA, A. C.; DOS SANTOS, J. C. P.; VEDANA, K. G. G. Autolesão não suicida: assistência e promoção de saúde mental. Ribeira Preto, SP: Centro de Apoio Editorial da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto. 2022.

IMPLEMENTAÇÃO DE EDUCAÇÃO EM SAÚDE EM UNIDADES DE ENSINO SOBRE A DOAÇÃO DE SANGUE: RELATO DE EXPERIÊNCIA

*Kaissa de Almeida Silva
Laura Elyse Souza de Queiroz
Marcelo Miranda da Silva
Rayane de Freitas Bessa
Steffany Henrique de Queiroz
Eliana Barreto Fixina*

Resumo

Objetivo: discutir a grande problemática das Unidades de Coleta e Transfusão (Hemocentros) relacionado à carência de doadores, além de ajudar na identificação desses problemas para que sejam realizadas medidas de captação de doadores. **Metodologia:** relato de experiência com base nas considerações e reflexões acerca da temática abordada. **Resultados:** em primeiro momento, é relatado as intervenções realizadas para a captação de doadores, grande problemática do serviço, e em segundo, é relatado os resultados positivos e negativos a partir dessas intervenções. **Conclusões:** diante de todo o trabalho em equipe de profissionais e discentes para a captação de voluntários, ainda é identificado grande resistência por parte desses doadores, concluindo que a melhor forma de os conseguir é através de ações voltadas para os grupos específicos.

Palavras-Chave: Doação de Sangue, Doador de sangue, Hemoterapia, Transfusão de sangue.

Abstract

Objective: to discuss the great problem of the Collection and Transfusion Units (blood centers) related to the lack of donors, besides helping to identify these problems so that measures can be taken to attract donors. **Methodology:** Experience report based on considerations and reflections about the theme addressed. **Results:** first, we report the interventions made for donor recruitment, a major problem of the service, and second, we report the positive and negative results from these interventions. **Conclusions:** Despite all the team work done by professionals and students to attract volunteers, there is still great resistance from these donors, concluding that the best way to get them is through actions aimed at specific groups.

Keywords: Blood Donation, Blood Donor, Hemotherapy, Blood Transfusion.



1 INTRODUÇÃO

No ano de 1818, ocorreu a primeira transfusão sanguínea entre os humanos com eficácia, o que contribuiu para a criação do Serviço de Transfusão de Sangue, no ano de 1921 em Londres, na Inglaterra. No Brasil, esse procedimento foi concretizado em 1879 a partir de um relato de defesa de doutorado sobre transfusão sanguínea e sua melhor forma de operar, seja entre os seres humanos ou de animais para seres humanos (LORDEIRO MAM, et al., 2017).

No Brasil, a hemoterapia teve início na década de 1940 e foi marcada por diversos avanços científicos que levaram ao primeiro banco de sangue privado do país. Originalmente, a doação de sangue era um processo que o doador voluntário era pago e não havia uma política de monitoramento da qualidade do sangue utilizado, facilitando assim a disseminação de patógenos infecciosos. Com a criação da Comissão Nacional de Hemoterapia em 1964, foi formulada a Política Nacional de Sangue, que sofreu muitas mudanças ao longo dos anos, visando garantir a qualidade dos serviços de hemoterapia (BASÍLIO, 2002).

Até a década de 1980, o contexto histórico de sangue como terapia transfuncional era marcado pela remuneração da doação, isso significa que só era realizado esses procedimentos se houvesse uma troca, visto como um favor e não um ato solidário. Com o passar do tempo, foi criada a Lei Federal (Lei 1.075/50) que incentivava a doação, idealizando a troca da doação pelo benefício. Do mesmo modo, existia muito preconceito, medos e crenças diante do procedimento que envolvessem interesses pessoais, familiares e comerciais, e a partir do ano de 1890, foi evidenciado uma grande preocupação sobre segurança em decorrência do surgimento da AIDS e da proliferação de doenças transmissíveis pelo sangue, o que intensificou as intervenções sanitárias para buscar pôr um fim na remuneração da doação. A história da Hemoterapia nos últimos anos, obteve grande avanços em busca do sistema hemoterápico para propor um produto de qualidade e seguro à população, o que só foi concebido após a reestruturação dos serviços, a legitimação do ato voluntário da doação de sangue, além de grandes avanços tecnológicos e capacitações (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2015).

Hoje, critérios são atendidos para garantir essa segurança desde a captação de doadores, o procedimento de triagem clínica, coleta, triagem laboratorial, testes

sorológicos e imunohematológicos, fracionamento dos hemocomponentes e, por último, a transfusão dos componentes sanguíneos que tornam o processo mais efetivo para o doador e para o receptor do sangue (SILVA et al, 2021).

Para atender à demanda de produção hemoterápica do país, órgãos públicos e outras instituições utilizam campanhas de incentivo à doação de sangue como recursos vitais para conscientizar a necessidade desse esforço e divulgar informações ao público em geral. Promover essas ações, bem como educar o público sobre o significado dessa ação é crucial para que ela se torne cada vez mais frequente na população brasileira (STEPHANOU; MOREIRA, 2019).

Ainda assim, mesmo com diversas campanhas realizadas é identificado um baixo número de doadores, indicando que, socialmente, o ato de doar sangue ainda não é visto como algo de muita importância, o que dificulta ainda mais a captação de novos candidatos (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2015).

Devido à falta de legislação específica sobre hemoterapia no Brasil e à ausência de normas regulamentadoras, acaba sendo possível verificar a escassez de sangue a qualquer momento. Dessa maneira, coloca em risco grave à saúde e a vida de quem precisa de doação de sangue constantemente no país (BASÍLIO, 2002).

A utilização da educação em saúde se torna uma ferramenta fundamental na captação de doadores, possibilitando a troca de conhecimento entre os usuários e o sistema de saúde, por ser um meio de atração e repasse de conhecimento. Dessa forma podemos sensibilizar as pessoas a serem doadores através das falas (JUNIOR, 2014).

2 METODOLOGIA

Esse estudo trata-se de um relato de experiência que traz aspectos vivenciados pelos acadêmicos do sexto período do curso de graduação em enfermagem da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), com alvo no público apto a doar sangue de acordo com o Ministério da Saúde, desenvolvido em quatro etapas: a primeira relacionada às leituras de referencial teórico sobre os temas discutidos, a segunda etapa relacionada a captação da realidade do lugar trabalhado, a terceira em elaboração de material e cronograma e a quarta em ações, a prática do planejamento.

Segundo Daltro e Faria (2019), um relato de experiência tem como princípio relatar uma situação vivenciada, de modo que através de detalhes contextualizados

que podem ser positivos ou negativos para as temáticas, reúne considerações e reflexões sobre a vivência contribuindo para a construção de conhecimentos.

RESULTADOS

A campanha foi planejada e executada por discentes e docente orientadora do curso de Enfermagem da UERN em parceria com o HEMOCENTRO de referência. A campanha intitulada “Manhã Solidária” e “Tarde Solidária” foi planejada no mês de julho e agosto e realizada, por meio de mídias sociais e visitas às instituições como a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte e Instituição Federal do Rio Grande do Norte (IFRN), nos mesmos meses em 2022, com atuações nos dias 27 e 28 de agosto e 11 e 17 de agosto e ao HEMOCENTRO nos dias 03 e 18 de agosto.

A campanha teve como intuito disseminar informações sobre a doação de sangue e mobilizar candidatos à doação para amenizar a problemática do local de escassez de doadores voluntários. Assim, a partir da ideia inicial, os estudantes elaboraram uma apresentação e cartazes chamativos com linguagem acessível, baseados nos principais entraves frente à doação de sangue. A campanha teve como público-alvo todos aqueles que, segundo os critérios do Ministério da Saúde, estivessem aptos para a doação de sangue e pudessem estar presentes no HEMOCENTRO de Pau dos Ferros- RN na data prevista do evento.

Inicialmente, no mês de julho de 2022, foi realizada uma visita à Unidade de Coleta e Transfusão de Pau dos Ferros (HEMOCENTRO) onde em conversa com a enfermeira de plantão no dia responsável pela triagem, apresentou o local e explicou como funcionava o trabalho dos profissionais envolvidos, também informando a problemática existente da falta de doadores. Com essas informações, o planejamento da campanha ocorreu por meio de reuniões no formato virtual. Foram eleitas as seguintes diretrizes para nortear a campanha de doação de sangue: uso de fontes seguras para embasar a produção de conteúdo informativo, produção de apresentação rápida, explicativa e educativa para os alunos da instituição, produção de materiais educativos com linguagem acessível, diversidade de conteúdo para evitar repetição de informações e definição de uma data para as apresentações e para a doação de sangue coletiva. Os meios selecionados para a divulgação dos conteúdos produzidos foram as redes sociais, já que sua grande abrangência no âmbito social facilita o alcance ao

público-alvo, possui acesso livre e cartazes nos murais de informações da UERN e IFRN.

Foi elaborado um roteiro onde na apresentação nas salas dos estudantes, abordou sobre o que é e para que serve o ato de doar sangue e dado foco aos requisitos para ser doador e quais benefícios o mesmo pode ter com esse ato. Na aplicação das duas intervenções no dia 27 e 28 de julho e 08 e 17 de agosto de 2022 na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte e na Instituição Federal do Rio Grande do Norte, foi colocado em prática como proposto, passando em uma turma por curso (as que foram possíveis), em média 5 salas pela noite e 3 pela manhã, notando que nas salas de aula numerosas (quase 40 alunos), em todas existiam entre 2 a 4 doadores, comprovando que a maioria desse público escolhido não participa dessa causa. Muitos alunos citaram a vontade de doar, mas por não atender os requisitos, ficam inaptos, relatos como: peso inadequado, cirurgias recentes, níveis de hemoglobinas insatisfatórios, piercings e tatuagens recentes. Já alguns, aproveitaram o momento da apresentação para tirar algumas dúvidas em relação a níveis de taxas sanguíneas alterados (colesterol, triglicérides etc.).

As ações foram bem aceitas em sala de aula, houve interação por parte de discentes e docentes presentes acerca do assunto e após esses momentos, cartazes reforçando sobre nossa “Manhã Solidária” e ‘Tarde Solidária’ foram espalhados pelos murais da instituição que foram produzidas imagens com os requisitos para doar sangue, convites para a participação na doação de sangue coletiva e informações a respeito de dias, horários e local de coleta para doação na cidade de Pau dos Ferros, Rio Grande do Norte. Todas as imagens utilizadas durante o desenvolvimento da campanha foram produzidas no site de ilustrações Canva.

No dia 03 de agosto e 18 de agosto de 2022, estivemos presentes no turno da tarde e em outro dia da manhã de funcionamento do HEMOCENTRO para realizar essa campanha, recepcionando e orientando novos e frequentes doadores, porém, sem alcançar o esperado. As pessoas que compareceram ao local voluntariamente já eram doadores frequentes. Mas, os presentes na organização da campanha aproveitando o momento, praticaram do “ato de amor” assim, surgindo mais 4 novos doadores.

Com eles, foi realizado o acolhimento, sendo enfatizado a importância do comparecimento do candidato à doação de sangue, e a elucidação de dúvidas acerca do ato de doar. Após a doação, os voluntários se despediram do HEMOCENTRO

recebendo dos organizadores da campanha uma mensagem de agradecimento e um chocolate, adicionalmente foram fornecidas orientações sobre uma possível próxima doação e a importância de realizarem este ato com frequência.

Figura 1: Cartaz da primeira campanha: Tarde Solidária.



Fonte: autoria própria, 2022.

Figura 2: Cartaz da segunda campanha: Manhã Solidária.



Fonte: autoria própria, 2022.

Figura 3: bilhetes entregues com os bombons.



Fonte: autoria própria, 2022.

3 DISCUSSÃO

Durante as intervenções feitas em prol da captação de doadores e repasse de conhecimento sobre a doação de sangue, foi notado que a grande maioria das pessoas tem a vontade de doar, porém, não praticam esse ato por falta de conhecimento dos critérios para doação e até mesmo por comodismo.

Acredita-se que uma das grandes dificuldades para os possíveis doadores seria conciliar a vida cotidiana com o horário de atendimento do serviço, por coincidir com o horário comercial de trabalho das pessoas, o que acaba prejudicando a realização da boa ação (MESQUITA et al., 2021).

As estratégias socioeducativas utilizadas estimulam aos jovens de forma rápida e didática a realização deste ato de solidariedade e cidadania. A socialização das informações a respeito da doação através das palestras rápidas são fundamentais para promover o diálogo e a interação entre os ouvintes e palestrantes, onde poderão tirar dúvidas e quebrar estigmas sobre o processo de doação.

O ambiente escolhido (salas de aula das escolas e universidades) gera sensibilidade nos alunos, o que pode refletir em conversas com seus familiares em casa a respeito do tema, estimulando a ajuda ao próximo e a propagação da informação a mais pessoas. (MESQUITA et al., 2021).

Os cartazes foram utilizados como forma de divulgação e fixação do que foi dito nas salas de aulas, como uma forma mais acessível de visualização das informações, facilitando também o aumento do alcance de novas pessoas. Até os dias atuais, os cartazes são ótimas estratégias nos estabelecimentos de saúde para promover campanhas educativas, gerando estímulos motivacionais para fazer uma boa ação por exemplo (NEVES et al., 2009).

Outro recurso usado foram as redes sociais na qual temos muitas vantagens. elas fazem parte do dia a dia das pessoas, assim conseguimos um alcance maior de pessoas, de forma lúdica, sendo um dos maiores canais de comunicação. Com a sociedade conectada, tornando as pessoas mais informadas sobre vários assuntos e a constante divulgação sobre a doação de sangue começa a instigar as pessoas sobre o assunto gerando vontade de conhecer mais de perto a ação (FERREIRA, 2013).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que mesmo com as intervenções realizadas por nós e pela equipe do HEMOCENTRO para a captação de doadores, ainda existe uma certa resistência para a doação, o que acaba se tornando uma tarefa difícil.

Identificamos que possuem melhores possibilidades de conseguir um maior número de doadores quando essas ações forem voltadas para grupos específicos, isto é, convidando um determinado ambiente de trabalho ou sala de aula, para que aquelas pessoas possam realizar a doação em conjunto, e claro, de forma voluntária. Identificamos também, grande resistência por medo, que mesmo que desejem doar não vão, além do tempo, muitas pessoas trabalham ou estudam, conseqüentemente, não abdicam tempo para esse ato.

Por fim, é necessário determinação e paciência para a captação de doadores, pois é uma tarefa que requer habilidades e um bom diálogo com a comunidade para quebrar os estigmas e pré-conceitos acerca da doação.

REFERÊNCIAS

BASÍLIO, Francisco Placido de Sousa. Evolução das políticas de hemoterapia no Brasil: o sistema público de hemoterapia do Ceará. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) - Faculdade de Medicina. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2002.

DALTRO, Mônica Ramos; DE FARIA, Anna Amélia. Relato de experiência: Uma narrativa científica na pós-modernidade. *Estudos e pesquisas em psicologia*, v. 19, n. 1, p. 223-237, 2019. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/43015>. Acesso em: 6 set. 2022.

JUNIOR, Danyllo do Nascimento Silva, et al. Doação de sangue: relato de uma prática de educação popular em saúde. 2014.

LORDEIRO MAM, et al. Evolução da história de doação de sangue no Brasil dentro do âmbito do SUS. **Revista Rede de Cuidados em Saúde**, 2017.

STEPHANOU, André Teixeira; MOREIRA, Mariana Calessio. Blood donors' perception of incentive campaigns. **Paidéia** (Ribeirão Preto), v. 29, 2019.

SILVA, J. B. C.; RIBEIRO, K. B.; LISBOA, L. C. M.; LEITÃO, K. H. S.; SILVA, V. K. L. da; COLARES, T. V.; OMURA, L. Y. E.; FRADE, P. C. R. Campanha de doação de sangue realizada por discentes de biomedicina: um relato de experiência. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 13, n. 9, 23 set. 2021.

MESQUITA, Nanci Felix, et al. Dificuldades e estratégias relacionadas com a doação de sangue em um serviço de hemoterapia. *Revista RENE: Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste*. Vol. 22, e70830 (2021), p. 1-9, 2021.

DAS NEVES, Zilah Cândida Pereira, et al. Relato de experiência: utilização de cartazes estilizados como medida de incentivo à higienização das mãos. *Revista Eletrônica De Enfermagem*, 2009, 11.3.

FERREIRA, Bruno Cassio Lopes. A influência das mídias sociais na divulgação de um evento: um estudo de caso sobre o evento Experiencie. 2013

O DESAFIO DE FAZER EDUCAÇÃO EM SAÚDE PARA AGENTES COMUNITÁRIOS DE SAÚDE: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

*Lucas Souza Leite
Maria Cecília Farias Paiva
Eva da Silva Paiva
Talina Carla da Silva
Graça Rocha Pessoa*

Resumo

A educação em saúde um instrumento advindo da saúde coletiva, cujo escopo é a troca de saberes entre diferentes atores. Seu objetivo é proporcionar a construção do conhecimento, esclarecer, orientar ou capacitar determinado público, sem perder de vista seus condicionantes e determinantes sociais. Essa narrativa tem como objetivo relatar as vivências da educação em saúde para Agentes Comunitários de Saúde. Trata-se de um relato de experiência, de abordagem qualitativa. As ações foram realizadas em uma Unidade Básica de Saúde, do município de Pau dos Ferros/RN, pelos graduandos do 9º e 6º período do curso de enfermagem, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), durante os meses de junho a setembro de 2022. A experiência de implementar a educação em saúde para um público que já a utiliza como instrumento de trabalho, foi importante para as trocas de saberes. Os principais desafios foram a adesão de participação e a estrutura para desenvolvimento das atividades. As potencialidades se sobressaíram frente as dificuldades, e desenhou-se um momento único e de grande valia para ambas as partes.

Palavras chaves: Educação em Saúde, Enfermagem, Agentes comunitários de Saúde.

Abstract

Health education is an instrument arising from collective health, whose scope is the exchange of knowledge between different actors. Its objective is to provide the construction of knowledge, clarify, guide or train a specific audience, without losing sight of its conditioning and social determinants. This narrative aims to expose the experiences and difficulties of nursing students in carrying out health education for Community Health Agents. This is an experience report, with a qualitative approach. The actions were carried out in a Basic Health Unit, in the city of Pau dos Ferros/RN, by the undergraduates of the 9th and 6th period of the nursing course, at the University of the State of Rio Grande do Norte (UERN), during the months from June to September 2022. The experience of implementing health education for an audience that already uses it as a working tool was important for the exchange of knowledges. The main challenges were the adherence to participation and the structure for the development of activities. The potential stood out in the face of difficulties, and a unique moment of great value for both parties was designed.

Keywords: Health Education, Nursing, Community Health Agents.



1 INTRODUÇÃO

A Organização Mundial de Saúde (OMS) conceitua Educação em Saúde (ES) como um conjunto de ações e experiências de aprendizado planejado, com o intuito de habilitar as pessoas a obterem conhecimento sobre fatores determinantes e comportamentos de Saúde (WHO, 2021). Outra definição de educação em saúde parte da compreensão desta como um processo educativo responsável pela construção de conhecimentos de saúde com vistas à apropriação da temática pela população (BRASIL, 2021; CONCEIÇÃO *et al.*, 2020).

Embora haja diversos conceitos e definições que se assemelham, a educação em saúde consiste em um instrumento advindo da saúde coletiva e tem como principal intuito a troca de saberes entre quem realiza e quem participa, proporcionando uma construção do conhecimento entre os diferentes atores com fins de esclarecer, orientar ou capacitar determinado público sobre determinado assunto, sempre visando seus condicionantes e determinantes sociais (SEABRA *et al.*, 2019; ARNEMANN *et al.*, 2018; LOPES *et al.*, 2018).

A educação popular em saúde tem sido pensada, na atualidade, como um instrumento de reorientação das práticas de saúde. Não se trata apenas de uma nova metodologia na área, visto que o movimento defende um novo olhar para as práticas de saúde e para as relações construídas entre profissionais de saúde e comunidade. Aponta para a construção compartilhada do conhecimento e para a abertura de novos canais de comunicação, que proporcionem autonomia e construção de processos sociais emancipatórios (SOUZA; SILVA; BARROS, 2021).

Já a Educação Profissional em Saúde começou a ser materializada na década de 1980, a partir do projeto de larga escala. Este foi um importante incentivo à formação de trabalhadores ao ter proporcionado aos seus participantes, capacitações voltadas para a melhoria da assistência prestada aos usuários (BRAZOROTTO; VENCO, 2021).

A ES se mostra como potencial provocadora de transformações para os trabalhadores e usuários na Atenção Primária a Saúde (APS). Sua efetivação permite a consecução de estratégias que promovem a valorização de experiências e saberes, as interações e trocas no cotidiano, e a busca do entendimento das demandas e necessidades de saúde dos usuários. Tal percurso é potencial para dotar o profissional

de saúde de conhecimentos que o possibilitem atuar criticamente diante da realidade (CAMPOS *et al.*, 2019; FERREIRA *et al.*, 2019).

Diante de todo o contexto é pertinente abordar sobre a importância da educação em saúde para Agentes Comunitários de Saúde (ACS), estes profissionais são peças fundamentais para propagação do conhecimento, sendo a principal fonte em proporcionar informações e construir o elo entre a população e o serviço de saúde. Fazendo-se necessária a constante capacitação desses indivíduos para que estes possam transmitir informações validas e embasadas cientificamente para os usuários (Secco *et al.*, 2020; GODOI; LEITE, 2020).

Neste sentido, esse relato justifica-se pela importância de abordar a experiência de efetivar a educação em saúde como prática de ensino de enfermagem para um público que já utiliza esse instrumento durante a realização do seu trabalho. Seu objetivo relatar os sentimentos despertados a partir dos desafios durante a realização da educação em saúde para Agentes Comunitários de Saúde.

2 METODOLOGIA

Trata-se de um relato de experiência, com abordagem qualitativa que tem como proposito descrever a experiência de uma atividade de educação em saúde, realizada em uma Unidade Básica de Saúde, do município de Pau dos Ferros/RN, pelos graduandos do 9º e 6º período do curso de enfermagem, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), durante os meses de junho a setembro de 2022. A ação teve como público-alvo os agentes comunitários de saúde (ACS).

A coleta de dados partiu da inserção dos graduandos no campo de estágio sendo identificadas fragilidades no serviço referente educação em saúde com ênfase na capacitação e construção de conhecimentos dos ACS, que não haviam tido capacitações e atualizações há alguns anos sobre temas referentes a prestação da assistência e orientação a população. Tais constatações foram realizadas por meio de observações e diálogo com os ACS,

As ações foram elaboradas com base nas fragilidades detectadas, tendo como foco temáticas relacionadas aos ACS com vista a contribuir para a construção do conhecimento desse público mediante discussões e dinâmicas. A ação foi realizada em 3 momentos distintos, com abordagem de temas diferentes em cada um deles.

O estudo não requer aprovação do comitê de ética, uma vez que as informações apresentadas são experiências pessoais vivenciadas. Contudo, ressalta-se que todos os princípios éticos foram seguidos conforme a resolução 466/2012.

2.1 AÇÕES REALIZADAS

As ações foram divididas por dia e temáticas, visto a limitação de tempo para a sua execução. No dia 24 de agosto de 2022, foi realizada a primeira implementação, sob o tema “ACS NA AÇÃO DA EDUCAÇÃO.” O foco dessa capacitação foi discutir a importância do papel do agente de saúde na propagação da educação em saúde partindo da ideia de que eles são os profissionais de que estão mais próximo da população realizando visitas domiciliares sendo o principal elo entre a unidade e usuários, por isso a necessidade de despertar a importância da implementação da educação em saúde durante as visitas domiciliares além de salientar a importância de sua realização e como implemente-la. O material base que serviu como fonte de referência para o grupo foi adquirida no site do ministério da saúde além de artigos científicos publicados com essa temática. Como dinâmica de fixação foi realizada uma encenação organizada pelos próprios profissionais para mostrar na prática como se implementava a educação em saúde, após a realização desse primeiro momento, ficou clara para o grupo a importância de a educação em saúde ser aplicada de forma equânime por todos os profissionais de saúde que lidam com o público, visto que, a educação em saúde é ferramenta indissociável na busca de uma saúde de qualidade.

A implementação da segunda ação se deu após o intervalo da primeira. Seu escopo foi a saúde do trabalhador; recebeu o título “TRABALHAR SIM, ADOECER NÃO.” A partir desta foram realizadas discussões sobre assuntos referentes aos riscos à saúde dos ACS durante o exercício da profissão. Os diálogos foram construídos partindo da ideia de que eles são profissionais e necessitam observar quais os riscos que estão atrelados a sua profissão tendo o foco voltado para a saúde do trabalhador após uma boa participação e interação da equipe com os acadêmicos foi realizada a dinâmica: “Que risco sou eu?” no qual os participantes teriam que identificar o risco de acordo com as dicas dadas pelos acadêmicos. Para a realização dessa ação foi tomado como referência a política de saúde do trabalhador do ministério da saúde, além de artigos científicos atuais que abordassem os riscos ocupacionais a saúde do

trabalhador. Após a realização dessa ação o grupo conseguiu extrair a experiência sobre os principais riscos que esses trabalhadores correm e refletir sobre a importância de uma política de saúde do trabalhador mais presente para esses profissionais.

O terceiro encontro de capacitação aconteceu no dia 01 de julho de 2022. A temática abordada, MONKEYPOX, foi eleita pelos próprios agentes de saúde, durante o encontro anterior. Empregou-se uma metodologia ativa para o ensino aprendizagem, a realização de um bingo. Por meio deste foi discutido o seu conceito, percurso epidemiológico, sinais e sintomas, prevenção e qual o papel do ACS frente a essa doença. As questões a serem discutidas foram selecionadas pela necessidade de haver uma capacitação de como lidar com um caso suspeito ou positivo de Monkeypox na área. A metodologia se mostrou com bons resultados, visto que permitiu a interação e envolvimento de todos no processo ensino-aprendizagem.

Embora a Monkeypox seja uma doença nova, o grupo estava muito seguro do assunto, tendo como base para discussões materiais de fontes oficiais disponibilizado pelo site do ministério da Saúde. A temática foi discutida com boa participação e encerramento da parte teórica.

O bingo foi realizado servindo como grande fonte de fixação dos conhecimentos construídos, ao final houve os agradecimentos dos ACS abordando que foi um momento rico de capacitação, e se viu como uma grande oportunidade para os mesmos visto que muitos haviam entrado há 1 ano e não haviam realizado nenhum tipo de capacitação, isso mostrou ao grupo a importância da educação em saúde para a valorização dos profissionais de saúde.

3 RESULTADOS

Diante do que foi vivenciado, as ações foram consideradas validas e de grande importância na formação dos discentes, visto que, realizar educação em saúde para um público que a utiliza como forma de trabalho é desafiador. O momento mais marcante elencado pelos discentes foi a grande participação dos ACS durante a realização das dinâmicas. Estes mostraram-se sempre interativos e em busca de construir novos conhecimentos constantemente.

Não obstante o envolvimento profícuo dos participantes, houve frustração, nos discentes, quanto ao número de participante. Entre os 09 agentes de saúde, somente

04 se fizeram presentes em todas as ações realizadas. Outro ponto desafiador foi referente a troca constante de horários para a concretização da ação, visando a adaptação à realidade dos participantes

Quadro 1 – Dificuldades na realização da educação em saúde para agentes comunitários de saúde

Desafios	Sentimentos
Espaço físico reduzido para realização das ações	Medo da inadequação do espaço e do público não se sentir confortável.
Escolha do público-alvo	Medo da não adesão e insegurança no que tange ao alcance do interesse deles
Necessidade de constante readaptação de horário	Frustração por não seguir o que foi planejado inicialmente, havendo constantes mudanças de horários, desmotivação de dar continuidade.
Tempo	Sentimento de incapacidade de atingir as metas e expectativas no tempo oportuno.

Fonte: autores

A frustração da participação limitada do público selecionado proporciona reflexões referentes a educação em saúde não ser realizada de forma mais presente nos serviços devido à baixa adesão dos participantes, tornando o momento demasiado monótono e desestimulante.

4 DISCUSSÃO

Os ACS atuam na educação em saúde participando da organização de todo o trabalho coletivo sendo participantes do planejamento a implementação do que foi construído no planejamento sendo os principais mediadores da prática da educação em saúde para a população, proporcionando assim a resolução e devolutiva das demandas do usuário do serviço de saúde (BRASIL, 2016). É pertinente abordar que estes profissionais necessitam estarem em constante atualizações sobre os mais diversos assuntos que envolvem a saúde. A busca por capacitações que englobem a

própria educação em saúde para estes profissionais é de grande valia visto que a construção do conhecimento é fator primordial para a melhoria da qualidade da assistência prestada a população (OLIVEIRA; STREIT; AUTRAN, 2020).

A prática de educação em saúde é fator indispensável e indissociável na prestação de uma assistência de qualidade, realizar educação em saúde principalmente para construir referências para profissionais utilizá-la durante a prestação de sua assistência é algo desafiador, embora seja de fácil implementação durante a construção do diálogo com os participantes há todo um contexto desde a escolha do público-alvo ao planejamento das ações (MARCH e KOIFMAN, 2019).

Os sentimentos para quem realiza educação em saúde são os mais diversos possíveis, dentre eles pode-se destacar o medo de alguma ação não ser efetiva, a insegurança de não construir o conhecimento necessário para o público, exceder o tempo destinado para o momento, esses aspectos são discutidos por Oliveira e Souza (2020) que abordam em seu estudo que embora sejam sentimentos comuns a todos os profissionais de saúde que realizem educação em saúde deve-se sempre visualizar a educação popular em saúde como prática de construção de conhecimento e compartilhamento de saberes e experiências.

Em relação ao contexto do espaço reduzido para a realização da educação em saúde ser uma dificuldade enfrentada para a realização das ações para Alves e Aertes. (2011) o espaço físico bem como o espaço autorizado para adentrar no serviço são fatores primordiais para a realização das ações de educação em saúde um bom espaço como sala ampla com boa ventilação e proporcione uma visão geral dos sujeitos que estão participando das ações é fator primordial para a execução das intervenções.

Diante disso, o espaço é fundamentador para realização da educação em saúde um espaço reduzido para comportar os participantes para Pinheiro Azambuja e Bonamigo (2018) o espaço também gera sentimentos de inadequação, um espaço reduzido para realização educação em saúde proporciona frustrações para quem implementa as atividades, um espaço com pouca amplitude e que sofra com elementos externos e internos como ruídos externos, calor e pouco espaço físico, proporciona falta de conforto para quem participa e para quem implementa havendo redução da qualidade das implementações.

Sobre a escolha do público-alvo a quem se destinaria a educação em saúde o sentimento de medo por não haver adesão do público Souza, Oliveira e Queiroz (2019)

apontam que o sentimento de não adesão do público-alvo é equânime em todas as implementações de educação em saúde, embora o quantitativo de participantes seja baixo, havendo a interação e construção dos saberes a implementação já é considerada válida

Atrelado a isso Moutinho *et al.*, (2014) aborda em seu estudo Dificuldades, desafios e superações sobre educação em saúde na visão de enfermeiros de saúde da família que a desvalorização da educação em saúde como prática de construção de conhecimento é constante e frequente, a baixa adesão do público evidenciada por um pensamento de não necessitar participar do momento é um dos principais fatores que corroboram com a desvalorização desta prática.

Diante disso se faz necessário abordar a reflexão positiva das implementações realizadas com os ACS, embora que, em um quantitativo baixo, o interesse de adquirir conhecimentos para auxiliar nas necessidades da população mostrando interesse em tirar dúvidas e apontar questionamentos deixou o momento mais lúdico e foi de grande valia.

Outro ponto a ser discutido é a necessidade de readaptação de horários é abordado por Ferraresso e Cobalto (2021) que é demasiado frequente para todos os envolvidos na realização da educação em saúde se adaptarem e readaptarem horários, havendo com frequência essa problemática. Foi vivenciado pelos discentes a necessidade constante de readaptação de horários seguindo sempre a demanda dos ACS envolvidos buscando sempre um público de profissionais maior.

Entretanto, embora tenha havido dificuldades, as vivências dos momentos realizados com os profissionais foi de grande valia para ambas as partes realizar educação em saúde com um público, que já vivencia durante a realização de seu trabalho, foi um momento ímpar para construção do conhecimento e amadurecimento profissional dos estagiários que conduziram as implementações, assim sendo o sentimento foi de dever cumprido e de satisfação por ter corroborado com a capacitação dos ACS.

6 CONCLUSÃO

O Estágio supervisionado proporcionou vivências e superação durante a realização das ações de ES para os ACS, pois possibilitou despertar para a importância

das ações de ES no serviço de forma contínua, a partir de metodologias criativas e utilização de estratégias que possibilite a interação com público, além disso, permitiu compreender a necessidade de incluir os sujeitos como protagonistas no processo de construção do conhecimento a partir desses instrumentos.

Cabe pontuar fatores desafiadores e limitantes durante a realização das ações, como a baixa adesão, a estrutura física reduzida e as mudanças constante dos horários, que foram provocadores de inseguranças. No entanto, tais barreiras foram superadas, e as ações de ES foram desenvolvidas mediante público presente com bons resultados e alcance do objetivo proposto. É pertinente ressaltar que essas vivências apontam para a necessidade da inclusão de atividades de ES na rotina dos profissionais tornando-se ambiente de afirmação da qualificação e construção de conhecimento no/para o serviço, fortalecendo a atenção a saúde.

Portanto, as vivências relatadas mostram que ES funciona como potencial transformador de mudanças nas ações da APS, principalmente, para os ACS que estão constantemente em contato com a comunidade proporcionando a criação de vínculo desta com a equipe de saúde. Para os estagiários foi momento de oportuno de contato com a realidade do serviço de saúde identificando as potencialidades e fragilidades presente no seu dia a dia, tendo a possibilidade de intervir em situações detectadas como forma de contribuir com a efetivação da relação ensino-serviço-comunidade.

REFERÊNCIAS

ARNEMANN, Cristiane Trivisiol et al. Educação em saúde e educação permanente: ações que integram o processo educativo da enfermagem. **Revista Baiana de Enfermagem**, v. 32, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/enfermagem/article/view/24719>. Acesso em 02 de out. 2022.

ALVES, Gheysa, Aertes, Denise. As práticas educativas em saúde e a Estratégia Saúde da Família. **Ciência & Saúde Coletiva**, 16(1):319-325, 2011 Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/csc/a/KWBfzpcCq77fTcbYjHPRNbM/?format=pdf&lang=pt>. > Acesso em 15 de Set 2022.

BRASIL, **Ministério da Saúde**. Diretrizes para Capacitação de Agentes Comunitários de Saúde em Linhas de Cuidado. 2016. Disponível em: <https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/diretrizes_capitacao_agentes_comunitarios_cuidado.pdf> Acesso em 15 de Set 2022.

BRAZOROTTO, Cintia Magno; VENCO, Selma Borghi. Educação profissional no Brasil: História e política dos institutos federais. **ETD: Educação Temática Digital**, v. 23, n. 1, p. 98-116, 2021.

CAMPOS, Kátia Ferreira Costa et al. Educação permanente em saúde e modelo assistencial: correlações no cotidiano do serviço na Atenção Primária a Saúde. **APS em Revista**, v. 1, n. 2, p. 132-140, 2019. Disponível em: <https://apsemrevista.org/aps/article/view/28/26>. Acesso em 18 de Set 2022.

CONCEIÇÃO, Dannicia Silva et al. A educação em saúde como instrumento de mudança social. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 8, p. 59412-59416, 2020. Disponível em: <https://brazilianjournals.com/ojs/index.php/BRJD/article/view/15195>. Acesso em 02 de out. 2022.

CRUZ, Pedro; SILVA, Maria Rocineide Ferreira da; PULGA, Vanderleia Laodete. A Educação Popular Em Saúde Na Atualidade: Os Caminhos e os Desafios de Seu Grupo Temático na Associação Brasileira de Saúde Coletiva (Abrasco). Universidade Federal da Paraíba. **Revista Temas em Educação**, v. 28, n. 1, p. 138, 2019.

FERRARESSO E COBALTO. A promoção da saúde dos idosos: uma revisão integrativa. *Rev. Bras Enfer [internet]*. 2018; (Supl):710-5.

FERREIRA, Lorena et al. Educação Permanente em Saúde na atenção primária: uma revisão integrativa da literatura. **Saúde em Debate**, v. 43, p. 223-239, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sdeb/a/3wP8JDq48kSXrFMZqGt8rNQ/abstract/?lang=pt>. Acesso em 02 de out. 2022.

GODOI, Bruno Bastos; LEITE, Luciana Fernandes Amaro. Educação permanente em agentes comunitários de saúde: experiência de um projeto de intervenção. **Extensio: Revista Eletrônica de Extensão**, v. 17, n. 35, p. 138-146, 2020. DOI: 10.5007/1807-0221.2020v17n35p138.

MIRANDA, Daniel Nunes, MARCH Claudia, KOIFMAN, Lilian. Educação e saúde na escola e a contrarreforma do ensino médio: resistir para não retroceder **Trab. educ. saúde vol.17 no.2** Rio de Janeiro 2019. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1981-77462019000200401&script=sci_arttext. Acesso em 10 de Set 2022.

MOUTINHO, Cinara Botelho et al. Dificuldades, desafios e superações sobre educação em saúde na visão de enfermeiros de saúde da família. **Trab. Educ. Saúde**, Rio de Janeiro, v. 12 n. 2, p. 253-272, 2014

OLIVEIRA, V.J.M; STREI, I.A; AUTRAN, R.G. Três movimentos reflexivos sobre educação física, saúde e escola: desafios pedagógicos. **Revista Humanidades e Inovação v.7, n.10** – [Internet] 2020.

OLIVEIRA, H. V.; SOUZA, F. S. Do conteúdo programático ao sistema de avaliação: Reflexões educacionais em tempos de pandemia (COVID-19). **Boletim de**

Conjuntura. Boa Vista, vol. 2, n. 5, 2020, p. 15-24. Disponível em: <https://revista.ufr.br/boca/article/view/OliveiraSouza/2867>. Acesso em: 10 Set 2022

PINHEIRO, G. E. W, AZAMBUJA², M. S, BONAMIGO, A W. Facilidades e dificuldades vivenciadas na Educação Permanente em Saúde, na Estratégia Saúde da Família. SAÚDE DEBATE | RIO DE JANEIRO, V. 42, N. ESPECIAL 4, P. 187-197, DEZ 2018 Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sdeb/a/fxDM8Km9jhC3wpz59nQZJxM/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 15 de Set 2022.

LOPES, Maria Tereza Soares Rezende et al. Educação permanente e humanização na transformação das práticas na atenção básica. **Revista Mineira de Enfermagem**, v. 23, p. 1-7, 2019. Disponível em: <http://reme.org.br/artigo/detalhes/1303>. Acesso em 02 de out. 2022.

SECCO, Ana Caroline et al. Educação Permanente em Saúde para Agentes Comunitários: um Projeto de Promoção de Saúde. **Gerais, Rev. Interinst. Psicol.**, Belo Horizonte, v. 13, n. 1, p. 1-17, jan. 2020. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-82202020000100009&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 19 set. 2022. <http://dx.doi.org/10.36298/gerais2020130108>.

SEABRA, Cícera Amanda Mota, et al. "Educação em saúde como estratégia para promoção da saúde dos idosos: Uma revisão integrativa." *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia* 22 (2019).

SOUZA Gabriel, OLIVEIRA Karolinny, QUEIROZ, Sandra. Educação em saúde como estratégia para a adesão ao autocuidado e às práticas de saúde em uma unidade de saúde da família **Rev Med** (São Paulo). 2019

SOUZA, Elza Maria de; SILVA, Daiane Pereira Pires; BARROS, Alexandre Soares de. Educação popular, promoção da saúde e envelhecimento ativo: uma revisão bibliográfica integrativa. **Ciência & Saúde Coletiva** [online]. 2021, v. 26, n. 4 [Acessado 25 agosto 2022], pp. 1355-1368. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1413-81232021264.09642019>>. Epub 19 Abr 2021. ISSN 1678-4561. <https://doi.org/10.1590/1413-81232021264.09642019>

OS SENTIMENTOS DESENVOLVIDOS AO SE REALIZAR EDUCAÇÃO EM SAÚDE: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

*Fernanda Damasceno Silva
João Antônio Maia Freitas
Laura Pereira da Silva Dantas
Raylla Clara de Queiroz Oliveira
Sonnaly Alexandre Pinto
Talina Carla da Silva*

Resumo

A educação em saúde é compreendida como um processo educativo para desenvolver conhecimento, buscando embasar a população sobre temáticas de saúde. Com isso, esse relato tem como objetivo apresentar os sentimentos desencadeados a partir das vivências da educação em saúde realizadas para a disciplina de Estágio Supervisionado I. Trata-se de um relato de experiência, cuja abordagem é qualitativa que visa descrever seis ações, que foram divididas em dois ciclos de educação em saúde. Elas foram realizadas em uma Unidade Básica de Saúde, no município de Pau dos Ferros/RN, pelos discentes da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Durante a vivência foi identificado que a realização de educação em saúde é permeada de desafios e benefícios, sendo as dificuldades relacionadas à estrutura da unidade, não adesão da população, indisponibilidade de data e horário, assim como a dificuldade de readaptar as ações caso necessário. Entretanto, as potencialidades se sobressaem aos desafios, visto que a educação em saúde assume papel de levar conhecimento verídico à população.

Palavras-chave: Educação em saúde; Enfermagem; Ensino; Participação da Comunidade.

Abstract

Health education is understood as an educational process to develop knowledge, seeking to inform the population on health issues. With this, this report aims to present the feelings triggered from the experiences of health education carried out for the subject of Supervised Internship I. It is an experience report, whose approach is qualitative that aims to describe six actions, which were divided into two health education cycles. The same were carried out in a Basic Health Unit, in the city of Pau dos Ferros/RN, by students of the University of the State of Rio Grande do Norte (UERN). During the experience, it was identified that carrying out health education is permeated with challenges and benefits, the difficulties being related to the structure of the unit, non-adherence of the population, unavailability of date and time, as well as the difficulty of readapting actions if necessary. However, the potentialities stand out from the challenges, as health education assumes the role of bringing true knowledge to the population.

Keywords: Health education; Nursing; Teaching; Community Participation.



1 INTRODUÇÃO

A educação em saúde é um processo educativo que tem como finalidade o empoderamento da população através do desenvolvimento de conhecimento, sobre temáticas de saúde (BRASIL,2006). Seabra et al. (2019) reforça que essa educação é um conjunto de práticas que vão permitir maior autonomia aos usuários, para buscarem uma assistência que atenda eficientemente as necessidades.

Na década de 1960 surge a chamada Educação Popular em Saúde (EPS), voltada para promoção, proteção e prevenção através do diálogo entre profissional e usuário, objetivando a liberdade e valorizando os saberes populares, a cultura e os ideais dos sujeitos, concretizando um processo educativo, transformador e participativo (SOUZA; SILVA; BARROS, 2021).

Assim, a EPS proporciona a inclusão por meio de um ensino crítico e humanizado, preocupando-se com o resultado, com a avaliação do usuário e mudanças de hábitos. Contudo, para que a ação seja efetiva, é necessário entender em que contexto está sendo realizada e quais riscos precisam ser transformados, amenizados ou eliminados (CONCEIÇÃO et al., 2020; PEDROSA, 2021).

Entretanto, existem fragilidades para a sua implementação, relacionadas a infraestrutura, condições de trabalho ofertadas pela gestão, material insuficiente, falta de recursos humanos, não adesão da população conjuntamente com o não entendimento da importância das ações, assim como, a responsabilização focada no enfermeiro e na atenção primária (OLIVEIRA; MACHADO, 2020).

Mesmo com as dificuldades vivenciadas na prática de EPS, os profissionais de saúde enxergam esse momento como um espaço de troca de conhecimentos e criação de vínculo com a comunidade. Os sentimentos relatados pelos profissionais são de contribuição para o desenvolvimento da humanização e do pensamento crítico, porém, relacionado aos desafios, é mencionado a falta de motivação, dificuldade de seguir o planejamento estratégico pois quase sempre o que é planejado não consegue ser executado, falta de conhecimento e falta de tempo (CRUZ; SILVA; PULGA, 2020).

Diante do exposto, vê-se que alguns desses entraves são bem presentes na realidade. Dessa maneira, a introdução da educação em saúde desde a graduação é uma forma de despertar nos profissionais o interesse para sua implementação.

Com isso, o estudo justifica-se pela importância de discutir a experiência de educação em saúde no ensino de enfermagem, além de proporcionar reflexões dos benefícios e entraves encontrados durante este processo. Portanto, o objetivo deste estudo é apresentar os sentimentos desencadeados a partir das vivências da educação em saúde realizadas para a disciplina de Estágio Supervisionado I.

2 METODOLOGIA

Trata-se de um relato de experiência de abordagem qualitativa que visa descrever seis ações, divididas em dois ciclos de educação em saúde. No primeiro ciclo teve como população alvo as mulheres grávidas, já no segundo, os Agentes Comunitários de Saúde. Elas foram realizadas em uma Unidade Básica de Saúde, no município de Pau dos Ferros/RN, por graduandos de enfermagem, durante os meses de junho a setembro de 2022, para fins avaliativos da disciplina de Estágio Supervisionado I, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).

A coleta de dados iniciou na identificação das demandas da comunidade adstrita, para posteriormente traçar as ações. Isso foi feito por meio de uma captação da realidade, visto ser uma metodologia que prepara para enfrentar os desafios, além disso, contribui para a construção de um olhar holístico e atento às necessidades da população (WEBER, 2019).

Durante a captação foi identificado uma Unidade de Saúde pequena, com atendimento mais focado em demanda espontânea e contendo atendimento no período da noite. A população da área era predominantemente idosa e a enfermeira relatou como principais demandas o exame citopatológico e o pré-natal. Com isso, analisando as possibilidades para realizar as ações, optou-se por criar um grupo de gestantes, intitulado como “mãe na real”.

2.1 ATIVIDADES DO 1º CICLO

A primeira ação ocorreu no dia 21/07/2022. Constituiu-se em uma entrega de convites em domicílio das gestantes, juntamente com os Agentes Comunitários de Saúde (ACS). Já aproveitamos a oportunidade para esclarecer a importância de participar de grupos de educação.

No segundo momento foi desenvolvida a ação “chegou a hora, e agora?” que teve como objetivo esclarecer as dúvidas das mães a respeito do parir e proporcionar maior segurança quanto aos sinais do trabalho de parto, assim como, os seus direitos e escolhas. Foi conduzido em modo de roda de conversa, na referida UBS, no dia 27/07/2022, com esclarecimento de dúvidas e trocas de experiências. Neste dia compareceram quatro gestantes, onde duas eram mães de primeira viagem e as outras duas múltíparas, que contribuíram com relatos de parto normal e cesárea. Por fim, foram apresentados métodos não farmacológicos para alívio de dor através de demonstrações de massagem e exercícios. Ao final, foi relatado pelas participantes que o encontro sanou as dúvidas e confortou quanto aos medos e inseguranças, confirmando presença no próximo encontro.

Na terceira ação "Puerpério: as dores e a delícia de ser mãe", no dia 03/08/2022, objetivou discutir sobre o período pós-parto, alterações físicas e psicológicas e cuidados com o recém-nascido, por meio de uma roda de conversa e momento dinâmico com o bingo. No entanto, inicialmente não compareceu nenhuma das gestantes, fazendo com que fosse preciso readaptar para os ACS presentes na unidade. Contudo, quando já havíamos iniciado, chegou uma gestante, fazendo com que tivéssemos que direcionar a ação para ambos os públicos. Como não tinha participantes suficiente, não foi possível realizar o bingo, sendo destinado o prêmio a única grávida que compareceu.

Imagem 1: Ações com as gestantes



Fonte: Arquivo pessoal, 2022.

2.2 Atividades do 2º ciclo

Após análise do primeiro ciclo (3 primeiras ações), uma discussão grupal fez chegar a uma decisão de trocar o grupo alvo das ações, visto a não adesão das gestantes, que foi justificado por empecilhos como o estabelecimento de datas e horários compatíveis a rotina do serviço e dos usuários, além da estrutura, que foi vista como impedimento para trazer a comunidade para os encontros. Dessa forma, os ACS foram escolhidos para dar continuidade às ações, visando levar educação em saúde para uma classe trabalhadora, assim como, enxergando a potencialidade deles replicarem esses conhecimentos posteriormente.

Apesar dos ACS estarem presentes todos os dias na unidade, as demandas do trabalho, juntamente com a não concordância de horários e contratempos, foram impasses para a realização das atividades, impedindo sua efetivação nos dias previstos. Devido a essas questões, as duas primeiras ações ocorreram no dia 24/08/2022 em duas etapas. O primeiro momento “ACS na ação da educação”, buscou despertar a importância da educação em saúde durante as visitas domiciliares, sendo debatido a necessidade dessa prática, bem como, meios de realizá-la. Na segunda etapa, após o intervalo, foi discutido sobre “Trabalhar sim, adoecer não”, buscando refletir sobre a importância do uso de equipamentos de proteção e os riscos ocupacionais.

Em ambos os momentos, a sala foi organizada em roda de conversa, contendo momentos dinâmicos, como a realização de uma dramatização, onde os ACS encenaram como realizam a educação em saúde com a comunidade e o jogo “Que risco sou eu?” referente ao segundo tema, onde eles tiveram que adivinhar através de dicas que tipo de risco (físico, químico, biológico, acidentes e ergonômicos) estava exposto em sua frente.

Por fim, a última ação foi no dia 01/09/2022, onde abordou-se a doença Monkeypox, a pedido dos ACS, expondo a patologia, seu contexto histórico, conceituação, sinais e sintomas, condutas e modos de prevenção. Tais assuntos foram guiados por meio de um “bingo da saúde”, onde cada número sorteado correspondia a uma pergunta. A cada rodada havia a explicação do conteúdo baseado na pergunta e uma discussão sobre a resposta correta para ela, após identificado a solução do questionamento, os ACS buscavam marcar em suas cartelas as respostas comentadas. Ganhava o bingo quem preenchesse a cartela primeiro.

Imagem 2: Ações com os ACS



Fonte: Arquivo pessoal, 2022.

3 RESULTADOS

A partir da realização das ações nos dois ciclos, foi identificadas dificuldades para o seu manejo. Tais problemáticas foram responsáveis pelo desencadeamento de sentimentos iniciais, e a princípio vistos de forma negativa. Conforme estão apresentados no quadro 1:

Quadro 1 – Desafios e sentimentos desencadeados durante a educação em saúde

Desafios	Sentimentos
Infraestrutura - Espaço pequeno	Limitação
Escolha do público-alvo	Medo e insegurança
Não adesão do público-alvo	Insatisfação e desmotivação
Constante readaptação	Frustração, exaustão e incertezas
Horários e datas	Estresse
Troca do público-alvo	Insegurança, decepção, receio e dúvidas.

Fonte: autoria própria, 2022.

Dessa maneira, compreende-se que as experiências proporcionadas com a implementação de educação em saúde geraram frustrações, porém, esses acontecimentos nos despertaram a motivação para encarar as adversidades, adquirindo a capacidade de ressignificar todos os momentos que a educação em saúde é capaz de proporcionar.

Assim, a superação e os meios encontrados para dar continuidade a educação em saúde, proporcionou sentimentos considerados bons, conforme explicitado no quadro 2:

Quadro 2 - Sentimentos despertados após superação dos desafios.

Conquistas	Sentimentos
Vínculos com os participantes e comunidade	Confiança e bem-estar
Sucesso das ações mesmo após os desafios	Alívio e felicidade
Desenvolvimento de conhecimentos, habilidades e competências durante as ações	Confiança e alegria
Conclusão das ações, alcance dos objetivos com um bom feedback	Entusiasmo, motivação e orgulho

Fonte: autoria própria, 2022.

4 DISCUSSÃO

Ao analisar o desenvolvimento das intervenções realizadas, torna-se importante enfatizar o uso das ferramentas, como a captação da realidade e o planejamento estratégico situacional (PES). No que tange a primeira fase, a captação da realidade objetiva consiste em compreender determinado fenômeno desde sua gênese até como se insere e se reproduz na sociedade. Após isso, ocorre a interpretação dos dados e por fim, a proposta de intervenção para superar o problema encontrado ao longo da observação (EGRY, 2018).

Destarte, o PES foi essencial para garantir uma melhor qualidade na realização das atividades, constituindo-se de um método que pode ser dividido em 4 fases: momento explicativo, sendo a descrição dos problemas, causas, origens e consequências; momento normativo, onde são construídos os cenários, prazos e

metas; momento estratégico, onde é avaliada se as soluções propostas são viáveis e quais seus impactos para os atores envolvidos, e por fim, o momento tático-operacional, com enfoque na realização das ações e reavaliação do plano (LIMA et al, 2019; MENESES et al, 2019).

Então, uma grande dificuldade foi a mudança de público após um momento de reavaliação do plano, que de acordo com Egry (2018), consiste em uma reinterpretação da realidade objetiva, etapa em que se avalia o sucesso das ações desenvolvidas e analisa a necessidade de adequações.

O fato de saber distinguir o que deve permanecer e o que deve ser alterado durante as ações, possui um certo grau de complexidade. Isto foi evidenciado ao longo da experiência na necessidade de mudar o público, pois a mudança de cenário implicou na inserção em uma nova realidade que requer outras abordagens e planos, gerando dúvidas quanto ao sucesso desse novo ciclo e ainda, decepção por acharmos não ter conseguido atingir as necessidades das gestantes.

Além disso, embora a educação em saúde seja de extrema importância para a autonomia do sujeito, com frequência, ela se encontra como refém de problemas relacionados à infraestrutura, como espaços inadequados para comportar o público e proporcionar um adequado acolhimento (BARBOSA, 2010).

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (2008), a infraestrutura inadequada dos serviços que se refere à atenção primária à saúde é um dos principais problemas relacionados à atenção à saúde pública, visto que esses são fatores que impactam diretamente na prestação de serviços e nas emoções de profissionais. Pois Villas Bôas, Araújo e Timóteo (2008), mencionam que isto resulta em prejuízos tanto na autonomia das equipes, quanto no processo de trabalho dos profissionais que tentam implementar as ações educativas.

Assim como traz Moutinho, Cinara e Botelho (2014), os problemas com a estrutura física ainda estão presentes em algumas UBS, que frequentemente dispõe de espaços inadequados para comportar muitas pessoas. Em nossa realidade, o local utilizado para as ações foi a sala dos ACS, que apesar de não ser o mais adequado, era a melhor opção disponível, esse fato acabou gerando insegurança e medo, pois receamos que não fosse suficiente para comportar o público, ou ainda, que eles não ficassem confortáveis.

Mais uma dificuldade encontrada refere-se ao que Brito, Mendes e Santos Neto (2018) identificaram, que é a não participação da comunidade nas ações de educação em saúde. Com isso, a baixa adesão dos indivíduos durante as implementações, pode ser uma consequência da expressiva demanda curativista, além do não entendimento dos profissionais da importância da educação em saúde, bem como, não saber identificar as reais necessidades e assim envolver a comunidade nas ações (CRUZ; SILVA; PULGA, 2019).

Outrossim, a pandemia da Covid-19 proporcionou o distanciamento da atenção primária, pois durante esse período as ações de educação em saúde foram pausadas, refletindo na dificuldade de voltar com essas atividades. Outro fato a ser atribuído a falta de adesão é a escassez de políticas de fortalecimento a promoção a saúde, que quando são implementadas ocorrem de forma pontual (MOREL, 2021; MARTINS, 2019).

Como discute Vasconcelos, Grilo e Soares (2009), criar um grupo educativo é um desafio, tanto em aspectos de quantidade, como em participação, número de participantes, e qualidade, pois a efetividade e participação ativa dos usuários ainda é muito escassa. Mas, ainda que esse seja um significativo obstáculo, ele deve ser superado através de planejamento e persistência. Durante as nossas ações, também podemos vivenciar a falta de adesão, o que despertou a sensação de não atingir o objetivo idealizado, desmotivação e insatisfação com o trabalho. Porém, ficou nítido que esse sentimento era advindo do não conhecimento real das dificuldades encontradas durante o caminho do educar, pois iniciamos o estágio com uma idealização utópica da necessidade de realizar ações para um público maior, o que foi desmistificado após a nossa inserção na realidade, nos fazendo entender que a educação em saúde quando destinada a uma pessoa, já deve ser valorizada, pois o quantitativo não necessariamente será indicativo do sucesso ou falha de uma ação, pois tudo dependerá do contexto ao qual isso ocorre.

Outro ponto a ser discutido e apontado por Ferrarresso e Codato (2021) é a adequação de horários, sendo presente para todos os envolvidos, sejam profissionais ou usuários. Isso foi confirmado durante nossas ações, que por termos aula em período integral, tínhamos disponíveis para realização da ação somente os dias que a disciplina disponibilizava, motivo que impossibilitou pactuar antecipadamente dias e horários que fossem mais adequados para os usuários comparecerem às ações. Dessa forma,

julga ser esse empecilho, um dos motivos para a não adesão do público e para manifestação de sentimentos como estresse, pois o instante de acordar um momento adequado para todos, sempre era cercado de aborrecimentos.

Por fim, observou-se a necessidade de constante readaptação, já que o que foi idealizado inicialmente precisava se adequar a realidade do serviço e suas necessidades. Nessa perspectiva, partir das gestantes para os ACS, fez com que o que estava sendo trabalhado inicialmente com as grávidas fosse mudado para temas relacionados ao trabalho dos ACS, com objetivo de dar autonomia e conhecimento às suas vivências. Assim como Moutinho, Cinara e Botelho (2014) refere em seu estudo, essa foi uma experiência que acabou gerando frustração, bem como, exaustão e incertezas sobre a eficiência do novo ciclo, pois estávamos diante de uma nova situação, com novas pessoas e com algumas problemáticas semelhantes ao do grupo de gestantes e com isso o medo de não realizar as atividades de forma efetiva causou inseguranças e exaustão durante os dois ciclos.

Contudo, é importante ressaltar que, embora a dinâmica da disciplina tenha imposto limitações, os profissionais não devem se prender a quantidade de pessoas que comparecem a uma ação, cabendo a ele persistir e valorizar seu esforço desde a construção, até o resultado, pois todo o caminho percorrido deixa alguma forma de contribuição, seja ela ao profissional, serviço ou comunidade.

Dado o exposto, como cita Oliveira e Gonçalves (2004) em seu relato de experiência realizada em uma escola pública estadual no município de Manacapuru-Amazonas, ao encerrar as ações, foi notório a criação de vínculo com os participantes, o sucesso das ações, o desenvolvimento de conhecimentos, habilidades e competências no decorrer da vivência e a conclusão das ações de forma bem sucedida, trazendo sentimento de alívio pelo dever cumprido e felicidade por saber que apesar dos empecilhos, as ações foram exitosas e foi possível realizar o que foi proposto. Concluindo que os dois ciclos se tornaram proveitosos, trazendo orgulho pelos feedbacks positivos advindos dos participantes.

5 CONCLUSÃO

Com isso, a vivência da educação em saúde e o diálogo que ela dispõe, foi vista como um importante recurso para desenvolver conhecimentos e habilidades, entre

elas, a da escuta qualificada. Dessa maneira, a inserção da teoria e prática desde a formação, causa vínculo com a comunidade e humanização da classe, assim, o incentivo dessa prática a partir da graduação, fortalece sua realização nos serviços.

A sua implementação, por envolver uma série de desafios, que por vezes fogem do controle e das possibilidades de resolução idealizadas, refletem em sentimentos que podem interferir na realização, ou não, dessas atividades nos serviços de saúde. Sendo assim, essa experiência foi relevante para conhecermos de perto os desafios e os sentimentos que influenciam na educação em saúde, assim como, compreender um pouco mais de como é essa realidade e a forma que ela se reproduz nos mais diversos cenários.

Por fim, após a análise e entendimento sobre os reais processos que envolvem educação em saúde, notamos que os desafios que nos proporcionaram sentimentos pessimistas inicialmente, foram os mesmos que nos fizeram amadurecer e aprender as formas de superar os obstáculos. Tendo isso em vista, as dificuldades de implementação ajudaram a desenvolver habilidades e competências essenciais para o processo ensinar, como criatividade, capacidade de planejamento, readaptação e desenvoltura para o desempenho das atividades.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, A. C. Q. Saúde da família no Brasil: situação atual e perspectivas, estudo amostral 2008. Belo Horizonte: **Faculdade de Ciências Econômicas/UFMG**, 2010. Mimeografado.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Área Técnica de Saúde da Mulher. **Pré-natal e Puerpério: atenção qualificada e humanizada – manual técnico**. Brasília: Ministério da Saúde, 2006.

BRITO, G. E. G. de; MENDES, Antonio da Cruz Gouveia; SANTOS NETO, Pedro Miguel dos. O trabalho na estratégia saúde da família e a persistência das práticas curativistas. **Trabalho, Educação e Saúde** [online]. 2018, v. 16, n. 3

CONCEIÇÃO, D. S.; VIANA, V. S. S. BATISTA; A. K. R.; ALCÂNTARA, A. dos S. S.; ELERES, V. M.; PINHEIRO, W. F.; BEZERRA, A. C. P.; VIANA, J. A. A Educação em Saúde como Instrumento de Mudança Social / Health Education as an Instrument for Social Change. **Brazilian Journal of Development**, [S. l.], v. 6, n. 8, p.

CRUZ, P.; SILVA, M. R. F. da; PULGA, V. L. A Educação Popular Em Saúde Na Atualidade: Os Caminhos e os Desafios de Seu Grupo Temático na Associação Brasileira de Saúde Coletiva (Abrasco). Universidade Federal da Paraíba. **Revista Temas em Educação**, v. 28, n. 1, p. 138, 2019.

EGRY, E. Y. et al. Enfermagem em Saúde Coletiva: reinterpretação da realidade objetiva por meio da ação praxiológica. **Rev Bras Enferm** [Internet]. 2018;71(Supl 1):710-5.

FARIA, H. P. et al. Processo de trabalho em saúde. Belo Horizonte: Nescon/UFMG, **Coopmed**, 2009 (Caderno de Estudos do Curso de Especialização em Atenção Básica em Saúde da Família).

FERRARESSO, L. F. O. T; CODATO, L. A. B. Aprendizados e reflexões advindos de atividade extensionista de educação em saúde em centros de educação infantil. **Revista Ciência Plural**, v. 7, n. 2, p. 132-148, 2021.

LIMA, F. F. F. et al. Planejamento estratégico situacional em uma instituição psiquiátrica: contribuições e desafios. **Rev Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog**. 2019;15(2):20-28.

MENESES, M. O. et al. O planejamento estratégico situacional como ferramenta de gestão na atenção primária em saúde. **Brazilian Journal of Surgery and Clinical Research**, v. 28, n. 4, p. 13-16, 2019.

MOREL, A. P. M. Negacionismo da Covid-19 e educação popular em saúde: para além da necropolítica. **Trabalho, Educação e Saúde** [online]. 2021, v. 19, e00315147.

MOUTINHO, Cinara Botelho et al. Dificuldades, desafios e superações sobre educação em saúde na visão de enfermeiros de saúde da família. **Trabalho, Educação e Saúde** [online]. 2014, v. 12, n. 2 [Acessado 27 setembro 2022], pp. 253-272. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1981-77462014000200003>>. Epub 23 maio 2014. ISSN 1981-7746.

OLIVEIRA, S. F. de; MACHADO, Flávia Christiane de Azevedo. Percepção dos profissionais da estratégia saúde da família sobre processos educativos em saúde. **Rev. Ciênc. Plur**, p. 56-70, 2020.

PEDROSA, J. I. dos S. A Política Nacional de Educação Popular em Saúde em debate: (re) conhecendo saberes e lutas para a produção da Saúde Coletiva. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação** [online]. 2021, v. 25

PULGA, V. L. **Educação Popular, Equidade e Saúde - Dispositivos pedagógicos e práticas lúdicas de aprendizagem na saúde: a caixa de ferramentas nas relações de ensino e aprendizagem**. 1^a ed. Porto Alegre: rede reunida, 2020. 307 p.

SEABRA, Cícera Amanda Mota et al. Educação em saúde como estratégia para promoção da saúde dos idosos: Uma revisão integrativa. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, v. 22, 2019.

SOUZA, E. M. de; SILVA, D. P. P.; BARROS, A. S. de. Educação popular, promoção da saúde e envelhecimento ativo: uma revisão bibliográfica integrativa. **Ciência & Saúde Coletiva [online]**. 2021, v. 26, n. 4.

VILLAS BÔAS, Lygia M. F. M.; ARAÚJO, M. B. S.; TIMÓTEO, R. P. S. A prática gerencial do enfermeiro no PSF na perspectiva da sua ação pedagógica educativa: uma breve reflexão. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 4, p. 1.355-1.360, 2008.

WEBER, L. C. et al. Metodologias ativas no processo de ensino da Enfermagem: **Revisão Integrativa**, 2019.

PRIMEIROS SOCORROS EM CRISE CONVULSIVA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DE EDUCAÇÃO POPULAR EM SAÚDE COM ESCOLARES

*João Batista de Almeida Filho
Maria Marlinda de Almeida
Palmyra Sayonara de Góis
Vanessa Carolina Maia Bento*

RESUMO

O objetivo deste artigo é relatar a experiência de EPS desenvolvida com escolares, ancorada no PSE, sobre a temática de Primeiros Socorros em crise convulsiva. Este estudo foi proposto pelo componente curricular Estágio Curricular Supervisionado II, do curso de graduação em enfermagem da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Trata-se de um estudo descritivo de abordagem qualitativa, na modalidade de relato de experiência. Para coleta de dados e informações utilizou-se três instrumentos, a captação da realidade, um roteiro norteador e um questionário. Para a realização da EPS utilizou-se recursos materiais (confecção de banner), audiovisuais (vídeos) e simulação realística/encenação com os escolares e slide norteador. A implementação foi dividida em quatro momentos: 1º momento: quebra-gelo; 2º momento: pergunta disparadora, vocês já presenciaram uma crise convulsiva ou já ouviram falar? No 3º momento: a exposição do vídeo sobre tipos de crises epiléticas e simulação realística de dois casos convulsivos, por último, avaliação dos escolares sobre a relevância do tema proposto. Foi perceptível a importância e a necessidade de atividades voltadas para educação em saúde nas escolas, de modo a desenvolver a EPS com os escolares, permitindo que todos os participantes construam novos conhecimentos a partir do diálogo, da escuta, da troca de saberes e de vivências e, por promover a construção de habilidades e competências aos futuros trabalhadores de saúde e enfermagem.

Palavras-chave: Educação em Saúde; Saúde na Escola; Enfermagem; Primeiros Socorros; Convulsão.

ABSTRACT

The objective of this article is to report the experience of EPS developed with schoolchildren, anchored in the PSE, on the theme of First Aid in seizures. This study was proposed by the curricular component Supervised Curricular Internship II, of the undergraduate nursing course at the University of the State of Rio Grande do Norte. This is a descriptive study with a qualitative approach, in the form of experience reporting. For data and information collection, three instruments were used: the capture of reality, a guiding script and a questionnaire. Material resources (banner making), audiovisual (videos) and realistic simulation/staging with the students and guiding slide were used to carry out the EPS. The implementation was divided into four moments: 1st moment: icebreaker; 2nd moment: triggering question, have you ever witnessed a seizure or heard about it? In the 3rd moment: the exhibition of the video on types of epileptic seizures and realistic simulation of two convulsive cases, finally, the evaluation of the students on the relevance of the proposed theme. The importance and need for activities aimed at health education in schools was perceptible, in order to develop EPS with students, allowing all participants to build new knowledge from dialogue, listening, exchange of knowledge and experiences. and, by promoting the construction of skills and competences for future health and nursing workers.

Keywords: Health Education; Health at School; Nursing; First aid; Convulsion.



1 INTRODUÇÃO

O presente estudo trata-se de uma experiência vivenciada por graduandos do curso de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, que teve como propósito trabalhar atividades de Educação em Saúde, através do Programa Saúde nas Escolas (PSE), onde tivemos a oportunidade de compartilhar saberes com os escolares, construir novos conhecimentos a partir da relação dialógica entre os participantes, sob os princípios e diretrizes da Educação Popular em Saúde (EPS).

A EPS é marcada pelas práticas que são desenvolvidas dentro do contexto do Sistema Único de Saúde (SUS), com isso o seu exercício da prática pressupõe, abertura e disponibilidade para ouvir o outro dentro da horizontalidade, da relação interpessoal e na ação educativa em si, pois o ato participativo é humanizante (ALVIM; FERREIRA, 2007). Portanto, é considerada como um novo modo de fazer saúde, tendo como centro da atenção os usuários/comunidade.

Dessa forma, são construídos novos paradigmas nos quais a percepção, o conhecimento e a subjetividade dos sujeitos estão no mesmo nível de importância do conhecimento/saber técnico (CAPRARA; FRANCO, 2006). É um saber importante para a construção da participação, servindo não apenas para a criação de uma nova consciência sanitária, como também para uma democratização mais radical das políticas públicas (OMS, 2007).

As atividades de educação em saúde apresentam-se como uma potente ferramenta para compartilhar experiências, além de debater conceitos e ideias, produzindo uma troca de conhecimentos entre a comunidade e os acadêmicos. As ações educativas incentivam a prevenção de doenças e a promoção da saúde, visando à participação da população em conteúdos relacionados à saúde e qualidade de vida (VASCONCELOS, 2009).

No Brasil, o PSE foi instituído em 2007 e integra uma política de governo voltada à intersetorialidade que atende aos princípios e diretrizes do Sistema Único de Saúde (SUS): integralidade, equidade, universalidade, descentralização e participação social. Propõe-se a ser uma nova representação da Política de Educação em Saúde como parte de uma concepção ampla na promoção e a articulação de saberes e a participação de alunos, pais, comunidade escolar e sociedade em geral, ao tratar a saúde e educação de forma integral (BRASIL, 2018).

A Política Nacional de Promoção da Saúde (PNPS) entende a intersetorialidade como uma articulação dos diferentes cenários setoriais que propõe pensar na questão complexa da saúde, comprometendo-se na garantia da saúde dos indivíduos. Nesse sentido, a saúde e a educação são termos interligados, assim visam à prevenção, promoção da saúde nos diferentes contextos sociais e seus determinantes. Ambas constituem um percurso para o compromisso de ofertar uma boa qualidade de vida à população, já que o processo de adoecimento é decorrente de múltiplos fatores e para prevenir se faz necessária a participação de todos os setores da sociedade (BRASIL, 2009).

As ações do PSE devem atender os princípios e as diretrizes do SUS e articular-se com a rede pública básica de ensino. Em consonância com o decreto n. 6.286, foi estabelecido desde os cuidados básicos até ações que terão consequências cotidianas na escola, como a promoção e a avaliação de hábitos saudáveis; promover uma avaliação psicossocial; redução da morbimortalidade por acidentes e violências; prevenção e a redução do consumo do álcool; além da prevenção do uso de drogas; promoção da saúde sexual e da saúde reprodutiva; contribuir para uma educação permanente em saúde; promoção da cultura da prevenção no âmbito escolar; com isso incluir temáticas de educação em saúde no projeto político-pedagógico das escolas (BRASIL, 2007, 2009).

O ambiente escolar abrange uma quantidade significativa de alunos, os quais passam boa parte da semana nesses espaços. Daí a necessidade de serem trabalhados temas voltados para a promoção e prevenção de agravos, ou seja, é o espaço adequado para proporcionar o conhecimento que ultrapassam as barreiras intra/extraescolar, visando às necessidades humanas e pessoais dessa comunidade.

Tendo em vista a carência de temas voltados para debates na área da saúde no espaço escolar, buscou-se trabalhar a temática de primeiros socorros voltados para convulsão, uma vez que, houve precisão de se trabalhar o tema frente a casos ocorridos na instituição de ensino. Dessa forma, primeiros socorros é definido como o contato inicial de ajuda prestada por uma pessoa a vítima de trauma ou mal súbito. Sua finalidade é manter as funções vitais e evitar uma piora nas condições que se apresentam, aplicando técnicas até a chegada de uma ajuda especializada (OLIVEIRA, 2016). São condutas iniciais que qualquer pessoa, mesmo não sendo um profissional

pode realizar, com o objetivo de ajudar indivíduos em risco de morte. (NETO et al, 2017).

Sendo assim, deve-se educar a população, visando minimizar potenciais danos à saúde da vítima. As informações de como agir corretamente frente essas situações, devem ser divulgadas, trazendo segurança e conhecimento para que a população possa agir corretamente, nos momentos de espera da ajuda especializada.

A educação em saúde nos espaços escolares torna-se então crucial para que os desfechos sejam positivos, frente a essas situações (NETO et al, 2017). Habilitar crianças e adolescentes para o conhecimento de técnicas de primeiros socorros. Ressalta-se o quanto é importante à colocação desse tema nas escolas, devido ao fato de que as crianças/adolescentes podem ser consideradas agentes detentoras e disseminadoras de conhecimento, das técnicas corretas em situações de emergência (MESQUITA et al, 2017). Saber como auxiliar em uma crise convulsiva possibilita a preservação da vida e possíveis traumas relacionados ao evento.

A convulsão é definida como um aumento excessivo da atividade elétrica neuronal do cérebro. Essa alteração gera sinais e sintomas involuntários e súbitos, tais como, mudanças na consciência, ou eventos motores, sensitivos/sensoriais, autonômicos ou psíquicos (BRASIL, 2018). Devido ao comprometimento de inibição-excitação, ocorre o que denominamos convulsão. Dependendo do local de origem no encéfalo, podemos classificá-las em: focais ou parciais, quando a atividade elétrica atinge apenas um hemisfério cerebral e generalizado, quando se estendem para os dois hemisférios.

Há uma distinção da crise convulsiva que pode ser desencadeada por: hipocalemia, diabetes, hipoglicemia etc., causando contrações musculares involuntárias enquanto a crise epiléptica é uma desordem neurológica que aumenta a probabilidade de crises convulsivas de maneira persistente (HONJOYA, 2017).

Sendo assim, o objetivo deste artigo é relatar a experiência de EPS desenvolvida com escolares, ancorada no PSE, sobre a temática de Primeiros Socorros em crise convulsiva.

2 METODOLOGIA

O presente estudo de caráter descritivo utiliza-se de uma abordagem qualitativa.

Para coleta de dados e informações utilizou-se três instrumentos - a captação da realidade objetiva, um roteiro norteador e um questionário.

Na captação da realidade foram identificados a estrutura física e organizacional da instituição de ensino (IE). O roteiro norteador deu suporte ao diálogo com a coordenação pedagógica e o questionário foi utilizado para identificar as principais necessidades e dificuldades de saúde evidenciadas pelo corpo docente e pelos escolares.

Após esse levantamento, percebeu-se que, em todos os grupos – Coordenação Pedagógica, docentes e escolares, enfatizaram a importância da necessidade de se estar capacitado para intervir corretamente em situações de convulsão, já que era uma realidade naquela IE.

Para a realização da EPS utilizou-se recursos materiais para a confecção de banner, recursos audiovisuais, com uso de vídeos e simulação realística/encenação com os escolares e slide norteador.

As autoras confeccionaram ainda uma produção técnica, em formato banner, que foi entregue e deixado à disposição da escola após a realização da EPS. O banner foi intitulado de Primeiros Socorros: Como atuar diante de uma crise convulsiva? e ficou exposto na IE, para consulta e divulgação, em caso de dúvidas.

3 RESULTADOS

A atividade de educação em saúde foi dividida em quatro momentos: 1º momento: quebra-gelo, apresentação dos estagiários, escolares, professor da IE e do tema que seria abordado; 2º momento: iniciado com uma pergunta disparadora, 3º momento: foi realizada exposição do vídeo sobre os tipos de crises epiléticas (Tônico-clônica generalizada, mioclônica, crise de ausência e atônica) e simulação realística de dois casos epiléticos, por último, o 4º momento o de avaliação, por parte dos escolares, onde se avaliou o tema proposto e o aprendizado construído entre autores/estagiários e escolares.

O 1º momento, chamado de quebra-gelo, ocorreu da seguinte forma: Foi realizada a apresentação dos estagiários, da professora orientadora e dos escolares. Em seguida, os escolares se identificaram por nome e cidade. Posteriormente, foi lançada a pergunta disparadora da discussão: Alguém de vocês já presenciou ou já ouviu falar sobre crise convulsiva?

Essa pergunta objetivou captar o conhecimento prévio sobre o tema, oportunizar as falas dos participantes e escutar e valorizar os diálogos e as vivências trazidas pelos escolares.

Partes dos alunos relatou já ter presenciado uma crise convulsiva em familiares, dentro do ambiente doméstico, no ambiente escolar e com pessoas próximas à sua realidade. Foram relatados, pelos escolares, sentimentos de aflição, insegurança e medo por não saber lidar diante da situação.

Houve também relato de conhecimento de primeiros socorros por parte de um escolar que havia realizado um curso de primeiros socorros, enriquecendo o debate e a curiosidade por mais informações, promovendo um diálogo entre os saberes ali existentes.

Durante a discussão foram expostas várias dúvidas, como por exemplo: o que seria a “espuma” que saía da boca de uma pessoa durante a crise convulsiva, se era contagiosa, se poderia colocar o dedo na boca para evitar que a pessoa ficasse sufocada, se toda febre alta poderia desencadear uma crise, se era certo “chacoalhar” a pessoa durante a crise ou se poderia ofertar água durante o episódio convulsivo.

Na ocasião foi esclarecida que a espuma nada mais é do que a saliva em excesso, motivada pela contração involuntária dos músculos, ocasionando a grande produção das glândulas salivares e que não se trata de algo contagioso.

Frisou-se que, durante a crise convulsiva não se deve inserir o dedo na boca da pessoa assistida, pois as contrações musculares durante a crise são fortes e, assim, pode ocorrer alguma lesão em quem presta os primeiros socorros naquele momento. Dialogou-se ainda sobre a não necessidade de impedir os movimentos da vítima, apenas se verificar que nada ao redor irá machucá-la e, por isso, é importante afastar objetos perfurocortantes, contundentes e que ofereçam algum risco naquele momento.

Continuando a discussão, utilizou-se como recurso complementar um vídeo. Ele abordava os tipos de crises epiléticas como - Tônico-clônica generalizada, mioclônica, crise de ausência e atonia. Após a sua exibição discutiu-se as formas como

ocorrem às crises, muitas delas desconhecidas pelos escolares. As formas mais visualizadas e identificadas por eles eram a crise convulsiva de forma clássica, com convulsões musculares e espasmódicas, e a de origem febril. O que instigou ainda mais o interesse dos escolares durante a EPS.

Ainda na discussão, outra estratégia metodológica utilizada foi à simulação realística/encenação. Os alunos simularam dois episódios: um de crise epiléptica e uma crise de ausência. Diante dos casos, os escolares voluntários foram chamados para demonstrar como agir perante a vítima em cada um dos episódios.

No caso 1, J. M. S, 16 anos, cai de olhos abertos, fica roxo, espuma pela boca e tem uma contratura abrupta involuntária de todos os músculos e, no caso 2, R. S. A, 12 anos, tem perda de consciência, olhar vago e fixo para o espaço, por cerca de 10 a 30 segundos, retorna ao estado normal de consciência.

Posteriormente abriu-se para a fala dos escolares objetivando saber se os voluntários tinham realizado corretamente os primeiros socorros. As respostas foram divididas, alguns concordaram que a técnica realizada foi correta e, outros fariam diferentes, tentariam acordar a vítima ou entrariam em pânico.

No primeiro caso o voluntário agiu de forma correta, colocando a vítima lateralizada, protegendo a cabeça, afastando objetos que poderiam machucá-la e desapertou a roupa da vítima na região do pescoço.

O segundo caso, que se caracterizou como uma crise de ausência, o voluntário não soube como agir e fez movimentos bruscos, na tentativa de despertar a vítima. Essa ação não é indicada pois, pode ocasionar lesões na vítima.

Logo em seguida foi o momento em que os estagiários simularam como agir em situações de crise convulsiva. Foi simulado e demonstrado o passo a passo da conduta: verbalizou-se a técnica indicada, a necessidade de afastar objetos que estejam próximos à vítima, a importância da lateralização da cabeça, para que não ocorra o retorno da saliva ou de vômito para os pulmões. Evidenciou-se ainda o motivo de não inserir objetos que possam machucar a boca da vítima, assim como a importância de segurar ou proteger a cabeça dela, não impedir seus movimentos involuntários, evitar dar tapas, jogar água ou qualquer substância para acordá-la e, se possível, monitorar o tempo de duração da crise. Caso dure mais que 5 minutos e a pessoa não recuperar a consciência, deve-se acionar ajuda (SAMU).

Para finalizarmos, no quarto momento denominado de avaliação, pedimos aos escolares que avaliassem a EPS e a importância do tema nos mais diversos espaços. Em suas falas, frisaram a necessidade de se trabalhar essa temática, uma vez que, estão susceptíveis a vivenciar tal situação. Pois assim, saberão como realizar os primeiros socorros dentro ou fora do espaço escolar. Relataram a necessidade de abordar outros assuntos dentro da temática de primeiros socorros. Seria interessante ter na grade curricular uma disciplina de primeiros socorros, além de desmistificar mitos como: “apenas pessoas epiléticas tem crises convulsivas”.

Por fim, os agradecimentos, aproveitou-se o momento para falar da produção técnica que foi produzida pelos estagiários e disponibilizada na IE, com informações sobre a convulsão, suas possíveis causas, os mitos e verdades e como prestar os primeiros socorros em uma situação de convulsão, dispondo aos escolares, docentes e servidores um material de apoio para possíveis esclarecimentos.

Diante da realização da ação foi possível analisar que a atividade foi considerada produtiva e geradora de satisfação e conhecimentos. Os participantes demonstraram interesse e conseguiram se expressar, discutir e indagar sobre possíveis dúvidas.

É de fundamental importância destacar que as metodologias ativas são consideradas inovadoras e possibilitam o aprender a aprender, na medida em que estão centradas nos princípios da pedagogia crítica, interativa e reflexiva e que, além disso, as vivências e práticas em educação em saúde devem ser revisitadas sistematicamente, caminhando em direção à uma prática refletida, voltada para as necessidades sociais e ancorada nos princípios da EPS.

4 DISCUSSÃO

Após a finalização das ações em saúde, a partir do referencial do Programa Saúde na Escola (PSE), ficou o sentimento de satisfação e gratidão por ter realizado ações de promoção a saúde. Visto que, o PSE não era presente na instituição de ensino, de acordo com relatos do corpo docente, direção acadêmica e escolares, principalmente no contexto da pandemia COVID-19. O PSE deve ser visto durante todo ano letivo através de ações interdisciplinares de forma contínua entre as secretarias de saúde e educação. O IF mostrou-se disponível para receber outras ações

de Educação em Saúde e disponibilizou os recursos de projeção e áudio necessários para as ações.

A proposta de se trabalhar o PSE ancorado na EPS, rompendo com uma prática tradicional de palestras, em que o escolar é um mero ouvinte, faz com que ele seja um sujeito ativo, crítico/reflexivo, coparticipante durante o seu processo de aprendizagem. Pode-se perceber mediante a participação e articulação dos saberes que o momento foi exitoso para formação dos escolares e estagiários.

5 CONCLUSÃO

A implementação da EPS representou uma ação desafiadora, visto que, ela se contrapõe à educação tradicional, sendo fundamental acreditar na sua possibilidade de transformar práticas de saúde individuais e coletivas, promovendo o diálogo e a construção de saberes, a partir das vivências, do conhecimento prévio e do conhecimento científico.

No que concerne às estratégias metodológicas utilizadas, foi perceptível que o uso de metodologias ativas assume relevante importância nesse processo e contribui para o êxito da ação proposta. A escuta proporcionou a aproximação e facilitou a interação dos escolares, além de abrir possibilidades na construção do conhecimento baseado na troca de experiências, tornando o ambiente colaborativo, acolhedor e empático.

Desse modo, é perceptível a importância e necessidade de atividades voltadas para educação em saúde nas escolas, de modo a envolver os estudantes, permitindo a construção de novos conhecimentos a partir de experiências de Educação em saúde onde o profissional não é o centro da atenção e nem único detentor do saber.

Sendo assim, recomenda-se a utilização dessas estratégias metodológicas em outros momentos, com vistas a dar continuidade às atividades de educação popular em saúde na escola, podendo estas se estender a outros locais de ensino, tais como, serviços de saúde, escolas municipais e estaduais, podendo ainda se apropriar dessas dinâmicas para abordar outros assuntos, além do que foi trabalhado.

O conhecimento acerca da temática possibilitou a construção de uma atividade dialogada, participativa, uma vez que, o tema era de conhecimento da maioria dos

escolares, visto que, já haviam presenciado crises de convulsão na família, em outros espaços, tornando o momento interativo e dinâmico.

Portanto, as técnicas de primeiros socorros podem e devem ser trabalhadas nos espaços educacionais, pois possibilitam aos escolares e educadores conhecer as primeiras noções de prevenção de acidentes e primeiros socorros, e conseqüentemente saber o que fazer em situações emergenciais.

6 REFERÊNCIAS

ALVIM, N. A.T; FERREIRA, M.A. Perspectiva problematizadora da educação popular em saúde e a enfermagem. Rev. Texto Contexto Enferm, p.315-319, Florianópolis, 2007. Disponível em:<<https://www.scielo.br/j/tce/a/WhKfFzs9RjcvftfXCxqdtTQ/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 02 de ago. 2022.

BRASIL. Presidência da República. Decreto nº 6.286, de 5 de dezembro de 2007. Institui o Programa Saúde na Escola – PSE, e dá outras providências. Diário Oficial da União, 2007. Acesso em 14 de ago. de 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. Avaliação e conduta da epilepsia na Atenção Básica e na Urgência e Emergência. Brasília, 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Saúde na escola. Brasília, 2009. (Série B: Textos Básicos de Saúde, Caderno de Atenção Básica. Disponível em:<https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cadernos_atencao_basica_24.pdf>. Acesso em 14 de ago. de 2022.

BRASIL. Política Nacional de Educação Permanente em Saúde: o que se tem produzido para o seu fortalecimento? 1. ed. rev. – Brasília, 2018. Disponível em:<https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_educacao_permanente_saude.pdf>. Acesso em 14 de julho de 2022.

CAPRARA, A; FRANCO, A. L. Relação médico-paciente e humanização dos cuidados em saúde: limites, possibilidades, falácias. In: DESLANDES, S. (Org.). Humanização dos cuidados em saúde: conceitos, dilemas e práticas. Rio de Janeiro: FIOCRUZ; p. 85-108, 2006.

FREITAS, C. M. et al. Uso de metodologias ativas de aprendizagem para a educação na saúde: análise da produção científica. Trab. educ. saúde. v. 13, suppl.2, p. 117-130. 2015 Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-77462015000500117&lng=en&nrm=isso>. Acesso em: 20 ago. 2022.

MESQUITA, et al. Recurso educativo em primeiros socorros no processo ensino-aprendizagem em crianças de uma escola pública. Revista Ciência Plural. v 3 (1). p 35-50. julho. 2017. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/rcp/article/view/11464>>. Acesso em: 27 de jul. 2022.

NETO, N. M. G.; et al. Primeiros socorros na escola: Construção e validação de cartilha educativa para professores. Revista Acta Paul Enferm. Recife. v 30 (1). p 87-93. março. 2017. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ape/v30n1/1982-0194-ape-30-01-0087.pdf>>. Acesso: 27 de jul. 2022.

OLIVEIRA, M. V. R. Primeiros socorros em escolas privadas de educação infantil. Monografia (Especialização em informação científica e tecnológica em saúde) – Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ) e Grupo hospitalar conceição (GHC). Porto Alegre. Dez/2016. Disponível em: <<file:///C:/Users/lab203/Downloads/M%C3%81RCIA-VAL%C3%89RIA-ROSA-DE-OLIVEIRA.pdf>>. Acesso 27 de jul. 2022.

VASCONCELOS, E. M. Educação popular e a atenção à saúde da família: Hucitec, 2009.

RELATO DE EXPERIÊNCIA: EDUCAÇÃO POPULAR EM SAÚDE EM UMA MATERNIDADE DO SEMIÁRIDO NORTE-RIO-GRANDENSE

*Amanda Fernandes dos Santos
Arthur Santiago de Souza Lima
Emilly Souza Leite
Lucylla Rayanne Torres de Almeida
Maria Eduarda Santos Andrade
Rozane Pereira de Sousa*

RESUMO

Objetiva-se relatar a experiência de Educação Popular em Saúde vivida pelos discentes durante as ações da disciplina estágio I, realizadas em uma maternidade do interior do nordeste brasileiro. Trata-se de um estudo descritivo, tipo relato de experiência, que descreve as atividades de intervenção de Educação Popular em Saúde que foram desenvolvidas por acadêmicos de enfermagem da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Por se tratar de um relato de experiência não se faz necessário o parecer de um comitê de Ética em Pesquisa. O estágio demonstrou-se como uma experiência bem desafiadora, porém, apesar dos desafios encontrados, o grupo conseguiu contorná-los e adaptar-se a situação, mesmo que durante as implementações não ocorresse um diálogo satisfatório, a interação com as participantes foi facilitada por meio de métodos mais lúdicos fazendo com que os encontros fossem considerados pertinentes e atingissem os objetivos individuais de cada momento. A realização da Educação Popular em Saúde é de significativa relevância para a saúde da população em geral constituindo-se como uma das principais práticas que possibilitam ao estudante de enfermagem desenvolver suas capacidades de educar e promover saúde por meio do tripé ensino-serviço-comunidade, proporcionando uma formação mais resolutiva e integrada.

Palavras-chave: Educação em Saúde. Enfermagem. Maternidades. Puerpério.

ABSTRACT

The objective is to report the experience of Popular Health Education lived by the students during the actions of the discipline stage I, held in a maternity hospital in the interior of Brazilian northeast. This is a descriptive study of the experience report type, which describes the intervention activities of Popular Health Education that were developed by nursing students of the University of the State of Rio Grande do Norte. Because it is an experience report it is not necessary the opinion of a Research Ethics Committee. The internship proved to be a very challenging experience, however, despite the challenges encountered, the group managed to circumvent them and adapt to the situation. even if a satisfactory dialogue did not occur during the implementations, interaction with the participants was facilitated through more playful methods making the meetings considered relevant and achieving the individual goals of each moment. The realization of Popular Health Education is of significant relevance for the health of the general population constituting itself as one of the main practices that enable the nursing student to develop their capacities to educate and promote health through the tripod teaching-service-community, providing a more effective and integrated formation.

Key Words: Health Education. Maternity. Nursing. Puerperium.



1 INTRODUÇÃO

A educação em saúde é um processo que envolve a população e os profissionais de saúde, de modo que ocorre a interação de métodos pedagógicos e científicos, com a finalidade de transformar comportamentos, contribuir com a construção de conhecimentos do indivíduo, e adquirir capacidade e autonomia nos cuidados (BRASIL, 2014).

As ações educativas até a década de 1970 eram impostas a população de maneira obrigatória, sendo postas como normas de conduta, como o exemplo da vacinação. Assim, houve a insatisfação com esse modelo de saúde, o que desencadeou os movimentos populares, como a revolta da vacina, de maneira a contribuir para uma transformação nesse sistema. Desse modo, com as ideias voltadas ao método de Educação Popular de Paulo Freire, foram pensadas por profissionais de saúde e pela população, novas formas de pensar e fazer saúde, surgindo a educação popular em saúde (EPS) (PINHEIRO e BITTAR, 2017).

Essa educação popular em saúde emergiu para que a população também pudesse contribuir e interagir, de modo a ocorrer uma troca de conhecimentos, contribuindo tanto no âmbito da saúde quanto na vida social. Isso, com o passar do tempo, foi se aprimorando para se construir um sistema de saúde democrático, no qual se valoriza os saberes populares, a produção de saberes e a inserção no Sistema Único de Saúde (PINHEIRO e BITTAR, 2017).

A educação em saúde proporciona aos indivíduos uma melhor qualidade na atenção prestada, de modo que contribui na redução de problemas que podem surgir decorrentes do desconhecimento da população acerca de questões de saúde e assegura o ampliamiento dos serviços. Nesse processo é possível fazer um estímulo para que os indivíduos tenham autonomia dos cuidados, o que proporciona uma facilidade maior para de garantir qualidade de vida (PEREIRA *et al.*, 2020).

Essa abordagem deve estar presente em todas as ações de promoção e prevenção de saúde, devendo haver um destaque para as mulheres em seu ciclo gravídico-puerperal principalmente na atenção básica onde esse processo é mais reforçado, principalmente durante o pré-natal, a fim de ajudar na condução da nova fase da vida, contribuindo assim para a minimização de dificuldades para

desempenhar suas novas atividades no período maternal (PROGIANTI; COSTA, 2012).

Tais ações educativas ampliam os conhecimentos para gestantes e puérperas e abrem as oportunidades para se tirar as dúvidas e proporcionar um ambiente para discussões, com a finalidade de que superem as dificuldades e obtenham maior protagonismo no seu próprio cuidado, pois permite que se tenha uma troca de experiências (CARDOSO *et al.*, 2019).

Desse modo, a educação popular em saúde voltada a puérperas na maternidade é muito importante. Pois, a interação dos profissionais da saúde ou estudantes da área com as puérperas permite que as mulheres, além de conhecerem mais sobre a maternidade, também consigam problematizar, tirar dúvidas, contar relatos e ter em mãos as decisões, de modo a ter autonomia por terem adquirido os conhecimentos necessários (CAETANO, 2018).

No entanto, em grande parte dos casos essas mulheres não recebem essa instrução nos estabelecimentos de saúde e ancoram seu aprendizado nas experiências de familiares, entendendo ser essa a educação para o período gravídico-puerperal, o aprendizado adquirido em casa, transmitido de pais para filhos, havendo assim uma falha nas propostas de educação para esse público (GUERREIRO *et al.*; 2014).

Considerando isso, o grupo propôs a realização de atividades educativas para as puérperas dentro do alojamento conjunto de uma maternidade, para reaproximar as usuárias do serviço da promoção a saúde por meio da EPS baseada em um planejamento estratégico situacional (PES).

Desse modo, o objetivo desse trabalho é relatar a experiência de Educação Popular em Saúde vivenciada pelos discentes durante as ações realizadas em uma maternidade do interior do nordeste brasileiro.

2 METODOLOGIA

Trata-se de um estudo descritivo, tipo relato de experiência, que descreve as atividades de intervenção de educação popular em saúde que foram desenvolvidas por acadêmicos de enfermagem matriculados no componente curricular de Estágio Supervisionado Obrigatório I (ESO I) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).

As atividades descritas nesse relato foram realizadas no período compreendido entre os meses de julho e agosto do ano de 2022. As intervenções de educação propostas para o estágio foram realizadas nos alojamentos conjuntos de uma maternidade localizada no semiárido do estado do Rio Grande do Norte.

As intervenções foram desenvolvidas mediante Planejamento Estratégico Situacional (PES), que objetiva a transformação da realidade por meio de ações elaboradas com base nas características deficientes evidenciadas na fase de captação, utilizando no momento do planejamento de imaginação e criatividade para desenvolvimento das estratégias de ação (GENTILINI, 2014)

As ações educativas foram realizadas com as mulheres que se encontravam em internação pós-parto nos alojamentos conjuntos da maternidade, sendo que suas participações nas atividades se deram de maneira voluntária.

Todas as ações tiveram como base principal a estratégia pedagógica da roda de conversa que é uma dinâmica baseada nos princípios dos “Círculos de Cultura” propostos por Freire, onde ocorrem trocas de experiências e de saberes, favorecendo a participação autônoma do público na atividade, e proporcionando um diálogo com diferentes experiências culturais e de vida a serem respeitadas. A finalidade básica das rodas de conversas é conseguir proporcionar o compartilhamento de conhecimentos entre os mediadores e os participantes (DIAS *et al.*, 2018).

Além disso foram utilizados recursos visuais (Fotos, cartazes) e recursos materiais (Bonecos, seios artificiais, fraldas, banheiras etc.) para facilitar a compreensão das ações, uma vez que tais materiais tornavam o conteúdo das ações mais palpáveis.

Como forma de respeitar os princípios da Resolução do Conselho Nacional de Saúde nº 510/16 (BRASIL, 2016) a instituição de saúde e o município no qual o serviço está localizado não foram identificados. O parecer do Comitê de Ética em Pesquisa não foi necessário, uma vez que o presente trabalho corresponde a um relato de experiência.

3 RESULTADOS

Inicialmente, foi realizada uma captação da realidade do serviço em questão por meio de diálogo com os funcionários e pacientes presentes na ocasião, o foco dessa

ação foi encontrar desafios e potencialidades de melhoria no cenário da maternidade. Nesse momento foi referido pelas puérperas e acompanhantes que o conhecimento que possuíam sobre amamentação e cuidados advinham de experiências prévias, ou passados transmitidas pela própria acompanhante ou por familiares.

Desse modo, as principais fragilidades encontradas com relação às orientações repassadas as pacientes no período pós-parto, referiam-se a temas relevantes, tais como: aleitamento materno; cuidados com a higiene do Recém-Nascido (RN); cuidados a serem tomados no puerpério; orientações com relação à triagem neonatal, vacinação e sua importância.

Cada tema foi então, trabalhado para ser desenvolvido em três Etapas bem definidas dentro do espaço do alojamento conjunto conforme descreve o Quadro 1.

Quadro 1: Detalhamento das etapas das intervenções

<i>Etapas</i>	<i>Descrição da etapa</i>
1 - Apresentação	Destinada ao estabelecimento de vínculo inicial, essa etapa consiste na apresentação da equipe para as participantes e a posterior apresentação delas (Puérperas e acompanhantes). Também é o momento de explicação da proposta para situá-las na ação. A essa etapa são destinados até 5 minutos.
2 - Discussão	Iniciada logo após a apresentação por meio de um questionamento simples, por exemplo “o que vocês entendem por amamentação?” que leva ao início da roda de conversa em que são debatidos os temas da intervenção. A essa etapa são destinados até 25 minutos.
3 - Avaliação	Tem por objetivo avaliar a compreensão das participantes ao final de cada intervenção, consiste em um “jogo” simples que não requer esforço para sua realização, baseado em perguntas de verdadeiro/falso ou no desenvolvimento de listas de prioridade. A essa etapa são destinados até 5 minutos.

Fonte: Autoria própria, 2022.

Desse modo cada intervenção foi planejada para ser um momento dinâmico e enriquecedor, capaz de possibilitar uma troca de conhecimentos e vivências sobre o tema discutido. Os encontros, que aconteciam na quarta-feira pela tarde e na quinta-feira pela manhã, eram supervisionados pela preceptora e docente da disciplina de

ESO I. Vale salientar que a mediação da discussão foi crucial para que a comunicação entre os discentes e as participantes ocorresse de forma mais efetiva.

As intervenções foram divididas em seis encontros que ocorreram em dias diferentes, sendo que cada um deles abordou um único tema principal, conforme o Quadro 2.

Quadro 2: Temáticas das intervenções

<i>Intervenção</i>	<i>Tema central</i>	<i>Data de realização</i>
Intervenção 1	Aleitamento Materno.	27/07/2022
Intervenção 2	Cuidados com a Higiene do Recém-nascido.	28/07/2022
Intervenção 3	A importância da Triagem Neonatal e da Vacinação Infantil	03/08/2022
Intervenção 4	Aleitamento Materno.	17/08/2022
Intervenção 5	A importância da Triagem Neonatal e da Vacinação Infantil	18/08/2022
Intervenção 6	Cuidados com a Mãe no Pós-Parto e Puerpério	24/08/2022

Fonte: Autoria própria, 2022.

Além disso, foram utilizados recursos visuais (Fotos, cartazes) e recursos materiais (Bonecos, seios artificiais, fraldas, banheiras etc.) para facilitar a compreensão das ações, uma vez que tais materiais tornavam o conteúdo das ações mais claro e dinâmico (Quadro 3).

Quadro 3: Recursos materiais utilizados para a realização das intervenções



Fonte: Arquivo pessoal, 2022

Entretanto, realizar educação em saúde também implica em impasses que geram a necessidade de readaptação dos discentes. Nesse contexto, é preciso entender que a implementação das intervenções dependia de diversos fatores, como a disponibilidade e interesse do público-alvo, bem como, da rotina de serviços da maternidade.

4 DISCUSSÃO

O ESO I demonstrou-se como uma experiência bem desafiadora desde seu início para o nosso grupo (Imagem 1), de modo que tivemos que adequar a realização das intervenções em vários momentos, modificando propostas de avaliação ou a forma de abordar cada tema conforme avançava a experiência.

Imagem 1: Grupo de estágio na maternidade



Legenda: Da esquerda para a direita: Arthur Santiago de Souza Lima; Rozane Pereira de Sousa, Emilly Souza Leite, Amanda Fernandes dos Santos, Lucylla Rayanne Torres de Almeida e Maria Eduarda Santos Andrade. Fonte: Arquivo pessoal, 2022.

As dificuldades que encontramos iniciaram desde o processo de planejamento uma vez que nosso campo de estágio contava com um público fragilizado, muitas vezes sem poder sair da cama ou conversar conosco, devido ao parto recente ou a processos de recuperação tardia, já que estão passando por um momento de extrema mudança

pós gravidez tanto física, como fisiológica, psicológica e socialmente (MCKINNEY *et al.*, 2018).

Tendo isso em mente, foi necessário pensar em propostas que dispensasse uma participação mais ativa de parte do público (puérperas), mas que pudesse ocorrer com um mínimo de criatividade para torna-se mais atrativa. Esse pensamento se deu devido a atratividade de uma proposta educativa que possibilita um melhor entendimento, assim como facilita a fixação da atenção para a ação (OLIVEIRA; ALENCAR, 2012)

Desse modo, decidimos por utilizar de rodas de conversa com exposição lúdica dos temas utilizando de bonecos, cartazes, figuras e outras formas de elementos que pudessem ser utilizados para aproximá-las da atividade utilizando da oralidade, da expressão corporal e do uso de representações para desenvolver as ações.

Cabe destacar, nessa etapa, ainda outro desafio referente a integração do grupo como um todo, o que não ocorria em uma parte do tempo dificultando o trabalho de planejar e organizar as propostas de intervenção mais desgastante para parte do grupo, assim findando por sobrecarregar uns em detrimento de outros. Esse desafio foi o mais simples de contornar uma vez que conversas e discussões entre a nossa equipe foram suficientes para que fosse alcançada a integração total.

Segundo Ceccim e Ferla (2009), a aprendizagem desenvolvida em um processo educativo inclui relações afetivas e sociais, de modo que o local utilizado para a realização da educação, possibilita harmonia entre os participantes e a oportunidade de aprender com as experiências de outrem. Assim, apesar das condições que puérperas se encontravam foi possível criar um ambiente de aprendizagem, em que a relação harmoniosa entre os participantes possibilitou a troca de experiências.

A escolha dos temas das intervenções surgiu a partir da observação de problemáticas muito presentes no cotidiano da maternidade, tendo uma grande importância de serem mencionadas, pois trazem principalmente as necessidades que as puérperas passam durante esse período de mudanças e transformações, e que, muitas vezes, não são exploradas nesse ambiente, sendo essencial sua aplicação para que essas mulheres possam garantir qualidade em seu período pós gestacional.

Duas intervenções tiveram como plano central a amamentação, pois em decorrência da observação durante as conversas, existem alguns obstáculos relacionados com a mãe referente a amamentação. Devido a aspectos como crenças

populares sobre o ato de amamentar e o medo/vontade de fazê-lo, é importância que se oriente a mãe acerca dos benefícios dessa prática e a melhor forma de fazê-la neste caso, a partir da educação em saúde (RAJÃO, 2019; BRASIL, 2016).

As duas intervenções de vacinas e triagem neonatal se deram a partir da identificação de que a cobertura desses testes e vacinas não atingem as metas de testagem adequadas em diversos cenários. Isso se dá por diferentes fatores, dentre eles, cabe ressaltar, a falta de instrução advinda de um profissional sobre suas realizações e a sua devida importância (OLIVEIRA et al., 2020).

Quanto aos cuidados com recém-nascido, evidências demonstram que mães e cuidadores desinformados tendem a realizá-los de maneira errônea ou utilizando substâncias inadequadas nos primeiros meses de vida (PROCIANOY, 2010). Assim, as indicações sobre os produtos corretos e a melhor forma de realizar o cuidado deve ser indicada aos cuidadores com intuito de prevenir qualquer complicação.

A última proposta foi pensada a partir da necessidade de orientação das mulheres sobre seus cuidados no puerpério, desse modo possibilitando o seguimento de um período saudável sem a ocorrência de complicações preveníveis (FRANCISQUINI *et al.*, 2010). Em nossa estadia no local, foi possível perceber que algumas orientações eram feitas pelo serviço de saúde e outras não, como as indicações de quando retornar às atividades normais ou a necessidade de um apoio familiar durante esse período. Desse modo, essa intervenção teve por finalidade, garantir a continuidade do cuidado materno por meio da educação em saúde.

Nos encontros, devido ao local e a quantidade de leitos no alojamento, o público era bastante reduzido. Outrossim, durante todos os encontros, houve pouca interação das participantes, pois não podiam se esforçar muito em decorrência do parto ter ocorrido há poucas horas ou ínfimo interesse em interagir. Outra dificuldade encontrada foi o horário das intervenções, que precisavam atender ao cronograma da disciplina, em decorrência disso, ao chegar na maternidade para o primeiro encontro as puérperas e acompanhantes ainda estavam dormindo, sendo necessário que os discentes esperassem até que a intervenção pudesse ser realizada.

Além disso, cabe ressaltar que em alguns encontros se fez necessário uma readaptação para a realização das intervenções, pois, devido às condições que as mulheres se encontravam houve a necessidade de compreensão, paciência e flexibilidade. Em que, embora o processo educativo não tenha sido repassado para

muitas pessoas naquele espaço e não tenha a interação que deseja, ainda se configura como uma estratégia de transmitir conhecimentos para a população, de modo que houve a troca de informações e reafirmação do conhecimento da população sobre os temas.

Segundo Cardoso (2018) a falta de interação entre a equipe de enfermagem e os pacientes pode dificultar a troca de informações e processo de aprendizagem. Logo, somente com a escuta ativa, o olhar e a interação entre paciente e profissional, cria-se no paciente a sensação de segurança, e uma assistência humanizada. Posto isso, ao refletir sobre as intervenções realizadas, percebe-se que apesar de não ter tido uma interação tão ativa entre os participantes (parturientes e acompanhantes) e os alunos responsáveis, as abordagens de ensino que foram utilizadas valorizavam os saberes e vivências das mulheres parturientes, relacionando o conhecimento científico e do senso comum. Logo, criou-se uma relação de confiança entre ambos, sendo possível trazer novas informações e confirmar o que elas já conheciam.

Ademais, é notória a inovação criativa que o processo educativo demanda, de modo que a população por já ter conhecimento/experiências, acreditam não precisar das intervenções realizadas, assim segundo Cervera, Parreira e Goulart (2011), o desafio das novas intervenções estão relacionadas a educação objetiva, que não demande muito tempo e que permitam a participação ativa da população. Assim, as metodologias de ensino utilizadas para a intervenção trabalharam a participação ativa, através de questionários, dinâmicas, entre outros.

As avaliações das intervenções foram realizadas por meio de quiz de mitos e verdades e da organização de uma linha do tempo de alimentação do RN até os dois anos pelas puérperas, ambas tiveram boa aceitação do público e refletiu resultados positivos para as ações, visto que, as participantes não encontraram grandes dificuldades para responder às perguntas propostas de forma correta. Nessa perspectiva, ressalta-se que o uso do quiz e jogos lúdicos como mecanismo de aprendizado e avaliação constitui-se como uma importante ferramenta para instigar participação e construir conhecimento, além de tornar o processo de ensino mais agradável (ALVES et al., 2015, COSCRATO; PINA; MELLO, 2010).

Por fim, uma outra parte engrandecedora do estágio era realizada logo após cada intervenção onde nos reuníamos junto a professora em um espaço reservado para realizarmos uma autoavaliação da proposta realizada, nesse momento ainda eram

discutidos pontos específicos de cada ação onde pudessem ter ocorrido equívocos ou situações inesperadas durante a ação, geralmente nesse momento também era discutido como melhorar nossa abordagem para cada nova intervenção, de modo, a cada vez mais evoluir nossa forma de nos portar ou abordar cada assunto na roda de conversa.

A autoavaliação é uma ferramenta importante, pois, assim como indicam Silva, Bartholomeu e Claus (2007) ao caracterizá-la como uma forma de diagnóstico muito importante no processo de ensino/aprendizagem, uma vez que proporciona uma melhor visão de nossas potencialidades e fragilidades de modo a aprimorarmos após cada experiência vivida.

Com isso, apesar das dificuldades que encontramos para o planejamento das ações, para a integração grupal e para a interação das participantes, podemos indicar o estágio como um todo sendo uma experiência positiva que nos proporcionou um primeiro contato com o ensino dentro do contexto da enfermagem. Mediante as informações expostas, os encontros foram considerados pertinentes, visto que, os temas abordados foram selecionados de acordo com a realidade do serviço.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Educação Popular em Saúde em todas as esferas do sistema de saúde é de significativa relevância para a saúde da população em geral, pois, integra os conhecimentos previamente estabelecidos pela convivência em sociedade e o expande com o arcabouço científico baseado em evidências, tornando o indivíduo cada vez autônomo para cuidar da própria saúde.

Esse trabalho se torna ainda mais relevante quando a ação é aplicada em um espaço que carece de tempo para a realização desses momentos com seus usuários como é o caso da maternidade, então levar os discentes para dentro desses serviços com intuito de suprir a lacuna existente no processo permite o desenvolvimento, tanto do serviço ofertado no espaço como do arcabouço de habilidades dos alunos para realizar tarefas.

Cabe salientar, que a construção das propostas de EPS de forma coletiva pela equipe foi uma experiência de extrema importância para compreensão dos discentes a respeito das possibilidades do trabalho em equipe, para se planejar as ações de

promoção de saúde, que configuram como atividades benéficas para a população alvo das intervenções, sendo práticas reais com resultados palpáveis e possíveis de serem atingidos com o planejamento da proposta de educação que aproxima os alunos do papel de educador.

Mesmo que algumas das usuárias já tivessem ideias pré-concebidas dos assuntos tratados graças a experiências maternas anteriores, reforçar o conhecimento e buscar aprimorar o que elas já sabem por meio das ações também atende ao objetivo de uma ação de EPS executada com atenção a essa possibilidade.

A aceitação sem resistência da equipe pela comunidade participante pode ser indicada como um ponto potencial facilitador, possibilitando o estabelecimento de uma ponte entre os conhecimentos dos alunos com as puérperas e suas acompanhantes, gerando saberes compartilhados.

Além disso, como situações desafiadoras do processo configuram-se os problemas de integração ocorridos durante o processo de planejamento e execução das atividades. A cumplicidade da equipe executora também constitui uma potencialidade que permitiu que as ações realizadas atendessem as necessidades das participantes.

Em suma, a oportunidade de adentrar os serviços de saúde enquanto estudantes fortaleceu a interação entre ensino-serviço-comunidade, uma vez que a formação guiada por problemas reais que exigem uma solução real e aplicável é extremamente importante para o amadurecimento de um profissional em processo de graduação, permitindo abrir mais o olhar para compreender as reais necessidades e demandas das usuárias do serviço de saúde em questão.

REFERÊNCIAS

ALVES, Raissa Mirella Meneses et al. O quiz como recurso pedagógico no processo educacional: apresentação de um objeto de aprendizagem. In: **XIII Congresso Internacional de Tecnologia na Educação. Pernambuco. 2015.**

BRASIL. Ministério da Saúde. **II Caderno de educação popular em saúde – Brasília: Ministério da Saúde, 2014. 224 p.: il.**

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **RESOLUÇÃO No 510, DE 07 DE ABRIL DE 2016.** [S. l.], 24 maio 2016. Disponível em: <<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>> Acesso em: 25 ago. 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Protocolos da Atenção Básica**: Saúde das Mulheres. Instituto Sírio-Libanês de Ensino e Pesquisa – Brasília: Ministério da Saúde, 2016. 230 p.: il.

CAETANO, Karina de Cassia et al. **Pairamos: educação popular em saúde com gestantes e puérperas**. 2018. Disponível em: <<https://www.bdttd.uerj.br:8443/handle/1/10060>>. Acesso em: 06 de set. de 2022.

CARDOSO, Raquel Ferreira et al. Educação em saúde na assistência pré-natal: revisão de literatura. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, n. 23, p. e397-e397, 2019.

CECCIM, Ricardo B.; FERLA, Alcindo A. Educação em saúde: ensino e cidadania como travessia de fronteiras. **Trabalho, Educação e Saúde**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 3, p. 443-454, nov. 2008/fev. 2009.

CERVERA, Diana P. P.; PARREIRA, Bibiane D. M.; GOULART, Bethania F. Educação em saúde: percepção dos enfermeiros da atenção básica em Uberaba (MG). **Ciência & Saúde Coletiva, Rio de Janeiro**, v. 16, supl. 1, p. 1.547-1.554, 2011.

COSCRATO, Gisele; PINA, Juliana Coelho; MELLO, Débora Falleiros de. Utilização de atividades lúdicas na educação em saúde: uma revisão integrativa da literatura. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 23, p. 257-263, 2010.

DIAS, Eliani Sayumi Motisuki et al. Roda de conversa como estratégia de educação em saúde para a enfermagem/Conversation wheel as education strategy in health for nursing. **Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental Online**, v. 10, n. 2, p. 379-384, 2018.

FRANCISQUINI, Andréa Rodrigues et al. Orientações recebidas durante a gestação, parto e pós-parto por um grupo de puérperas. **Ciência, Cuidado e Saúde**, v. 9, n. 4, p. 743-751, 2010.

GENTILINI, João Augusto. Atores, cenários e planos: o planejamento estratégico situacional e a educação. **Cadernos de pesquisa**, v. 44, p. 580-601, 2014.

GUERREIRO, Eryjocy Marculino et al. Educação em saúde no ciclo gravídico-puerperal: sentidos atribuídos por puérperas. **Revista brasileira de enfermagem**, v. 67, p. 13-21, 2014.

MCKINNEY, Jessica et al. ACOG Committee Opinion No. 736: optimizing postpartum care. **Obstetrics & Gynecology**, v. 132, n. 3, p. 784-785, 2018.

OLIVEIRA, Edileusa Borges Porto; ALENCAR, Eunice Maria Lima Soriano de. Importância da criatividade na escola e no trabalho docente segundo coordenadores pedagógicos. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 29, p. 541-552, 2012.

OLIVEIRA, Kaynara Borges de et al. Análise do processo de triagem neonatal biológica no estado de Mato Grosso. **Enferm. foco (Brasília)**, p. 159-165, 2020.

PEREIRA, Vanessa Duca Valença et al. A Atuação do Enfermeiro Obstetra e sua Efetividade na Educação em Saúde às gestantes. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 8, p. 62890-62901, 2020.

PINHEIRO, Bruna Cardoso; BITTAR, Cléria Maria Lobo. Práticas de educação popular em saúde na atenção primária: uma revisão integrativa. **Cinergis**, v. 18, n. 1, p. 77-82, 2017.

PROCIANOY, Renato Soibelman. Cuidados de higiene com a pele do recém-nascido a termo (o a 30 dias). **Limay Editora** p. 04-06, 2010. Disponível em: <https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/pdfs/painel-JJ-Fasciculo-2.pdf>. Acesso em 07 de set 2022.

PROGIANTI, Jane Márcia; COSTA, Rafael Ferreira da. Práticas educativas desenvolvidas por enfermeiras: repercussões sobre vivências de mulheres na gestação e no parto. **Revista brasileira de enfermagem**, v. 65, p. 257-263, 2012.

QUENTAL, Líbna Laquis Capistrano et al. Práticas educativas com gestantes na atenção primária à saúde. **Rev. Enferm. UFPE on line**, v.11, p. 5370-5381, 2017.

RAJÃO, Daniel José da Silva. **Trabalho de Conclusão de Curso, Conhecimentos das mães sobre a amamentação**. 2019. Disponível em: <<https://bdigital.ufp.pt/handle/10284/8775>>. Acesso em: 08 de jul. de 2022.

SILVA, Kleber Aparecido da; BARTHOLOMEU, Maria Amélia Nader; CLAUS, Maristela M. Kondo. Auto-avaliação: uma alternativa contemporânea do processo avaliativo. **Revista brasileira de linguística aplicada**, v. 7, p. 89-115, 2007.

RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE TABAGISMO E O USO DO CIGARRO ELETRÔNICO COM ADOLESCENTE EM FASE ESCOLAR

*Alysson Hemetério Lima Pessoa
José Américo Sobrinho
Paula Micaele Oliveira Dantas
Pedro Bernardino da Costa Júnior*

RESUMO

O Programa Saúde na Escola (PSE) é caracterizado como um dos principais dispositivos essenciais para promover a integralidade da assistência à nível do SUS com as escolas afim de contribuir com o desenvolvimento dos jovens estudantes da rede pública, uma vez que ao reproduzir e disseminar conhecimento, as ações educativas promovem um olhar crítico reflexivo sobre o processo de promoção/prevenção da saúde dos mesmos, além de possibilitar a articulação do sistema de saúde com os profissionais da educação. Nesse viés, o presente estudo tem como objetivo relatar a experiência de acadêmicos de enfermagem sobre a vivência de uma prática de educação em saúde sobre cigarro eletrônico com adolescentes. Trata-se de um estudo descritivo, qualitativo, na modalidade de relato de experiência que busca em seu contexto, a compreensão da realidade vivida, em sua forma integrada. Proposto pelo componente curricular Estágio Curricular Supervisionado II tendo como público-alvo adolescentes do ensino médio da rede pública. As ações elaboradas e realizadas durante essa disciplina foram de fundamental importância no que concerne a aquisição de habilidades e conhecimentos na vida dos acadêmicos, uma vez que aproximou a teoria e a prática diretamente na comunidade, desenvolvendo novos conhecimentos e saberes a partir da experiência vivenciada.

Palavras-chave: Atenção primária em saúde; Saúde na escola; e-Cigarro.

ABSTRACT

The School Health Program (PSE) is characterized as one of the main essential devices to promote comprehensive care at the SUS level with schools to contribute to the development of young students in the public network, since by reproducing and disseminating knowledge, educational actions promote a critical, reflective look at their health promotion/prevention process, in addition to enabling the articulation of the health system with education professionals. In this bias, the present study aims to report the experience of nursing students about the experience of a health education practice on electronic cigarettes with adolescents. It is a descriptive, qualitative study, in the form of experience reporting that seeks in its context, the understanding of the lived reality, in its integrated form. Proposed by the curricular component Supervised Curricular Internship II targeting public high school teenagers. The actions developed and carried out during this course were of fundamental importance with regard to the acquisition of skills and knowledge in the lives of academics, since it brought theory and practice directly in the community, developing new knowledge and knowledge from the experience.

Keywords: Primary Health Care; Health at school; e-cigarette.



1 INTRODUÇÃO

No Brasil, entre os programas institucionais que são efetivados com base a promoção em saúde, destaca-se o Programa Saúde na Escola (PSE), estando fortemente ligado com a Estratégia Saúde da Família desde 2007, trazendo propostas para integrar e articular esses dois setores com ações que pretendem melhorar a qualidade de vida dos estudantes das escolas. Sua implementação se baseia em 5 componentes, sendo eles: avaliação das condições de saúde das crianças, adolescentes e jovens das escolas públicas; promoção da saúde e ações de prevenção de doenças e de agravos à saúde; educação continuada e capacitação dos profissionais da educação e da saúde e de jovens; monitoramento e avaliação da saúde dos estudantes; monitoramento e avaliação do programa. (LUCENA, CAVALCANTI & LUCENA, 2015). É por meio desses componentes que dão sustentação a esse trabalho, atuando através da promoção à saúde, que a temática “Tabagismo e cigarro eletrônico” foi trabalhada com jovens de uma escola fundamental e médio na cidade de Pau dos Ferros/RN.

Vargas *et al.* (2021) trazem em seu estudo que o uso do tabaco e seus derivados estão relacionados a milhões de mortes ao redor do mundo, sendo apontado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) que o tabagismo é a causa que mais acarreta mortes evitáveis. Estima-se ainda que, até 2030, caso o uso do tabaco continue a crescer, 8 milhões de óbitos poderão acontecer por ano e sua grande maioria (80%) em países subdesenvolvidos (VARGAS *et al.*, 2021).

Já o Cigarro Eletrônico (CE), popularmente conhecido como *vaping*, vem ganhando popularidade nos últimos anos, principalmente entre os jovens, surgindo como opção de tratamento para combater o uso do cigarro convencional feito a partir do tabaco. Eles possuem diferentes estilos e tamanhos, contando com essências saborizadas, produzem fumaça aromatizada, não causam mau hálito nem produzem cinzas, tornando-se bastante atrativo. Dentro desse dispositivo há um líquido que é aquecido e produz o vapor, sendo por este motivo, de acordo com os fabricantes, menos prejudicial que o cigarro de tabaco. Entretanto, esse produto é motivo de controvérsias e vem causando alvoroço entre os estudiosos da saúde que enxergam o seu uso desenfreado com bastante preocupação (BARRADAS *et al.*, 2021).

Silva e Pachú (2021) apontam que, apesar do uso de cigarros convencionais estarem diminuindo com o passar dos anos, os CE estão ganhando cada vez mais

espaço entre a população. Por meio disso, ainda com Silva e Pachú (2021) estima-se que 6,7% dos jovens acima de 18 anos das capitais brasileiras já fizeram uso do dispositivo, e que 2,32% fazem uso ocasionalmente ou diariamente. Os autores observaram que jovens de 18 a 24 anos que são fumantes ativos (principalmente o público masculino), tiveram início ou mantiveram o cigarro convencional mesmo após o uso do CE, ficando claro que esses produtos servem como porta de entrada para os cigarros de tabaco.

Todavia, vale ressaltar que a comercialização, importação e propaganda sobre todos os tipos de cigarros eletrônicos são proibidas no Brasil, de acordo com a RDC Nº46, de 28 de agosto de 2009 (BRASIL, 2009).

Nessa perspectiva, o Programa Saúde na Escola (PSE) torna-se uma ferramenta fundamental nas ações em saúde correspondentes a atividades de conscientização dos riscos e malefícios do uso do tabaco e cigarro eletrônico nas escolas, sendo uma temática que geralmente é ignorada pela população, provavelmente por ter se tornado um hábito cultural, mas que vem causando grande sensibilidade devido a um público tão jovem estar adotando cada vez mais cedo esses hábitos. Assim, como é um tema com muitos mitos e inverdades, as atividades realizadas através do PSE possibilitam a troca entre conhecimento científico e popular, tornando possível a discussão sobre a adoção de hábitos saudáveis (LIMA *et al.*, 2022).

Por fim, a realização da intervenção com os adolescentes de uma escola de ensino médio partiu da necessidade de compartilhar e trocar informações sobre a prática do tabagismo e uso dos cigarros eletrônicos, a fim de alcançar a conscientização diante da problemática, buscando sensibilizar um maior número de estudantes, visto que a adolescência é uma fase desafiadora e transformadora, cheia de pensamentos e conflitos internos.

2 OBJETIVOS

O artigo objetiva relatar a experiência de acadêmicos de enfermagem sobre a vivência de uma prática de educação em saúde sobre cigarro eletrônico com adolescentes de uma escola pública.

3 METODOLOGIA

Trata-se de um estudo descritivo, qualitativo, do tipo relato de experiência que busca em seu contexto, a compreensão da realidade vivida, em sua forma integrada. De tal modo que, a partir das perspectivas das pessoas envolvidas, seja considerado em sua subjetividade e pontos de vista relevantes. A abordagem qualitativa se propõe, segundo Minayo *et al.* (2004), a trabalhar com o universo de significados, crenças, aspirações, valores e atitudes que são encontrados na vivência e na experiência dos sujeitos que se relacionam entre si e com as instituições sociais. Desse modo, não se preocupa em quantificar a realidade, mas sim compreender e explicar a dinamicidade das relações humanas que dão significado à vida social.

A prática de educação em saúde foi realizada como parte do processo avaliativo do componente curricular Estágio supervisionado II, ministrado no 8º período do Curso de Licenciatura e Bacharelado em Enfermagem da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). A equipe de trabalho foi composta por quatro acadêmicos e teve como orientadores quatro enfermeiros e enfermeiras docentes.

O local de realização da atividade em destaque foi em uma escola estadual de ensino médio e fundamental na cidade Pau dos Ferros/RN. Em sua infraestrutura, a instituição possui uma rampa que proporciona acessibilidade à deficientes, 10 salas de aula, 2 banheiros, sala para os professores, sala de direção, laboratório de informática, biblioteca, cozinha e refeitório/pátio. Seu funcionamento ocorre de segunda a sexta nos turnos matutino, vespertino e noturno, respectivamente com os horários das 07:00hs às 11:30hs, pela tarde 13:00hs as 17:30hs, e noite das 18:30hs às 22:00hs.

A princípio, foi realizada uma captação da realidade com as turmas da escola, com intuito de identificar temáticas sobre a área da saúde que os próprios alunos queriam que fossem abordadas, e por meio disso, desenvolver ações que pudessem ser implementadas através do Programa de Saúde Escolar. Essas atividades foram desenvolvidas de acordo com as necessidades dos alunos e dos profissionais da escola, entre elas destacam-se necessidades sobre o acesso às informações e orientações sobre riscos e malefícios.

A atividade foi desenvolvida utilizando metodologias ativas, que conta com a interação dos participantes, em uma sala da turma do 2º ano do ensino médio, contando com a participação do professor e de mais 15 alunos, possuindo idades entre 15 e 18 anos. Foi realizada numa quarta-feira à tarde, a partir das 15:30hrs, e teve

duração de 50 minutos. Todavia, a pesquisa levanta as opiniões e conhecimentos prévios dos adolescentes, visto que essa é uma prática que vem se tornando cada vez mais frequente entre os jovens, principalmente durante a pandemia da COVID-19. Ao mesmo tempo, intercala-se com as dúvidas sobre esses produtos, bem como fazem questionamentos sobre quais consequências estão propensos a enfrentar.

Segue uma tabela com as etapas da intervenção:

ETAPAS	DURAÇÃO	MATERIAIS USADOS
Quebra-gelo	10 min	Interação dos alunos e discentes
Momento de discussão	25 min	Notebook e data show
Avaliação da atividade	15 min	Cartelas de bingo confeccionadas

4 RESULTADOS

Inicialmente, foi realizada uma dinâmica quebra-gelo do “telefone sem fio” onde foram repassadas informações verdadeiras e falsas a todos os participantes para que no final da dinâmica fosse correlacionado com as *fake News* que rondam o tema abordado, como “o e-cigarro não contém nicotina” ou “o cigarro eletrônico pode causar problemas respiratórios”. Todos participaram e se mostraram interessados com relação ao tema.

Para dar continuidade à ação educativa, foi apresentado um vídeo com uma reportagem com jovens usuários do *vaper*, no qual relatavam sua experiência com o dispositivo e as consequências sofridas pelo uso excessivo, com isso muitos dos jovens se mostraram surpresos com o efeito do e-cigarro alegaram que não sabiam que o dispositivo poderia causar vício. Todos mencionaram conhecer e já terem experimentado o cigarro eletrônico.

Após o vídeo, abrimos espaço para que contassem a experiência deles com a nicotina e a maioria relatou que começou a usar o e-cigarro sob influência dos amigos, e outros por familiares adeptos a essa prática. Dos 16 alunos, 6 relataram que experimentaram apenas uma vez, 6 que faziam uso “socialmente” e 4 que faziam uso contínuo do dispositivo. Um fato curioso apresentado na discussão foi que um dos

jovens afirmou ter problemas respiratórios e que não achava que o uso contínuo do dispositivo iria agravar seu quadro de saúde.

A partir disso, discutimos sobre os efeitos colaterais e os riscos que trazem à saúde em todos os aspectos, causando danos físicos, psicológicos e sociais. Depois discutimos sobre o período de pandemia da COVID-19, que causou um aumento no número de usuários em decorrência do aumento da ansiedade entre os jovens, e com isso vários relatos foram surgindo relacionando o uso do cigarro eletrônico com o aumento do estresse e da ansiedade. Levantamos questionamentos sobre quais doenças o uso do dispositivo poderia causar e se conheciam alguém que fazia uso diariamente e todos responderam que poderia causar apenas falta de ar, e que conheciam pessoas que faziam uso diariamente do dispositivo, desconhecendo assim o risco da dependência comportamental e psíquica que o cigarro eletrônico pode causar.

Alguns comentaram que deixaram de consumir o dispositivo eletrônico e passaram a consumir o cigarro convencional pelo custo-benefício, pois, o eletrônico, por estar “na moda”, está mais caro e o com isso o convencional demora mais para acabar, ressaltando assim que o cigarro eletrônico serve como porta de entrada para o uso do cigarro convencional.

Na sequência, preparamos um bingo com palavras descritas durante a discussão e conceitos-chave enumerados de 1 a 12 e pedíamos que cada um sorteasse um número correspondente ao conceito e marcassem na cartela a palavra que corresponderia ao conceito sorteado, por exemplo: “número 1-. Período em que houve um aumento de consumo do cigarro eletrônico” e eles marcavam na cartela a palavra que julgavam ser correspondente, no caso, “pandemia”. Neste momento, mostraram-se bastante interessados em acertar e fixar o conteúdo repassado e foram bastantes participativos, fortalecendo as informações recebidas e fixadas.

5 DISCUSSÃO

Na dinâmica sobre fake News, quando trabalhada a frase “cigarro eletrônico não contém nicotina”, muitos afirmaram que não sabiam que ele causava dependência. Nos Estados Unidos, uma pesquisa mostrou que 63% dos jovens americanos desconheciam que o cigarro eletrônico em forma de pen drive possuía, em

sua composição, a nicotina, uma das substâncias que leva à dependência e traz muitos outros malefícios (AMB *et al.*, 2021)

Outra grande diferença dos cigarros convencionais, é que os cigarros eletrônicos possuem muitas outras substâncias além da nicotina, como o propilenoglicol ou glicerol diluído em água. Também é possível adicionar substâncias que modificam o sabor, como por exemplo extrato de frutas, baunilha e menta, tornando o dispositivo mais atraente entre os adolescentes (KNORST *et al.*, 2014).

Ademais, foi possível notar que muitos desses adolescentes tiveram contato com o cigarro eletrônico por meio da influência dos familiares ou grupos de amigos. De acordo com o Ministério da Saúde (2018), os jovens, por serem mais “atenados”, acabam sendo mais vulneráveis às novidades, dentre outros motivos pela influência dos amigos e a superexposição a mensagens nas mídias sociais, e por isso acabam sendo levados a experimentar outras variações do tabaco, dentre elas o cigarro eletrônico.

As mídias sociais são muito importantes para a publicidade e estudos revelam que o marketing sobre os cigarros eletrônicos ocorre mais nessas mídias. Dessa forma, os jovens estão mais propensos a fazerem uso dos dispositivos eletrônicos para fumar (DEF), pelo fato de passarem grande parte do seu tempo nas redes sociais. Assim, uma das maneiras para coibir tal prática, é justamente trabalhando com o uso da internet, disseminando medidas preventivas que visem diminuir o uso desses produtos (BERTONI; SZKLO, 2021).

Acredita-se que a população que sofrerá maiores danos tanto a médio quanto a longo prazo serão os jovens, haja vista que atualmente é a população que mais consome o cigarro eletrônico. São muitos os motivos para tal comportamento, como o próprio *design* atraente dos dispositivos, os sabores que são adicionados, ou seja, a indústria está preocupada com a lucratividade e não com as consequências que trarão aos consumidores. Nesse sentido, as sociedades médicas respiratórias internacionais, trabalham para que seja proibido o uso do tabaco por jovens, assim como seu uso em ambientes fechados (SANTOS, 2018).

Nesse sentido, é mister destacar que dentre as consequências advindas pelo uso dos DEF temos os problemas respiratórios, que podem ser desenvolvidos ou agravados em decorrência do uso. Alguns jovens relataram durante a aplicação das dinâmicas

que perceberam o agravamento de problemas respiratórios, tais como falta de ar, mas desconheciam que poderiam trazer outros prejuízos à saúde.

Segundo o Instituto Nacional de Câncer (INCA) (2016), os dispositivos eletrônicos para fumar (DEF), além da nicotina, possuem também concentração de metais pesados tais como sódio, ferro, alumínio, níquel, magnésio, chumbo e cobre quando comparados ao cigarro comum, e em sua maioria eles são responsáveis por causar desconfortos respiratórios assim como estão associados ao desenvolvimento de algumas doenças pulmonares como o câncer.

Foi possível, ainda, identificar na fala de alguns alunos, que começaram a consumir o cigarro comum depois dos dispositivos eletrônicos. De acordo com Santos (2018), a partir do uso crescente dos dispositivos eletrônicos entre os jovens, há maior probabilidade de se tornarem consumidores do cigarro comum, além disso, desconhecendo os seus riscos, apresentam maiores chances de tornarem-se dependentes da nicotina.

Estudos em diversos países mostram um aumento importante com relação à popularidade do cigarro eletrônico. Na realidade, há poucos estudos no apontamento a essa prática e seus malefícios, no entanto, os poucos achados nos mostram um grande aumento na porcentagem de consumo entre os jovens brasileiros e como observado na intervenção, jovens relataram que durante o período de pandemia da COVID-19 houve um aumento da ansiedade, trazendo por consequência novos hábitos e deixando-os mais propícios ao risco que essa prática proporciona, e levando o e-cigarro para dentro das escolas com a volta às aulas, trazendo forte preocupação aos profissionais educadores (NOGUEIRA *et al.*, 2021).

De acordo com Nogueira *et al.* (2021), a venda do cigarro eletrônico está proibida no Brasil, porém seu acesso não é dificultado, sendo 43% das vendas realizadas através da internet e das redes sociais, sem nenhuma fiscalização e onde o maior público são jovens, ressaltando o público mais afetado por essa prática

A maioria dos jovens apontada pela literatura tem sua iniciação ao uso do cigarro de maneira precoce, com 16 e 17 anos, sendo cerca de 68% do sexo feminino, o que mostra maior interesse e dependência com relação ao seu uso. Foi observado durante os estudos que subsidiaram a ação educativa que cerca de 68% tiveram influência a iniciação ou experimentação pelos amigos, isso se dá mediante as relações sociais e regras de pertencimento a determinados grupos sociais nos quais se espelham

e reproduzem comportamentos e 8% por familiares fumantes, seguido de 7% sob influência da mídia (KLEIN *et al.*, 2021)

Dessa forma, Silva *et al.* (2014) caracterizam a escola como porta de entrada para a formação de indivíduos, não só de maneira acadêmica, mas na formação de valores e crenças, trazendo consigo a corresponsabilidade de formar cidadãos e transformar a sociedade. Assim, a escola se mostra um excelente campo para as intervenções em saúde e bem-estar, buscando a conscientização dos jovens através da educação em saúde, tornando-se fundamental para medir os riscos e malefícios de determinadas ações.

A iniciativa das escolas promotoras de saúde é resultado de uma ação em conjunto com a educação, saúde e sociedade, que busca compromisso com a manutenção das escolhas relacionadas a vida saudável. Nesse sentido, o Programa Saúde nas Escolas (PSE) propõe uma política integral à saúde (promoção, prevenção e atenção) com jovens do ensino público no ambiente escolar ou nas unidades básicas de saúde (UBS) realizadas pela Equipe de Saúde da Família (ESF) em conjunto com a equipe das escolas (SILVA *et al.*, 2014).

Esse processo requer o conhecimento das vulnerabilidades da população escolar, promovendo e protegendo a saúde com propósito de impactar de maneira positiva e promover qualidade de vida e informação em saúde atendendo a demandas específicas da comunidade. Logo, a escola é corresponsável pela formação e desenvolvimento dos jovens e crianças e para tal, se faz necessário que nesse espaço haja conhecimento e fortalecimento para a construção de valores, conceitos e maneiras de viver a vida, o que torna o PSE capaz de possibilitar o enfrentamento a esses condicionantes da saúde, considerando o ambiente familiar e comunitário (NOGUEIRA *et al.*, 2021).

6 CONCLUSÃO

A partir da realização das intervenções foi possível perceber o quão necessário é abordar temáticas polêmicas como essas no ambiente escolar, visto que recentemente vem tornando-se uma febre entre os jovens e causando grande preocupação entre os pais e os órgãos de educação e da saúde.

De fato, era perceptível o distanciamento dos adolescentes sobre as reais informações sobre as consequências do uso de *vaping* e do cigarro convencional, sendo isso o que causava um grande vislumbre e pouca preocupação nesses estudantes sobre os perigos escondidos em algo que prometia diminuir os índices do tabagismo, visto que, esse aumento desenfreando ocorreu em um período de extrema cautela e medo, a pandemia da COVID-19.

Sendo assim, destaca-se a necessidade de mais trabalhos como este com esses estudantes, que utilizem metodologias diversificadas que facilitem a captação da atenção desses adolescentes, disseminando as informações necessárias para que possibilite com que busquem preservar melhor a sua saúde e ter uma melhor qualidade de vida.

Por fim, compreende-se que a ação realizada com os alunos trouxe diversos benefícios para nossa formação discente, pois conseguimos vivenciar na prática a realidade da implementação de ações de saúde na escola e partir de tais vivências, compreender as necessidades e fragilidades que ali existiam. Além disso, ter a oportunidade de ir até o serviço, captar a realidade daqueles jovens e traçar estratégias de prevenção e promoção a saúde, configuram-se como sendo um importante exercício, pois, nos permite pensar de forma ampla e expandir a visão sobre as problemáticas que rodeiam as diversas realidades das escolas e sua interação com a saúde, e a partir de então, compreender que traçar estratégias para intervir nas necessidades observadas mostra sua importância quando se é possível experimentar aquela realidade.

REFERÊNCIAS

AMB et al., **Cigarros eletrônicos – o que já sabemos? O que precisamos conhecer?** p. 01-35, 2021.

BARRADAS, Ariel da Silva Machado et al. Os riscos do uso do cigarro eletrônico entre os jovens. **Global Clinical Research Journal**, v. 1, n. 1, p. e8-e8, 2021

BRASIL. Ministério da Saúde. **Narguilé e cigarro eletrônico: modismo entre jovens**, 2018. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-brasil/eu-queroparardefumar/noticias/2018/narguile-e-cigarro-eletronico-modismo-entre-jovens> Acesso em: 07 set. 2022.

BERTONI, Neilane; SZKLO, André Salém. Dispositivos eletrônicos para fumar nas capitais brasileiras: prevalência, perfil de uso e implicações para a política nacional de controle do tabaco. *Cadernos de Saúde Pública*, [S.L.], v. 37, n. 7, p. 01-13, 2021. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/0102-311x00261920>.

DA SILVA, Adeilson Pereira; PACHÚ, Clésia Oliveira. O uso de cigarros eletrônicos no Brasil: uma revisão integrativa. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 16, p. e216101623731-e216101623731, 2021.

INCA. **Cigarros eletrônicos: o que sabemos? Estudo sobre a composição do vapor e danos à saúde, o papel na redução de danos e no tratamento da dependência de nicotina** / Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva; organização Stella Regina Martins. – Rio de Janeiro: INCA, p. 01-122, 2016.

KLEIN, Tania Aparecida Silva et al. Hábito de tabagismo entre adolescentes de escolas brasileiras. *Revista Sustinere*, v. 9, p. 509-531, 2021.

KNORST, Marli Maria et al. **Cigarro eletrônico: o novo cigarro do século 21? * Jornal Brasileiro de Pneumologia**, [S.L.], v. 40, n. 5, p. 564-572, out. 2014. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1806-37132014000500013>.

LUCENA, PABLO LEONID CARNEIRO; CAVALCANTI, PATRICIA BARRETO; LUCENA, CARLA MOUSINHO FERREIRA. Programa Saúde na Escola: interpelações sobre ações de educação e saúde no Brasil. **Textos & Contextos (Porto Alegre)**, v. 14, n. 2, p. 387-402, 2015.

LIMA, Cibelle Ponci Marques et al. Prevenção do tabagismo nas escolas: Uma revisão integrativa. **Nursing (São Paulo)**, v. 25, n. 291, p. 8378-8393, 2022.

MINAYO, M.C.S. et al. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 23^a ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

Ministério da Saúde. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Resolução nº46, de 28 de agosto de 2009. Brasil, 2009.

NOGUEIRA, Juliana Vasconcelos et al. **Perfil tabágico dos estudantes do curso de medicina da Faculdade Pernambucana de Saúde**. 2021.

SANTOS, Ubiratan Paula. **Cigarro eletrônico-repaginação da indústria do tabagismo. Sociedade Brasileira de Pneumologia e Tisiologia**. p. 345-346, 2018.

SANTOS, Ubiratan Paula. Electronic cigarettes - the new playbook and revamping of the tobacco industry. **Jornal Brasileiro de Pneumologia**, [S.L.], v. 44, n. 5, p. 345-346, out. 2018. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1806-37562018000050003>.

SILVA, Kenia Lara et al. **Promoção da saúde no programa saúde na escola e a inserção da enfermagem**. *Revista Mineira de Enfermagem*, v. 18, n. 3, p. 614-629, 2014.

VARGAS, Luana Soares et al. Riscos do uso alternativo do cigarro eletrônico: uma revisão narrativa. **Revista Eletrônica Acervo Científico**, v. 30, p. e8135-e8135, 2021.

SAÚDE MENTAL NA ESCOLA: TRABALHANDO SOBRE ANSIEDADE NO ENSINO FUNDAMENTAL

*Ana Letícia Barros
Hugo Leonardo de Queirós Silva
Janaildo Josemar Davino
Jose Plynio do Rego Leite
Francisco Lucas Cardoso da Silva*

Resumo

O ambiente escolar é permeado de desafios, e a ansiedade constitui-se como um deles, fazendo com que haja uma estreita relação entre Educação e Saúde, já que a Educação é um fator determinante da saúde. Nesse sentido, esse trabalho objetivasse relatar a experiência vivenciada por um grupo de acadêmicos, a partir de intervenções acerca do tema saúde mental e ansiedade. Trata-se de um relato de experiência de cunho descritivo com abordagem qualitativa, sobre atividades de promoção da saúde na escola vivenciados por alunos de enfermagem, de uma Universidade estadual do Rio Grande do Norte. Utilizou-se de uma metodologia dinâmica e dialogada, onde cartazes que simulavam depoimentos relacionados a ansiedade foram expostos para instigar o debate sobre o assunto. A partir daí discutiu-se, aspectos que envolvem a ansiedade e os relatos dos alunos presentes. Estes relataram que a ansiedade está presente em situações diárias, situações essas que envolvem principalmente o contexto familiar. As intervenções trouxeram compartilhamento de experiências além do imaginado, apesar da divergência de idades, viu-se que há muito o que aprender e ensinar, visto a integralidade de cada um, podendo ser observado a materialização da educação na escola, notando-se fragilidades e a necessidade do espaço para saúde nesse ambiente.

Palavras-chave: Educação em Saúde; Ansiedade; Promoção da Saúde na Escola.

Abstract

The school environment is permeated with challenges, and anxiety is one of them, so there is a close relationship between Education and Health, since Education is a determinant of health. In this sense, this paper aimed to report the experience of a group of students, from interventions about mental health and anxiety. This is an experience report of a descriptive nature with a qualitative approach, about health promotion activities at school experienced by nursing students from a state university in Rio Grande do Norte. A dynamic and dialogued methodology was used, where posters simulating testimonies related to anxiety were exposed to instigate debate on the subject. From there, we discussed aspects involving anxiety and the reports of the students present. They reported that anxiety is present in daily situations, situations that mainly involve the family context. The interventions brought a sharing of experiences beyond what was imagined, despite the divergence of ages, it was seen that there is much to learn and teach, given the completeness of each one, and the materialization of education at school could be observed, noting weaknesses and the need for a space for health in this environment.

Keywords: Health Education; Anxiety; School Health Promotion.



1 INTRODUÇÃO

O Brasil é o país que apresenta a maior taxa de indivíduos com transtornos de ansiedade no mundo. 9,3% dos brasileiros possuem algum tipo desse transtorno. No ano de 2015 foram 18,6 milhões de pessoas atingidas. São dados que revelam o crescente número na sociedade com esse transtorno psicológico, podendo afetar qualquer pessoa, independentemente das condições sociais e ou econômicas, muitos desses transtornos podem ter início na fase da infância e da adolescência (CHADE; PALHARES, 2017).

Deste modo, a ansiedade é caracterizada pelos sentimentos de medo, incluindo fobias, transtorno obsessivo compulsivo, síndrome do pânico, stress após traumas, ansiedade em excesso, perturbações comportamentais relacionadas, associada a diversos fatores biológicos, sociais e ou psicológicos. A ansiedade é o mais comum dos transtornos psiquiátricos, podendo ocasionar em grande sofrimento e comprometer os indivíduos de diferentes maneiras, abrangendo desde os sintomas leves, até os mais graves, com tendências a serem duradouros (OMS, 2017).

O ambiente Escolar é permeado de desafios, e a ansiedade constitui-se como um deles, fazendo com que haja uma estreita relação da Educação com a Saúde, já que a Educação é um fator determinante da saúde. É preciso estabelecer vínculos entre país, alunos e professores para superar os inúmeros problemas que acarretam a aprendizagem dos alunos, devido ao transtorno de ansiedade que incapacita os estudantes de realizarem as suas atividades. São desafios que estão intimamente ligados aos fatores do ambiente, a interação com o professor, fatores sociais, emocionais, psíquico, a prática pedagógica que não motiva o aluno, falta de acompanhamento do estudante em decorrência da superlotação das salas e a falta de atividades que possa dar significado ao ensino como é o caso do lúdico (FONSECA, 2016).

A aprendizagem depende de como o aluno vai interagir com os professores e com o ambiente familiar. As manifestações da ansiedade e sua sintomatologia podem causar dificuldades no desenvolvimento do aluno, prejudicando na sua aprendizagem, tendo em vista que o ambiente escolar existe fatores que desencadeiam ansiedade no estudante, as próprias regras, o processo avaliativo, o volume de atividades, o convívio com os colegas dentre outros (FONSECA, 2016).

Dessa maneira, o Programa Saúde na Escola (PSE) é uma importante política Pública, elaborada com o intuito de promover educação em saúde, contribuir com formação integral dos alunos, através das ações de promoção, prevenção e de atenção à saúde dentro das Escolas, buscando enfrentar as vulnerabilidades que afetam o desenvolvimento das crianças e dos adolescentes das escolas públicas, trabalhando estratégias efetivas para minimizar o aparecimento de quadros ansiosos, que estejam relacionados a problemas da escola, procurando desenvolver habilidades para o enfrentamento da ansiedade nos alunos. O PSE foi criado a partir do Decreto Presidencial de nº 6.286 de 05 de dezembro de 2007 (RAMOS *et al.*, 2019).

Deste modo, o enfermeiro tem um papel crucial para atuar junto ao Programa Saúde na Escola, pela capacidade de adaptação a diversos cenários de prática e por sua atuação na ampliação das ações de promoção, proteção e recuperação da saúde. O profissional enfermeiro, deve contribuir de maneira ética para a construção de autonomia dos indivíduos, oportunizando o diálogo e respeitando as diferenças existentes, valorizando e potencializando o trabalho coletivo no espaço escolar, desempenhando atividades de educação em saúde para responder positivamente às condições de saúde nas escolas, fazendo com que haja o elo entre saúde e escola. Essa atuação fortalece o processo de ensino/aprendizagem e ajuda a superar os desafios que afetam os estudantes, tendo em vista que os transtornos de ansiedade é um dos grandes desafios vivenciados por professores e alunos em sala de aula (SILVA *et al.*, 2014).

Diante disso, o referido relato de experiência tem como justificativa sua relevância para o desenvolvimento da ciência, troca de experiências entre acadêmicos e estudantes, baseado no diálogo e na escuta, contribuindo para aproximar a teoria com a prática e o desenvolvimento de competências e habilidades no âmbito escolar, juntamente com os alunos, bem como compreender como se efetiva o processo de trabalho do enfermeiro no contexto escolar, atrelado ao programa saúde na escola.

Assim, objetivou-se relatar experiência vivenciada por um grupo de acadêmicos, a partir de intervenção de estágio curricular supervisionado II sobre saúde mental e ansiedade.

2 METODOLOGIA

Trata-se de um relato de experiência de cunho descritivo com abordagem qualitativa que, preocupa-se em compreender a realidade social de maneira profunda, inserindo a figura humana nos contextos em questão, proporcionando a qualidade dos dados adquiridos através das observações e pontos colhidos, sendo também, o relato de experiência parte integrante desta atividade, associando o saber empírico ao científico (GODOY, 1995).

Fundamenta-se nas ações desenvolvidas em uma Escola Estadual da rede pública situada na cidade de Pau dos Ferros/RN, por meio da disciplina de Estágio Curricular Supervisionado II, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte/UERN, Campus Pau dos Ferros, através dos acadêmicos do 7º período do curso de Enfermagem de uma Universidade Estadual do Rio Grande do Norte, para os alunos do 6º ano da escola em questão. Após uma captação da realidade prévia para implementação da atividade realizada na escola no dia 10 de junho de 2022, na ocasião se encontravam presentes 12 alunos, que levantaram alguns temas de grande relevância no ambiente escolar, sendo escolhido o conteúdo sobre saúde mental, mais especificamente o subtema ansiedade, o qual é abordado nesse estudo.

A implementação do plano de sessão foi realizada dia 14 de julho de 2022, no turno matutino, no local supracitado, contemplando os objetivos de promoção da discussão a partir dos conhecimentos prévios do público acerca da temática saúde mental; abordados questões como: conceito, características, como conviver com a ansiedade, a importância de manter o sono preservado, assim como o diálogo diante dos questionamentos e assuntos que surgiram no momento.

Utilizando-se de uma metodologia dinâmico e dialogada para subsídio da atividade, foi confeccionado um cartaz contendo depoimentos sobre o tema que, abriu espaço para a conversação entre os alunos e acadêmicos, sendo este, um momento de escuta qualificada, apoio emocional e troca de experiências. Ao final, foi proposta uma brincadeira com bexigas contendo perguntas para avaliar a aprendizagem e o quão importante foi esse momento para a turma, possuindo uma resposta positiva, frente a intervenção.

O momento total da intervenção durou cerca de 60 minutos, havendo mais da metade da participação da turma, contando também com a presença do supervisor da

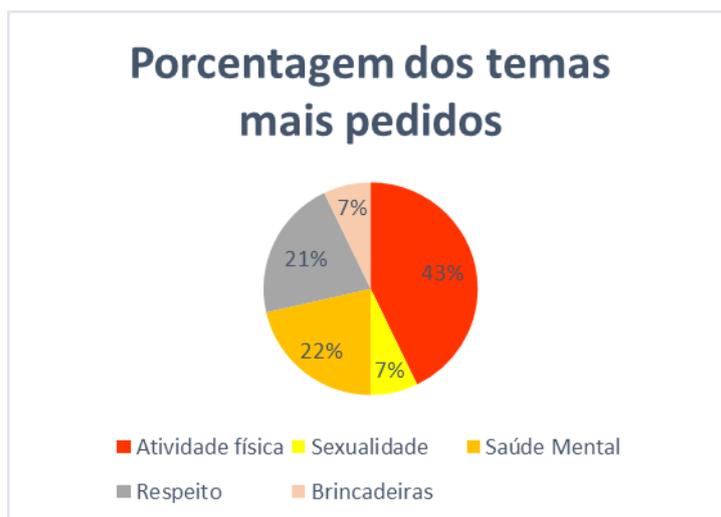
disciplina de estágio e a professora da escola, aos quais puderam dar suas contribuições e enriqueceram o momento com a troca mútua de conhecimentos.

3 RESULTADOS

A proposta da disciplina partiu do ideal proposto pelo PSE, programa esse que se constitui como um importante espaço e uma oportunidade para discutir, conceituar, aprender, desenvolver e fazer crescer a ideais de Promoção da Saúde (PS), promovendo inovações que ressignifiquem a escola como cenário de promoção da cidadania, do empoderamento e de mudança nos determinantes dos modos de vida (LOPES; NOGUEIRA; ROCHA, 2018). O modelo teórico-científico da PS prioriza a elaboração de estratégias de saúde subsidiadas por princípios que afirmam a importância de atuarmos sobre os determinantes e condicionantes de saúde, partindo de uma perspectiva intersetorial, inclusiva e que estimule a participação social visando superar práticas educativas que se restringem à intervenção nos hábitos e estilos de vida singulares (BUSS, 2000).

Mediante esse contexto de saúde na escola optou-se por discutir sobre ansiedade e saúde mental, o tema em questão foi o segundo mais requerido pelos alunos durante a captação da realidade realizada no dia 10 de junho de 2022. No gráfico 1 a seguir podemos observar os temas escolhidos pelos alunos quando questionados sobre quais assuntos lhes despertavam mais interesse no contexto da saúde e bem-estar:

Gráfico 1: Porcentagem dos temas para discussão requeridos pelos alunos do 6º ano.



Fonte: Autoria própria, 2022.

Observa-se no gráfico que o tema mais requerido pelos estudantes foi o tema atividade física 43%, esse tema obteve a maior porcentagem em decorrência da infraestrutura do colégio não contar com um espaço adequado para prática de atividades físicas como jogar futebol, futsal, queimada e outros esportes que exercitam o corpo, a mente e promovem o trabalho coletivo, isso fez com que os alunos despertassem um maior interesse por esse tema.

O tema saúde mental com 22% foi o segundo colocado, a saúde mental no período da infância pode ser compreendida enquanto um conjunto de habilidades adaptativas que envolvem aspectos emocionais, comportamentais e sociais (CID; MATSUKURA; CIA, 2015).

Dentro da saúde mental o subtema elencado para discussão foi a ansiedade, tendo em vista as alegações dos alunos sobre esse transtorno, principalmente após a pandemia da COVID-19. O isolamento e/ou distanciamento social recomendado pelas autoridades de saúde embora fosse a melhor estratégia de prevenção e para impedir que a doença se alastrasse também trouxe com sigilo a ansiedade, pois muitos não conseguem administrar essa nova forma de viver, com todo medo, angústia e preocupação gerado pela pandemia, o que consequentemente leva a alterações na saúde mental das pessoas (ROLIM; OLIVEIRA; BATISTA, 2020).

4 DISCUSSÃO

Considerando a ansiedade gerada pela transição desses jovens para adolescência e as implicações da pandemia supracitada, às atividades desenvolvidas, procuraram promover uma discussão conjunta sobre o assunto para promoção de uma aprendizagem proativa.

Na intervenção realizada no dia 14 de julho de 2022, os alunos puderam de início comentar o que sabiam sobre o transtorno de ansiedade, em seguida a dinâmica dos depoimentos nos cartazes possibilitou uma melhor contextualização sobre o tema ansiedade, os seus sintomas e suas crises, permitindo aos alunos exporem situações que vivenciam ou que presenciaram.

Através dessa dinâmica foram evidenciadas situações diversas. De acordo com o relato de alguns alunos, a ansiedade está presente em situações diárias, e são, situações que envolvem principalmente o contexto familiar.

Então, corroborando com Emerick, (2020):

A família é considerada como o primeiro meio social no qual o sujeito desenvolve relações que funcionam como base para as conexões seguintes. E as interações desenvolvidas nesse ambiente por um dos seus membros afeta o sistema como um todo, respeitando o processo da interdependência. Sendo assim, qualquer disfuncionalidade dentro do contexto familiar pode vir a causar o adoecimento dos seus membros.

Diante desse contexto, observamos a importância de se adotar estratégias de apoio ao público infantil, especialmente por se tratar crianças em idade pré-adolescentes.

O fator familiar é outro elemento de fundamental importância que pode dar origem à ansiedade infantil. Visto que alguns estudos apontam que a forma como se estabelece as relações entre pais e filhos, tornam-se base para a formação do próprio funcionamento interno dos sujeitos em desenvolvimento, e ao crescer outras pessoas passam a ser influências e formam a maneira como a criança lida com a ansiedade (MATOS *et al.*, 2015; MIOTO, 1998).

Dentro da instituição de ensino, de acordo com o relato dos próprios alunos, há situações em que estes consideram um quadro de ansiedade. Algumas brincadeiras acabam extrapolando o bom senso e, mesmo tratando-se de crianças, contribuem para o desenvolvimento ou agravamento da ansiedade para aqueles que a possuem. E a

partir desse momento que a escola pode e deve agir de maneira pedagógica, a conversar sobre a situação, utilizando de estratégias e recursos para a melhor compreensão dos estudantes.

No contexto educacional, dentro da escola, compreendendo que a criança se defronta com diversas situações, Weiss (2010) destaca que situações malconduzidas na escola podem gerar e até exacerbar a condição de ansiedade dos estudantes, visto que a aprendizagem é sempre acompanhada de emoção, corroborando, Silva B (2006) e Silva J (2009) através de estudos mostram que a ansiedade em excesso pode influenciar negativamente na aprendizagem (LOPES; KAULFUSS, 2018).

No desenvolver das atividades, os alunos se mostraram muito participativos nas intervenções realizadas, demonstrando interesse em conhecer sobre os temas, em especial, sobre a ansiedade. Ao tratarmos sobre esta temática, os estudantes compartilharam suas experiências sobre o que consideram a ansiedade. Relatos sobre situações vivenciadas em casa, com amigos, na escola, e principalmente, utilizando as mídias digitais.

A brincadeira das perguntas na bexiga realizada ao final das discussões e utilizada para evidenciar a eficácia da intervenção mostrou resultados muito positivos, onde pode-se constatar a ampliação de conhecimentos sobre o assunto para melhor lidar com situações que envolvam o transtorno.

A expressão presente no rosto dos alunos refletia um certo alívio de poder extravasar dúvidas e sentimentos reprimidos, esse fato deixou evidente o quanto o assunto era relevante para os alunos e como se faz necessário trabalhar a saúde mental no PSE, pois, assuntos relacionados a saúde mental como a ansiedade ainda são pouco discutidos no meio escolar, familiar e na sociedade em geral.

As brincadeiras de modo geral, e especificamente a da bexiga, também proporciona a criança a se distanciar de algo que a faz sofrer. Nesse contexto, (FREUD, 1908; MARQUES; EBERSOL, 2015), ressaltam a importância do brincar para a criança que possui ansiedade, como sendo uma forma de expressão da criança, no qual ela elabora seus conflitos e demonstra seus sentimentos.

As atividades de jogos e brincadeiras são meios de promoção in loco de saúde mental, caracterizando-se não somente “como a consolidação da promoção da saúde, mas também como a produção de conhecimento que relaciona as temáticas jogo/brincar e saúde mental” (PACHECO; GARCEZ, 2012).

5 CONCLUSÃO

Tendo em vista a abordagem sobre o estudo, a proposta de intervenção trouxe um compartilhamento de experiências além do imaginado, onde, apesar da divergência de idades, se viu que há muito o que aprender e ensinar em qualquer estágio de vida, visto a integralidade de cada um, podendo ser observado a materialização da educação na escola, notando as fragilidades e a necessidade do espaço para saúde nesse ambiente.

Os objetivos propostos, de maneira geral, foram contemplados, evidenciando cada vez mais a necessidade de um amparo multiprofissional nesses espaços para dar condução as inúmeras questões e problemáticas existentes, principalmente ao que diz respeito a saúde mental, pois, apesar da inserção da universidade nestes momentos de atividade em campo, não se pode configurar como uma assistência diante das necessidades cotidianas. Contudo, apesar de breve, as contribuições feitas conseguiram preencher algumas lacunas presentes, na ocasião em que foi ofertado o que melhor poderia ser feito, com o que tínhamos, no lugar onde estávamos.

REFERÊNCIAS

Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Passo a passo PSE: Programa Saúde na Escola: tecendo caminhos da intersetorialidade. Brasília, Ministério da Saúde, 2011.

BUSS, Paulo Marchiori. Promoção da saúde e qualidade de vida. **Ciência & saúde coletiva**, v. 5, p. 163-177, 2000.

CID, Maria Fernanda Barboza; MATSUKURA, Thelma Simões; CIA, Fabiana. Relações entre a saúde mental de estudantes do ensino fundamental e as práticas e estilos parentais. **O Mundo da Saúde**, v. 39, n. 4, p. 504-513, 2015.

CHADE, Jamil; PALHARES, Isabela. Brasil tem maior taxa de Transtorno de Ansiedade do mundo, diz OMS. Estadão. São Paulo, 23 de fev. 2017. Disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,brasil-tem-maior-taxa-de-transtorno-de-ansiedadedo-mundo-diz-oms,70001677247>. Acesso em: 24 de maio 2019.

FONSECA, Vitor da. Dificuldades de Aprendizagem: abordagem neuropsicopedagógica. 5ªed. Rio de Janeiro: Wak, 2016.

FREUD, Sigmund. (1909) **Análise de uma fobia de um menino de cinco anos**. Trad. sob a direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

OMS, ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE: Depression and other common mental disorders: global health estimates. World Health Organization, p. 1–24, 2017.

RAMOS, Fabiana Pinheiro; KUSTER, Nayara Stefenoni; RAMALHETE, Juliana Nascimento Lucas; NASCIMENTO, Cláudia Porto do. Oficina de Controle de Ansiedade e Enfrentamento do Estresse com Universitários. *PSI UNISC, Santa Cruz do Sul*, v. 3, p. 121-140, 2019

SILVA, Kenia Lara et al. Promoção da saúde no programa saúde na escola e a inserção da enfermagem. **Revista Mineira de Enfermagem**, v. 18, n. 3, p. 614-629, 2014.

EMERICK, Amanda Schlee Villa. A relação da estrutura familiar e o desenvolvimento da ansiedade infantil. **Psicologia-Tubarão**, 2020.

FONSECA, VITOR. Dificuldades de aprendizagem: abordagem neuropsicopedagógica. 5ªed. Rio de Janeiro: Wak, 2016.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de empresas**. São Paulo, v. 35, n.3. p. 20-29, 1995.

LOPES, Iraneide Etelvina; NOGUEIRA, Júlia Aparecida Devidé; ROCHA, Dais Gonçalves. Eixos de ação do Programa Saúde na Escola e Promoção da Saúde: revisão integrativa. **Saúde em Debate**, v. 42, p. 773-789, 2018.

LOPES, Lea Aparecida de Lara; KAULFUSS, Marco Aurélio. ANSIEDADE INFANTIL: impactos na aprendizagem. **REVISTA CIENTÍFICA ELETRÔNICA DE CIÊNCIAS APLICADAS DA FAIT**, Ano VI. v 10, n 1, maio, 2017.

MARQUES, Fernanda Martins; EBERSOL, Helenise Lopes. **A Importância do Brincar para o Desenvolvimento Infantil**. Disponível em: Acesso em: 16 set. 2022.

MATOS, Mariana Bonati de et al. Eventos estressores na família e indicativos de problemas de saúde mental em crianças com idade escolar. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 20, p. 2157-2163, 2015.

MIOTO, R. C. T. Família e saúde mental: contribuições para reflexão sobre processos familiares. *Katálysis, Florianópolis*, n. 2, p. 20-26, 1998. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/katalysis/article/view/5573/4974>.

PACHECO, Fernanda Pimentel; GARCEZ, Eliane Maria Stuart. O jogo e o brincar: uma ação estratégica na promoção da saúde mental. *Rev. Saúde Públ. Santa Cat., Florianópolis*, v. 5, n. 1, jan./abr. 2012.

ROLIM, Josiane Alves; OLIVEIRA, AR de; BATISTA, Eraldo Carlos. Manejo da ansiedade no enfrentamento da Covid-19. **Revista Enfermagem e Saúde Coletiva-REVESC**, v. 5, n. 1, p. 64-74, 2020.

SILVA, B. F. B. da., Ansiedade: o impacto da ansiedade no rendimento escolar e na motivação de alunos. In: Dificuldades de aprendizagem no processo de alfabetização intervenção pedagógica, 2006. 65 p. Monografia - Programa de Pós-Graduação em Psicopedagogia, Universidade Candido Mendes, Rio de Janeiro, 2006, p. 38-31.

SILVA, Jefferson Moisés Santos. Os efeitos da ansiedade na aprendizagem e prática do yoga como recurso psicopedagógico, In: **IX Congresso Nacional de Educação III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia**. Anais... Curitiba: PUC, 2009, p.7388- 7396.

WEISS, M.L.L. A avaliação e a instituição escolar. In: BOSSA, Nadia Aparecida; OLIVEIRA, Vera Barros de (Orgs.) Avaliação psicopedagógica de criança de 7 a 11 anos. Petrópolis: Vozes, 2010, p. 166-173.



Editora
IDEIA
Inst. de Desen. Educ. Interd. e Aprendizagem

